



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

TATIANE LAZZAROTTI

**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE SÃO DOMINGOS/SC:
NO TEMPO DAS SERRARIAS (1950-1986)**

CHAPECÓ

2025

TATIANE LAZZAROTTI

**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE SÃO DOMINGOS/SC:
NO TEMPO DAS SERRARIAS (1950-1986)**

Dissertação apresentada para o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Mestre em História sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Marcos Myskiw.

CHAPECÓ
2025

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Lazzarotti, Tatiane
HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE SÃO DOMINGOS/SC: NO TEMPO DAS
SERRARIAS (1950-1986) / Tatiane Lazzarotti. -- 2025.
154 f.:il.

Orientador: Doutor Antonio Marcos Myskiw

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em História,
Chapecó, SC, 2025.

1. História Local. 2. Serrarias. 3. Comércio de
madeiras. 4. Colonização. 5. São Domingos - SC. I.
Myskiw, Antonio Marcos, orient. II. Universidade Federal
da Fronteira Sul. III. Título.

TATIANE LAZZAROTTI

**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE SÃO DOMINGOS/SC:
NO TEMPO DAS SERRARIAS (1950-1986)**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS para obtenção do título de Mestre em História, defendido em banca examinadora em 14/03/2025.
Aprovado em: 14/03/2025

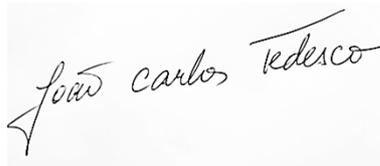
BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br ANTONIO MARCOS MYSKIW
Data: 02/06/2025 13:34:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Antonio M. Myskiw – (PPGH/UFFS)
Orientador

Documento assinado digitalmente
gov.br LEANDRO BALLER
Data: 02/06/2025 18:31:28-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Leandro Baller (PPGH/UFGD)
Membro externo



Prof. Dr. João Carlos Tedesco (PPGH/UFFS)
Membro Interno

Chapecó/SC, Março de 2025.

AGRADECIMENTOS

Essa é a realização de um grande sonho. Depois de vinte anos, retorno aos bancos universitários. Não foi fácil me desafiar na escrita, pois muita coisa mudou desde a graduação. Sair da rotina, abdicar de momentos de lazer com familiares e amigos e dedicar horas para as leituras. Trouxe cansaço, mas também muita satisfação e aprendizado. Tive que reaprender a estudar novamente. Senti-me acolhida por todos desta instituição. Fiz novos amigos com quem sempre pude contar e, acima de tudo, aprender.

Inicialmente, agradeço a Universidade Federal da Fronteira Sul por ter me oportunizado ingressar no PPGH. Carinhosamente, agradeço ao meu primeiro orientador, Dr. Jaisson Teixeira Lino, pelas orientações iniciais do meu projeto de pesquisa e, de maneira muito especial, ao Prof. Dr. Antônio Marcos Myskiw, que aceitou o desafio de me guiar orientando e ajudando a construir essa pesquisa e, principalmente, por não desistir de mim. Minha gratidão a todos os professores do curso que, com sua excelência, contribuíram com meu crescimento. Aos doutores membros da banca Leandro Baller e Jaisson Teixeira Lino pelas contribuições na qualificação, pelas sugestões, dicas e conselhos fornecidos que deram luz para minha escrita. Aos colegas Ernoy, Fernanda, Ângela e Marilize, que foram colegas nas disciplinas isoladas e que me incentivaram no processo de seleção. Aos amigos que fiz nesta universidade, especialmente o Marcos, a Saruê e Samara, com quem pude dividir os momentos de frustração e insegurança. Também, tenho muito que agradecer ao amigo André Bertozzo por suas importantes contribuições durante todo o processo. A minha mãe, que sempre com suas orações pedia minha proteção nas viagens até a universidade, me dava forças e me encorajava a não desistir. Ela sempre compreendeu meus momentos de estresse e muito me apoiou na jornada acadêmica. Agradeço de todo o coração por todo o amor que me concedeu.

Agradeço aos entrevistados e colaboradores - Naldina Griss, Naldira Pedrassani Griss, Arcílio Bigolin, Cladi Citron Bortoli, Neodir Remualdo Mulinari, Gelson do Prado, Juarez Camera, Luci Camera, Nelson Bressan, Renato Simon, Volnei Marcos Lammel, Clodomiro de Oliveira, Marivone e Vacilda Borges, que, desde o início, demonstraram interesse em contribuir para a pesquisa, fornecendo informações, materiais e compartilhando suas memórias. Agradeço aos colegas professores da EEB Prof^a Gênova Palma Nunes, que sempre ouviram minhas angústias e me incentivaram e, em especial, a minha amiga Sandra que sempre me deu força para ingressar e continuar.

Foi uma jornada que precisei dividir com os inúmeros problemas pessoais enfrentados principalmente no ano de 2024, mas, com o apoio de todos, me senti forte para continuar e dessa forma adquirir um maior conhecimento sobre a história do município de São Domingos que certamente traz ao leitor informações inéditas que merecem ser partilhadas.

Enfim, a todos, muito obrigado!

RESUMO

As histórias e memórias sobre as serrarias fundadas em São Domingos - SC, entre as décadas de 1950 e 1980, são o objeto deste estudo. No entanto, ao estudar a história e a trajetória das serrarias, percebemos que se entrelaçam com a história das comunidades rurais e do município de São Domingos, pois a intensa atividade madeireira movimentou a colonização das terras e da área urbana, com descendentes de imigrantes europeus e colonos nacionais. O estudo utiliza como aporte documental, sobretudo fotografias antigas e a memória oral de uma dezena de pessoas, amparados pelo aporte teórico em torno dos conceitos de memória, memória oral e fotografia. Para um município que não possuía escritos sobre a história local, a oralidade foi essencial porque desvelou memórias antigas quase esquecidas ou bem particulares dos depoentes sobre as serrarias, os moinhos, as casas, as igrejas e as atividades de lazer preservadas nas fotografias existentes em acervos pessoais. O texto está dividido em três capítulos: o primeiro, mais teórico; o segundo, de contextualização em torno da exploração madeireira no Oeste Catarinense desde o início do século XX, perpassando pelas empresas colonizadoras; e o terceiro, historicizando sobre as serrarias e o povoamento de São Domingos - SC. A atividade econômica da exploração e comercialização da madeira foi importante ferramenta às colonizadoras e aos migrantes para fazer nascer e minimamente estruturar as vilas e cidades nas primeiras décadas de existência.

Palavras-chave: História local; serrarias; comércio de madeiras, colonização, São Domingos-SC.

ABSTRACT

The stories and memories about the sawmills founded in São Domingos-SC, between the 1950s and 1980s, are the object of this study. However, when studying the history and trajectory of sawmills, we realize that they are intertwined with the history of rural and the municipality of São Domingos, as intense logging activity led to the colonization of land and the urban area, with descendants of European immigrants and national settlers. The study uses as documentary support, mainly old photographs and the oral memory of a dozen people, supported by theoretical support around the concepts of memory, oral memory and photography. For a municipality that did not have writings on local history, orality was essential because it revealed ancient, almost forgotten or very private memories of the interviewees about sawmills, mills, houses, churches and leisure activities preserved in photographs in personal collections. The text is divided into three chapters: the first is more theoretical; the second of contextualization around logging in Western Santa Catarina since the beginning of the 20th century, including colonizing companies; and the third historicizing the sawmills and the settlement of São Domingos-SC. The economic activity of wood exploration and commercialization was an important tool for colonizers and migrants to create and minimally structure towns and cities in the first decades of their existence.

Keywords: Local history; sawmills; timber trade, colonization, São Domingos-SC.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Mapa da localização do município de São Domingos.	15
Figura 2 — Carimbo utilizado pelo fotógrafo de Lauro Lima, o primeiro do município.	35
Figura 3 — Avenida Paulista no princípio do século XX.	37
Figura 4 — Espaço da serraria Indústrias de Pinho Ltda em 1958 pertencente a família Griss.	39
Figura 5 — Estoque de madeira da serraria Indústrias de Pinho Ltda em 1968 pertencente a família Griss.	40
Figura 6 — Toras de araucárias no pátio da serraria Indústrias de Pinho Ltda da família Griss.	40
Figura 7 — Mapa da Localização da Terra Indígena Xapecó localizada nos municípios de Ipuacú e Entre Rios - SC.	45
Figura 8 — Propaganda veiculada pelo jornal Staffetta Riograndense de Caxias do Sul sobre a Colônia Bom Retiro em 1921.	56
Figura 9 — Propaganda veiculada pelo jornal Staffetta Riograndense de Caxias do Sul sobre a Companhia de Terras Norte do Paraná em 1936.	57
Figura 10 — Propaganda da Colonizadora Nardi, Rizzo & Simon veiculada pelo jornal Staffetta Riograndense de Caxias do Sul em 1927.	58
Figura 11 — Fotografia de Araucárias no município de São Domingos.	61
Figura 12 — Retalhamento das terras no Oeste catarinense pelas colonizadoras responsáveis pela ocupação da região.	65
Figura 13 — Mapa Rodoviário do município de São Domingos.	66
Figura 14 — Mapa das vilas e povoados que faziam parte do município de Chapecó.	68
Figura 15 — Mapa de 1930 da região que comprrendia o município de Chapecó.	69
Figura 16 — Mapa demonstrativo do quantitativo de araucárias na Região Sul do Brasil.	71
Figura 17 — Balsa sobre o Rio Uruguai.	76
Figura 18 — Serraria Lumber no município de Três Barras-SC.	79
Figura 19 — Serra manual traçadeira utilizada para o corte das árvores.	82
Figura 20 — Mapeamento com a localização das serrarias no município de São Domingos.	83
Figura 21 — Primeira casa da família Griss, coberta de tabuinhas em 1951.	85
Figura 22 — Vista aérea da cidade de São Domingos fotografada por Lauro Lima na primeira tomada aérea do local em 1970.	85

Figura 23 — Folha de pagamento de empregado da serraria em 1959.	88
Figura 24 — Folha de pagamento e funções dos trabalhadores da serraria em 1959.	89
Figura 25 — Serraria Indústrias de Pinho Ltda da família Griss em 1970.	91
Figura 26 — Locomóvel também conhecida como caldeira a vapor usada para fornecer energia.	93
Figura 27 — Foto aérea da antiga serraria Berthiér em 1980.	99
Figura 28 — Movimento de caixa da Serraria Berthiér em julho de 1992.	101
Figura 29 — Serraria da Família Lammel em 1960.	109
Figura 30 — Igreja na Linha Imigra no ano de 1960.	110
Figura 31 — Igreja na Linha Imigra no ano de 1961.	110
Figura 32 — Primeira igreja da cidade construída em madeira no ano de 1956.	114
Figura 33 — Primeiro patroleiro do município em 1963.	115
Figura 34 — Av Irineu Bornhausen 1957.	116
Figura 35 — Avenida em 2024.	116
Figura 36 — Salão de Arlindo Borges no ano de 1965.	116
Figura 37 — Baile realizado no salão em 1966.	117
Figura 38 — Cotidiano do bar em 1968.	118
Figura 39 — Reunião política em 1969.	118
Figura 40 — Desfile cívico registrado em 1954.	118
Figura 41 — Primeiro hotel do município.	119
Figura 42 — Ferraria de Augusto Lodi em 1965.	120
Figura 43 — Vista do moinho nos anos 1970.	121
Figura 44 — Moedor de milho.	122
Figura 45 — Descascador de arroz.	122
Figura 46 — Fechador de embalagens.	122
Figura 47 — Canjiqueira.	122
Figura 48 — Cano onde descia a farinha.	123
Figura 49 — Elevador.	123
Figura 50 — Caixa de armazenamento.	123
Figura 51 — Vista interna do moinho.	123
Figura 52 — Foto atual do moinho.	124
Figura 53 — Sociedade Esportiva Independente em 1960.	125
Figura 54 — Primeira casa de alvenaria do município.	125

Figura 55 — Fotografia do primeiro prédio da prefeitura do município de São Domingos em 1974.....	126
Figura 56 — Atual Centro Administrativo.....	126
Figura 57 — Chegada dos aparelhos de TV no município em 1974.....	127
Figura 58 — Entrega do troféu de desbravador a Domingos Baldissera.	128
Figura 59 — Serraria da família Pretto na Linha Imigra em 1951.....	129
Figura 60 — Carregamento de erva na década de 1960.....	130
Figura 61 — Construção da ervateira -1975.	130
Figura 62 — Ervateira em 1978.	130
Figura 63 — Primeira embalagem em 1976.....	131
Figura 64 — Segunda Embalagem em 1978.....	131
Figura 65 — Nota de venda da erva-mate em 1984.....	132
Figura 66 — Serraria Berthiér em 1987.	133
Figura 67 — Vista aérea do Parque Estadual das Araucárias.	134
Figura 68 — Localização e área do Parque Estadual das Araucárias.	135
Figura 69 — Base de concreto da antiga serra-fita da serraria Berthiér.....	136
Figura 70 — Identificação dos antigos fornos de carvão da serraria Berthiér.	137
Figura 71 — Antigo forno de carvão utilizado pela serraria.....	138
Figura 72 — Placa da Bacia Hidrográfica.....	138

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Demonstrativo das áreas que São Domingos fez parte.....	70
Tabela 2 — Evolução da população do município de São Domingos com destaque para o período de maior atuação das serrarias.....	72

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABNT — Associação Brasileira de Normas Técnicas.
- CAAE — Certificado de Apresentação de Apreciação Ética.
- CEP — Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos.
- FATMA — Fundação do Meio Ambiente.
- FUNAI — Fundação Nacional do Índio.
- HO — História Oral.
- IBAMA — Instituto Brasileiro do Meio Ambiente.
- IBDF — Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal.
- IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- IMA — Instituto do Meio Ambiente.
- IPHAN — Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
- ONG — Organização Não Governamental.
- SPI — Serviço de Proteção ao Índio.
- UCs — Unidades de Conservação.
- UHE — Usina Hidrelétrica.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	A HISTÓRIA DO LUGAR ARQUITETADA NA MEMÓRIA	25
2.1	NARRATIVAS SE CONSTROEM PELA MEMÓRIA: A HISTÓRIA ORAL... 30	
2.2	AS FONTES ICONOGRÁFICAS COMO UM TESTEMUNHO VÁLIDO	34
3	DIFERENTES FASES DA OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO	41
3.1	PRIMEIRA FASE: OCUPAÇÃO INDÍGENA	43
3.2	SEGUNDA FASE: MANIFESTAÇÃO CABOCLA	47
3.3	TERCEIRA FASE: A PRESENÇA DO IMIGRANTE	52
3.4	CONHECENDO NOSSO LUGAR: SÃO DOMINGOS - SC	66
4	DAS FLORESTAS SURGEM AS SERRARIAS: A INDÚSTRIA MADEIREIRA EM SANTA CATARINA.....	73
4.1	AS SERRARIAS DO MUNICÍPIO DE SÃO DOMINGOS: RELATOS E EXPERIÊNCIAS	81
4.1.1	Serraria Família Griss	84
4.1.2	Serraria Família Bortoli	92
4.1.3	Serraria Família Bigolin	95
4.1.4	Serraria Família Bressan.....	96
4.1.5	Serraria Berthier	99
4.1.6	Serraria Família Mulinari	102
4.1.7	Serraria Famílias Senger e Simon	106
4.1.8	Serraria Família Lammel	109
4.2	O CRESCIMENTO DO LOCAL: MEMÓRIAS E LEMBRANÇAS DO MUNICÍPIO.....	113
4.3	PRIMEIRA INDÚSTRIA DE ERVA-MATE NO MUNICÍPIO	129
4.4	A SERRARIA SE TRANSFORMA EM LOCAL DE PRESERVAÇÃO: O PARQUE ESTADUAL DAS ARAUCÁRIAS.....	133
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
6	REFERÊNCIAS	144
	APÊNDICE A	153
	ANEXO A	154

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade o uso da madeira desempenhou papel importante para que as diferentes civilizações pudessem suprir suas demandas de subsistência nas suas mais diversas necessidades. O Brasil é um país que se destaca por possuir grandes reservas florestais e o uso da madeira nos meados do último século fez parte de um importante ciclo econômico contribuindo para o crescimento do país. Desde o início do período colonial¹ do Brasil, a exploração da madeira marca sua história.

O primeiro produto que despertou o interesse dos portugueses foi o pau-brasil. Essa planta nativa foi muito comercializada até pelo menos os trinta primeiros anos do século XVI, gerando muitos lucros a coroa portuguesa. Após o ciclo do pau-brasil, outros produtos fizeram parte da economia colonial, como o açúcar, o ouro, o café, o charque e a borracha. Já no início do século XX, os interesses passaram a voltar-se para a exploração das araucárias² e outras madeiras nobres ganham espaço no cenário econômico aliando-se ao desejo de ocupar as áreas despovoadas.

A presente dissertação analisa a atividade desenvolvida pelas serrarias³ no município de São Domingos – SC, onde elas foram atuantes, principalmente entre as décadas de 1950 e 1986, retirando principalmente as araucárias e possibilitando a formação de áreas de lavoura. Descobrir, mesmo que parcialmente, a história e a atuação da atividade madeireira no município é uma das razões para a realização desta pesquisa. Investigar algo que já não existe mais, porém permanece viva na memória das pessoas que chegaram ao local há mais de 50 anos. Pessoas com mais idade que geralmente tiveram contato, seja diretamente ou não, com as atividades das serrarias no município e que participaram ativamente da história do lugar.

São Domingos está situado na região Oeste de Santa Catarina, com clima temperado e com riquíssima fauna e flora. Tem sua população formada por indígenas, caboclos e colonos

¹ O período do Brasil Colônia se estendeu de 1500 até a Independência do Brasil declarada por D. Pedro I em 7 de setembro de 1822. Nesse período os portugueses dominaram o território brasileiro onde promoveram a conquista, o extermínio e escravização dos nativos e a exploração das riquezas como o pau-brasil e o ouro.

² A Mata de Araucária integra o domínio do bioma da Mata Atlântica. Constitui o ecossistema do Oeste de Santa Catarina e Paraná, com uma variedade de espécies, entre elas o Pinheiro do Paraná.

³ A categoria serraria e madeireira é utilizada na dissertação devendo observar seu contexto. No município de São Domingos foram instaladas oito serrarias sendo que esta é um local onde a madeira bruta é processada, cortada e transformada em tábuas, pranchas, vigas e outros produtos serrados. A serraria é descrita por Rocha (2002, *apud* RÖPER, 2018, p. 11) como um estabelecimento ou imóvel onde são recebidas e armazenadas as toras, que logo após são processadas em madeira serrada, onde é estocada, seca e destinada para o mercado. Quanto a madeireira, que se caracteriza por comercializar a madeira bruta, o termo é utilizado sob o aspecto mais amplo onde procura analisá-la sob o aspecto da atividade no Estado e no país.

de descendência europeia que aqui vieram se estabelecer ainda no início do século XX. A partir de 1940, São Domingos, que na época era um distrito que pertencia ao município de Chapecó, começa a receber um contingente maior de migrantes, vindos principalmente do vizinho estado do Rio Grande do Sul. Esses migrantes⁴ estavam interessados nas riquezas naturais que representavam novas oportunidades de aproveitamento. As terras eram extremamente férteis e possuíam uma flora riquíssima de araucárias e erva-mate, além de outras madeiras de lei até então quase que totalmente inexploradas.

Figura 1 — Mapa da localização do município de São Domingos.



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:SantaCatarina_MesoMicroMunicip.svg. Acesso em 17 de junho de 2024.

O interesse em aprofundar os estudos sobre as serrarias do município deu-se por razões de proximidade com o objeto de estudo. Brincando na vizinhança, ouvindo lembranças e tendo relações diretamente com os netos do proprietário da serraria da família Griss foi um ponto de partida, e cada informação sobre essas primeiras serrarias aumentavam o desejo de pesquisar sobre elas. A pesquisa também foi motivada em razão da quantidade dessas empresas que aqui se instalaram, gerando oportunidades de emprego, renda e motivações para que novos migrantes sejam como proprietários ou empregados que aqui se aventuraram para explorar as riquezas do local. Com a instalação das serrarias, o município passa a sofrer

⁴ No decorrer da escrita dependendo do contexto da informação são utilizados os termos ora migrante, ora imigrante. Imigrante é a pessoa que sai de seu local de origem e se estabelece em outro país. Já o migrante é aquele que se desloca dentro do espaço dos limites do território nacional.

transformações mudando a feição do lugar. Novas atividades econômicas como moinho, ferraria e armazém vão surgindo e o local vai se configurando para a categoria de município e essa dinâmica pode ser comprovada a partir das entrevistas.

A cada entrevista realizada, encontravam-se informações da existência de outras serrarias. No total, foram realizadas 11 entrevistas com pessoas que eram as proprietárias e também trabalhadores nas mais diversas funções das serrarias. Homens e mulheres (esta em menor número) na faixa etária dos 59 aos 91 anos que tiveram relações diretas com as serrarias do município e os documentos e fotografias que foram partilhados com satisfação possibilitam estabelecer certa compreensão do período proposto a investigar. A boa recepção e interesse em participar das entrevistas foi predominante. Vale destacar que houve a negação de apenas um dos selecionados que talvez se deu em razão de acreditar que a pesquisa tivesse relação com questões ambientais, mas os resultados não foram prejudicados.

Foram muitos os percalços pessoais enfrentados no decorrer da pesquisa, mas o que motivou seguir adiante foram principalmente as expectativas das pessoas que confiaram e partilharam suas memórias. As serrarias já não existem materialmente, mas restaram as lembranças e algumas fotografias de pessoas que vivenciaram a história dessa atividade. Foram momentos preciosos que merecem ser registrados enquanto ainda temos a chance de nos apropriar delas.

A pesquisa foi desenvolvida com base em fontes bibliográficas e materiais disponíveis em arquivos públicos e privados. Também foram essenciais as fontes orais através das entrevistas com os antigos proprietários e trabalhadores que estiveram enredados no trabalho das serrarias, ou seja, quem viu ou viveu no período da história que aqui nos interessa possibilitando levantar informações que sejam inéditas sobre a história das serrarias.

Nos poucos registros sobre a história do município encontrados na biblioteca municipal estão documentos e fotografias que foram de grande importância para a escrita. Entre esses registros estão dois livros que foram encomendados e produzidos pela gestão de antigos prefeitos e, embora tragam informações sobre obras públicas e insuficientes dados sobre a atividade das serrarias, possibilitaram dar os primeiros passos para a pesquisa. Há também no site da prefeitura disponível na Wikipedia, breves informações sobre as formas de ocupação humana no município e sobre as atividades econômicas desenvolvidas a partir de 1950.

Ao longo da pesquisa autores como: Peluso (1991) Radin (1997), Boni (1987), Piazza (2003), Santos (1998), Bellani (2006), Tomé (1995), Vital (2008), Waloszyn (2007) Ferreira (1997), Claval (2004) Diegues (2008), Schama (1996), Worster (2003), Nascimento e Scifoni (2010), Le Goff (2010), Koselleck (2006), Barros (2005), estão entre as principais fontes

inspiradoras e que forneceram elementos que tornaram possível uma aproximação com os relatos das entrevistas e com o tema proposto a investigar.

Terras férteis e regadas por farta rede hidrográfica e com muita madeira atraem os interesses das companhias colonizadoras que iniciam um povoamento em larga escala com agricultores trazidos principalmente do vizinho Estado do Rio Grande do Sul.

A mudança desse quadro veio a ocorrer no transcorrer das décadas de 1940 e 1960 quando colonizadoras privadas levam a cabo um arrojado empreendimento de ocupação do espaço regional, produzindo concreta e simbolicamente uma forma específica de apropriação e domínio sobre o meio [...]. (FREITAG, 2007, p.74).

As serrarias tiveram um papel determinante na história da (re) ocupação⁵ das regiões do Oeste catarinense e foram grandes responsáveis pela alteração das paisagens. O extrativismo do século XX consumiu cerca de 95% da cobertura florestal original porém aqui não vamos tratar das consequências ambientais que foram geradas pela atuação das serrarias, e sim abordar a sua prática, seu cotidiano e a dinâmica de seu funcionamento a partir das memórias de quem vivenciou esse período.

Compreender o processo de colonização que se estabeleceu na região Sul do Brasil é fundamental para entender as transformações do lugar, bem como seu desenvolvimento. Os recursos que a natureza oferecia começam a ganhar novos olhares. Ela se torna um meio rentável e passa cada vez mais a ser explorado. As serrarias instaladas em quase todos os lugares foram grandes responsáveis para que a mata fosse retirada e assim pudessem limpar os terrenos para a posterior prática da agricultura.

A colonização branca no Brasil iniciou-se efetivamente em 1532 com a fundação da vila de São Vicente, no litoral do atual estado de São Paulo; no entanto, visto que o Brasil possui dimensões continentais, foram precisos quatro séculos para que o Oeste de Santa Catarina fosse ocupado pelos descendentes de imigrantes europeus.

Os governos das províncias tinham interesses em colonizar as regiões que consideravam vazios demográficos – excluídos ali a presença do indígena e do caboclo. Aliado a isso, estavam os interesses das empresas colonizadoras que estavam intimamente ligadas ao processo de ocupação. Elas garantiriam concessões sobre a terra e assim poderiam obter grandes lucros ocupando e explorando as riquezas naturais da região. A lei de terras de

⁵ Por vezes o termo aparece como ocupação ou (re) ocupação. A ocupação quando se trata do elemento branco está associado a conquista ou a marcha para integrar as regiões à política nacional que visava o progresso e o desenvolvimento. Estabeleceu-se o domínio do território com a apropriação do espaço destituindo os nativos e caboclos desse processo. Muito além de povoar as áreas consideradas vazias, estava o uso e apropriação da terra com o aproveitamento das riquezas naturais.

1850 incentivou a colonização estabelecida sobre fortes conflitos com os habitantes nativos que tiveram sua cultura violentamente descaracterizada e seu território drasticamente reduzido.

O território que era ocupado eminentemente por povos indígenas e caboclos passa a sofrer alterações e novos valores, culturas e hábitos são incorporados ao local com a chegada do colonizador branco. Novas maneiras de atender as necessidades cotidianas vão se sobrepondo aos modos e a cultura dos que antecederam os colonizadores descendentes de europeus.

Todo o Oeste catarinense era habitado por indígenas e caboclos⁶ que viviam na imensidão verde da floresta, onde predominava segundo Saint-Hillaire a imponente araucária. Saint-Hillaire foi um botânico francês que esteve no Brasil entre 1816 a 1822, assim como muitos outros viajantes que percorreram o país no período colonial. Ele descreve os diferentes aspectos de um Brasil com natureza exuberante e que despertou a curiosidade, o interesse e a cobiça de muitos que aqui aportavam. A araucária que, segundo Hillaire, não apenas enfeitava os campos, mas também era imensamente útil aos povos nativos, foi uma das espécies vegetais mais exploradas no início da colonização da região.

A araucária possui importância fundamental na cultura indígena sobre diversos aspectos. Do carvão era feita uma tinta para ornamento do corpo e do rosto. No cocho feito do tronco da araucária é fermentado o Kiki, uma bebida ritualística à base de mel silvestre e o pinhão que constitui um dos principais alimentos tanto dos Kaingang quanto de diversos animais que lhes serviam de caça. Também o caboclo, fruto da miscigenação entre indígenas e luso-brasileiros, era um profundo conhecedor das florestas, cujas atividades eram baseadas na agricultura de subsistência, no corte da erva-mate e no tropeirismo sendo aos poucos afastados de seu território na medida em que colonos⁷ oriundos do Rio Grande do Sul adquirem as terras das companhias colonizadoras para a expansão das frentes agropecuárias.

Todavia, a paisagem e os modos de vida de indígenas e caboclos foram aos poucos sendo substituídos e alterados devidos principalmente a atuação das empresas colonizadoras que almejaram obter grandes lucros com a venda das terras e também o progresso e

⁶ Caboclo é a designação dada no Brasil para o indivíduo que foi gerado a partir da miscigenação de um indígena com um branco. Este nome também é usado para adjetivar a figura do homem do sertão brasileiro, que possui modo rústico, desconfiado ou traiçoeiro.

⁷ O termo colono é utilizado na dissertação de forma genérica, referindo-se aos migrantes das colônias gaúchas que reocuparam as terras do Catarinense principalmente ao longo da primeira metade do século XX e que se dedicaram principalmente a atividades agropecuárias e exploração das florestas.

desenvolvimento da região. Os migrantes gaúchos encontram um território de densa floresta que precisava ser derrubada para que a agricultura pudesse ganhar seu espaço.

Belani (1991) contribui afirmando que ocupação da região Oeste de Santa Catarina se deu em virtude da presença de um solo fértil e próprio para a prática da agricultura, bem como as imensas florestas que poderiam ser aproveitadas. As companhias colonizadoras serviram-se desses fatores para fazerem propaganda e atraírem migrantes gaúchos. Aliado aos interesses dos governos e das companhias colonizadoras que desejavam ocupar os lugares que consideravam vazios demográficos estava o aumento da demanda mundial por madeira durante o período da primeira guerra mundial. A viabilidade da exploração dos pinhais no Sul do país tornou o Brasil um dos principais exportadores do produto, passando segundo Carvalho (2006), de 4.412 toneladas no ano de 1911 para 152.021 toneladas em 1918 após o final da Guerra.

A paisagem do município começa a ser alterada com a chegada dos colonizadores, principalmente italianos e alemães no início do século XX. Segundo Santos (1988), a paisagem é um objeto de mudança e está sempre em transformação sendo resultado de sucessivas marcas da história conforme os interesses de cada período.

A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições; a lógica pela qual se fez um objeto no passado era a lógica da produção daquele momento. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos. (SANTOS, 1988, p. 23).

Os novos habitantes desejavam tornar as áreas de floresta em terras agricultáveis. Aliado a esse desejo dos colonizadores, estavam os empresários do ramo madeireiro que viram a possibilidade de gerar grandes lucros com a derrubada da floresta. Incentivou-se a instalação de inúmeras serrarias na região, o que representou uma das principais atividades econômicas até aproximadamente 1986. As serrarias atraíram muitas pessoas que tinham o interesse em prosperar, aumentando o número populacional propiciando novas atividades econômicas e, dessa forma, contribuindo para a formação e desenvolvimento de muitas vilas que logo se tornariam municípios.

Em São Domingos, assim como nas outras regiões do Sul do Brasil, o surgimento de serrarias foi possível devido à abundância dos recursos florestais, sendo a araucária a formação vegetal que mais se destacava. A araucária era uma das espécies vegetais que mais interessava, pois possibilitava a retirada de tábuas mais largas e com maior durabilidade.

A grande riqueza natural, composta de araucária e de várias outras madeiras nobres, constituía um vasto manto verde em boa parte da região. O avanço do processo de colonização fomentou o extrativismo da madeira e, paralelo a essa atividade, favoreceu a formação de muitas vilas em toda a região, que posteriormente se constituíram nas sedes de municípios. (RADIN; SALINI, 2016, p.38).

Em meados do século XX, em quase todas as colônias da região Sul do Brasil haviam serrarias instaladas. Na maioria delas, o pinheiro era derrubado de forma artesanal. A serra e os carros de boi estavam em quase todas elas. A necessidade de suprir as necessidades fez com que grandes áreas de floresta fossem derrubadas para que pudessem tornar as áreas agricultáveis e também favorecer a criação de animais. A derrubada de pinheiros em escala industrial passou a ser feita de forma cada vez mais rápida. Esse processo de crescimento do ramo madeireiro coincide com a intensificação da colonização e ocupação das áreas de floresta. As empresas colonizadoras aparecem como aliadas nesse processo de ocupação e consequente derrubada das florestas.

Cientificamente designada de Floresta Ombrófila Mista, a araucária desempenha um papel principal na fisionomia florestal do planalto Sul brasileiro. Tiveram sua exploração econômica relacionada com a imigração e a migração de colonos, principalmente gaúchos que estavam interessados na ocupação. Conforme aponta o pesquisador Gil Karlos Ferri,

De fato, a presença do pinheiro do gênero araucária (*Araucária angustifolia*), o chamado pinheiro brasileiro, nos três estados meridionais do Brasil, determinaram, em grande parte, o rumo de sua ocupação e organização. (2016, p. 65 *apud* RIBEIRO; POZENATO, 2005, p. 148).

De acordo com Belani, 1991, os colonos migraram para a região, movidos pelo desejo de extrair as riquezas naturais. Também contribuem com o tema os autores Radin e Valentini (2016, p.176), “[...] entre 1950 e 1980, os colonos que se instalaram no Extremo-Oeste de Santa Catarina e Sul do Paraná, nas áreas fronteiriças com a Argentina, transformaram a paisagem da região”. Os primeiros colonos desenvolveram atividades primárias ligadas à exploração principalmente das araucárias e a agricultura que praticamente extinguiu as florestas. O município de São Domingos se enquadra nesse contexto, pois foi esse o período de maior aumento populacional registrado.

Sob o viés da História Local e fundamentada com revisão bibliográfica, pesquisas em acervos tanto públicos como de particulares, e a utilização de fontes como, documentos escritos, fotográficos e entrevistas orais, buscou-se levantar dados primários sobre a atuação das serrarias existentes no município no período, possibilitando uma reflexão sobre este passado recente. Estudar o meio que vivemos, nos torna personagens da história e, como

escreve Arruda, “O presente move o historiador ao passado, estudando o mesmo através das fontes históricas e das memórias. Permite, a partir do já conhecido, estudar o desconhecido”. (ARRUDA, 1995, p.61).

Neves (1994, p. 24-5) acrescenta que:

A história local sendo o lugar da existência histórica concreta, é a via da qual se alcança, em termos de apreensão e compreensão um processo global no qual a humanidade imprime sua marca e para algumas concepções, revela (ou constrói) a sua essência.

Dentre os recursos utilizados nas pesquisas direcionadas a história local, a contribuição das fontes orais permite conhecer alguns resquícios do passado pautado em depoimentos dos que participaram de determinado fato histórico. De acordo com Barros (2009), as primeiras experiências com pesquisas que envolvem a história oral ocorreram nos Estados Unidos no início da década de 1950, mas ganha impulso na década de 70, onde historiadores do mundo inteiro começam a utilizá-la como fonte em suas pesquisas ganhando cada vez mais reconhecimento no meio acadêmico. Inicialmente privilegiando o estudo das elites e não dos excluídos, tem sua consagração nos anos 80, possibilitando dar voz aos anônimos ou pessoas comuns revisitando o passado das pessoas que foram por vezes negligenciadas e excluídas da historiografia. Assim como outras fontes históricas, a história oral tem seus aspectos problemáticos como a falha de memória na relação cronológica dos acontecimentos, alterações para relembrar tendo em vista as experiências presentes e a própria história pronta.

A história oral é uma ferramenta valiosa para os historiadores construírem e reconstruírem a história, revelando uma relação entre passado/presente na perspectiva concreta do fazer-se da história “[...] A história oral nos convida, portanto, a jamais perder de vista que a história está sempre em... construção”. (FERREIRA, 1997, p.66).

A partir da memória de um povo, é possível construir a sua história. Ela tem o papel de salvar um passado e desempenha um importante papel na construção das identidades e também no resgate de uma história que por vezes ficou esquecida. Pessoas comuns como os trabalhadores das serrarias podem ganhar seu espaço para também contribuir com a história dos fatos e dos lugares a partir de suas memórias. O estudo da atividade desenvolvida pelas serrarias no município, a relação que os homens tiveram com a natureza, é uma chave de entrada para a compreensão de uma época que conduziu a profundas mudanças sociais e ambientais e que configuram a sociedade atual.

Quem busca encontrar o cotidiano do tempo histórico deve contemplar as rugas no rosto de um homem, ou então as cicatrizes nas quais se delineiam as marcas de um destino já vivido. Ou ainda, deve evocar na memória a presença, lado a lado, de prédios em ruínas e construções recentes, vislumbrando assim a notável transformação de estilo que empresta uma profunda dimensão temporal a uma simples fileira de casas; que observe também o diferente ritmo dos processos de modernização sofrido por diferentes meios de transporte, que, do trenó ao avião, mesclam-se, superpõem-se e assimilam-se uns aos outros, permitindo que se vislumbrem, nessa dinâmica, épocas inteiras. (KOSELLEK, 2006, p. 13-14).

Para aprofundar a análise, cruzaremos a memória oral com fotografias de época. A partir desses elementos visuais podemos conectar o objeto de estudo da pesquisa, propiciando um diálogo que permite serem vistos os fragmentos da atividade das serrarias. As fontes iconográficas apresentam-se como um desafio e como uma possibilidade de demonstrar uma realidade de uma sociedade que ali foi fixada, permitindo que se aflore aos olhos do leitor os aspectos de um período importante da história do município, compreendendo a simbologia que a imagem carrega e assim contribuindo para revisitar o passado. No decorrer dos capítulos existem algumas fotografias com data aproximada de seu registro. O tempo e o esquecimento não permitiram a exata datação de todas as fotografias. Vale destacar que a prática de tirar retratos ainda era pouco utilizada ou não acessível a maior parte das pessoas.

E foi através dessa perspectiva que esse trabalho foi elaborado. O propósito dele consiste em examinar a atividade das serrarias considerando sua importância para a economia e ocupação do município, analisando essa indústria como algo específico, mas que fez parte da história dos lugares, principalmente do Oeste Catarinense. Pretende-se identificar o pioneirismo das serrarias na região, ainda que de maneira muito artesanal com o uso de equipamentos simples como a serra-fita e o serrote, mas que contribuíram para atrair a vinda de muitas pessoas e famílias que foram abrindo caminhos e oportunidades para novas atividades comerciais. Diante disso, o objetivo deste trabalho é historicizar sobre a atividade das serrarias no município de São Domingos - SC entre as décadas de 1950 a 1986, seu cotidiano e sua dinâmica de funcionamento analisando essa atividade como pioneira na economia local e que de certa forma, contribuiu para o desenvolvimento da agricultura.

Para a realização desta pesquisa, se estabelecem os objetivos específicos, sendo: 1- Apresentar os aspectos tanto naturais, sociais e históricos do município, caracterizando o espaço físico, o contingente humano e suas trajetórias para o entendimento das inter-relações com a natureza; 2 - Dialogar sobre o processo de imigração para o Brasil e a colonização do Oeste Catarinense investigando as origens das serrarias no município de São Domingos, paralelamente à colonização; 3 - Coletar memórias da atuação das serrarias no município, considerando a visão dos proprietários e também dos operários, utilizando-se de entrevistas,

documentos escritos e fotografias levantando dados primários sobre a atuação das serrarias existentes no município entre os períodos de 1950 a 1986; 4 - Identificar as primeiras atividades econômicas que surgem a partir das serrarias no município contribuindo para ampliar os estudos sobre as transformações que ocorreram na paisagem a partir da atividade das serrarias; bem como mapear a localização das serrarias.

A pesquisa agrega culturalmente para o município de São Domingos, pois os fatos pesquisados são inéditos e relevantes para conhecer o período histórico da época das serrarias e, aproveitar-se das fontes vivas permite-se coletar dados que possibilitarão às gerações futuras conhecerem essas memórias. Neste sentido o estudo se diferencia dos demais por dar ênfase à indústria madeireira do Oeste Catarinense, mais especificamente para o município de São Domingos, considerando sua importância para a econômica e ocupação do município, analisando a indústria madeireira como algo específico, que fez parte da história dos lugares, como é o caso de São Domingos.

A dissertação está dividida em três partes. No primeiro capítulo, são apresentadas reflexões sobre a história local, as fontes orais, o uso da memória e da fotografia, sendo estas as metodologias que orientam a pesquisa. Embasado em bibliografias que sejam capazes de proporcionar um entendimento e fornecer elementos para compreender o tempo e espaço disposto a pesquisar, bem como a evolução dos conceitos e as perspectivas para sua utilização nas pesquisas atuais.

No segundo capítulo, o estudo pretende contextualizar sobre o processo de povoamento do Oeste Catarinense. Nele se evidenciam a ocupação indígena e cabocla que antecede o colonizador imigrante bem como a atuação das companhias colonizadoras que favoreceram o surgimento de inúmeras comunidades, estreitando para a história do município de São Domingos, sendo que este teve seu crescimento e evolução determinada pelas atividades de extração de araucárias desenvolvido pelas serrarias.

No terceiro capítulo, é abordada a história da indústria madeireira. É o momento de discutir sobre a história das primeiras indústrias do município: as serrarias. Dialogando com a história local e as fontes orais, serão apresentados os relatos e reflexões sobre oito serrarias que foram obtidas a partir das 11 entrevistas realizadas com as pessoas que vivenciaram o período proposto. Apresentam-se no capítulo os primeiros indícios do crescimento do município com o surgimento dos primeiros comércios que vão configurando a vida dos habitantes do local. Também se pretende abordar sobre as concepções atuais para a utilização das florestas, sendo fundamental conhecer a história da criação do Parque Estadual das Araucárias enquanto medida a fim de preservar a fauna e a flora de um local que antes

funcionava uma serraria. Dessa forma, este capítulo é fundamental para conhecer a dinâmica das serrarias que atuaram no município de São Domingos e que abriram caminho para que novas atividades econômicas fossem desenvolvidas.

A atividade madeireira foi objeto de estudos de diversos pesquisadores e ainda há muitas possibilidades para explorar o tema. Certamente essa atividade contribuiu de forma significativa para a diminuição principalmente das araucárias e a consequente alteração da paisagem, mas também determinou os rumos da história de muitos lugares principalmente do Oeste catarinense. Os recursos das florestas e suas formas de utilização deram novos sentidos à relação entre os homens e a natureza.

De acordo com Koselleck (2006), nosso presente logo será passado e, neste sentido, essa pesquisa sobre aspectos da história local do município de São Domingos baseado nas vivências de trabalhadores e proprietários das serrarias, pode contribuir com a construção e preservação das memórias do lugar. As entrevistas e as fotografias que retratam o período da atividade das serrarias, do cotidiano do município e de antigas construções que faziam parte da paisagem fornecem elementos para compreender o período permitindo que a memória seja registrada, compartilhada e resguardada antes de seu total esquecimento.

2 A HISTÓRIA DO LUGAR ARQUITETADA NA MEMÓRIA

Antes de nos aprofundarmos sobre a história local, é fundamental expor algumas contribuições de Koselleck⁸ sobre as instâncias temporais de passado, presente e futuro. De acordo com o autor, quando o historiador mergulha no passado, ele se confronta com vestígios e estes dão testemunho da história que se deseja apreender. As experiências e as expectativas entrelaçam o passado e o futuro. A experiência seria o passado que pode ser lembrado e a expectativa se realiza no hoje, onde o futuro presente ainda não foi experimentado e sim previsto. Tanto a experiência quanto a expectativa são categorias capazes de entrecruzar o passado e o futuro. Cada tempo sendo único e inédito, mas que lançam desafios para o futuro.

A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, que não precisam estar mais presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é preservada uma experiência alheia. Neste sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias. (KOSELLECK, 2006, p. 309-310).

De acordo com Kosellech (2006), o já conhecido que foi experimentado no passado lança expectativas para o futuro e embora o passado não seja capaz de reproduzir o tempo histórico em si, ele é capaz de nos dar informações sobre fatos desse passado mesmo que não alcance sua totalidade. Não é propriamente o passado, mas o futuro. Não é o fato, mas a possibilidade. Implica uma possibilidade capaz de inscrever o passado no futuro. A possibilidade de construir um futuro passado. Portanto, o presente orienta os estudos sobre o passado e o local passa a ser o objeto de referência para o conhecimento histórico.

Passado e futuro jamais chegam a coincidir, assim como uma expectativa jamais pode ser deduzida totalmente da experiência. Uma experiência, uma vez feita, está completa na medida em que suas causas são passadas, ao passo que a experiência futura, antecipada como expectativa, se decompõe em uma infinidade de momentos temporais. (KOSELLECK, 2006, p.310).

⁸ Koselleck é um dos mais importantes nomes associados à chamada história dos conceitos. Foi um historiador alemão do pós-guerra, destacando-se como fundador e principal teórico da história dos conceitos. Dedicou suas investigações e debates relacionados à teoria da história e à história moderna e contemporânea. Ele chama a atenção para que se perceba que há distinções entre as palavras e os conceitos: "Todo conceito se prende a uma palavra, mas nem toda palavra é um conceito social e político. Conceitos sociais e políticos contêm uma exigência concreta de generalização, ao mesmo tempo em que são sempre polissêmicos" (KOSELLECK, 2006, p. 108).

Nosso presente logo será passado e, neste sentido, a história local pode ter um papel decisivo para a construção de memórias e também sua perpetuação antes de seu total esquecimento. Deixando de oportunizar apenas as pessoas influentes e vistas como mais importantes, a história contada hoje permite dar voz as experiências das pessoas mais simples, como no caso, os trabalhadores das serrarias e que podem contribuir para pensar sobre a história passada do município de São Domingos. Entretanto é importante observar essa história sob o contexto global, analisando-a em conjunto. Dessa maneira, a pesquisa sobre as serrarias no município de São Domingos, se propõe a fazer essa relação. A demanda mundial por madeira no início do último século, o incentivo em trazer os colonos descendentes de europeus para ocupar as áreas do Sul do Brasil e a conseqüente expansão das áreas agrícolas, também foi a história do município, conectando-se, portanto com a história nacional e global.

A história local é uma modalidade historiográfica contemporânea no Brasil. Um país com infinitas peculiaridades em cada uma de suas regiões possibilita pensar suas diversidades geográficas, naturais e culturais e que têm revelado como um ambiente rico para as pesquisas sobre histórias pequenas ou miúdas que de acordo com Cavalcanti (2018), não em importância, mas em expansão territorial onde ocorrem o desenrolar dos fatos e acontecimentos.

Foi na Escola dos Annales⁹ que a diversificação dos objetos de estudo começou a ser fortalecido e, ainda de maneira tímida, aparecem os estudos voltados para a história local valorizando a cultura local e popular. Após a primeira guerra mundial, se acelerou a tendência que aborda o pequeno espaço e os estudos de pequenas localidades se fortalecem e se avigoram. Passam a serem narradas as histórias mais próximas dos homens e não mais das elites que, até então, eram as grandes protagonistas da história onde a memória era sobre os grandes heróis. O historiador francês Pierre Goubert, uma das maiores referências no campo da história local, assinala que a renovação do interesse por uma história social mais ampla acabou por dirigir o olhar para as pessoas comuns e para a experiência histórica desses grupos, e não apenas analisando a vida dos grandes dirigentes políticos, dos grandes heróis e das elites.

⁹ Movimento historiográfico francês que surgiu na primeira metade do século XX, foi fundado por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929. Destacou-se por incorporar métodos das Ciências Sociais à História afastando a visão positivista da História, que apenas fazia uma narrativa dos acontecimentos. Passou a focar em processos de longa duração buscando aproximar-se com outras ciências sociais. A Escola dos Annales teve três gerações: Primeira geração: Lucien Febvre e Marc Bloch; Segunda geração: Fernand Braudel; Terceira geração: Jacques Le Goff e Pierre Nora. Essa nova geração ficou mais conhecida como a Nova História.

Os estudos que versam sobre a história local teve sua emergência no Brasil nos anos 1950 principalmente com a expansão do ensino superior e o aumento dos cursos de pós-graduação. Os trabalhos sobre história local passaram a ser escritos com base nas fontes locais e com recortes adequados aos temas e problemáticas que se buscava discutir. Na concepção de Schmidt e Cainelli (2005), a história local pode ser um mecanismo para a construção de uma história mais plural, na qual apareçam pessoas e histórias, de modo que não silencie a multiplicidade de vozes. Aborda, portanto, uma perspectiva renovadora para o campo historiográfico, sendo o ponto de partida para o conhecimento histórico. Barros ainda considera que:

[...] a “história local”, na historiografia brasileira, costuma se referir a cidades, bairros, vizinhanças, aldeias indígenas, enquanto a expressão “história regional” volta-se mais habitualmente para as regiões mais amplas (o Vale do Paraíba, o sul de Minas, o estado do Piauí, e assim por diante). Mas isso é praticamente uma especificidade de países de dimensões continentais como o Brasil. (BARROS, 2013, p. 12).

Neste caso, a história local refere-se ao conhecimento histórico sobre a perspectiva local. O local passa a ser a referência para o conhecimento. No dicionário Aurélio o termo local encontra-se como sinônimo de lugar e os significados estão associados ao espaço e o espaço como um lugar de ação onde ocorrem as múltiplas relações entre as pessoas. Nessa perspectiva, a história local apresenta-se como um ponto de partida pela possibilidade de trabalhar com a realidade mais próxima das relações sociais que se estabelecem entre o meio em que vivem configurando-se como um espaço-tempo de reflexão crítica acerca da realidade social e, sobretudo, referência para o processo de construção das identidades de pessoas e grupos possibilitando um raciocínio de história que contemple não só o indivíduo, mas a coletividade.

Na história local, o “local” torna-se o ponto central para análise. Uma singularidade regional em que o local passa a ser analisado em primeiro plano. Ela possui conexões com a história regional e com a micro-história¹⁰ se complementando e juntas, oferecem uma compreensão mais rica para reconstruir o que aconteceu perto de nós. Pesquisas versadas na história local auxiliam para entender fenômenos regionais e servem como base para estudos mais amplos.

¹⁰ A micro-história é uma metodologia da ciência histórica que surgiu na Itália na década de 1980, a partir de propostas teóricas de Giovanni Levi e Carlo Ginzburg. Caracteriza-se por análises de aspectos do passado em escala reduzida, considerando fontes e narrativas alternativas como aspectos do cotidiano, subjetividades, representações e linguagens de um determinado período. Analisa elementos do passado histórico numa projeção reduzida em vez dos grandes recortes cronológicos.

Cabe ao historiador escolher certo campo de observação e este estabelece conexões com vários campos históricos como a história regional e a micro história e, desta forma, abrindo caminhos para possíveis diálogos sobre uma história mais complexa como a história nacional ou global, estabelecendo relações entre espaços menores e espaços maiores. Portanto, a história local não é uma fragmentação do campo de estudo ou desconectada e sim, a história local é aquela que considera como objeto de estudo um espaço delimitado, mas que não a vê como um território inerte e imutável, e sim como um elemento em que participam experiências de diferentes grupos sociais. O local e o global são dimensões que se articulam permanentemente na história. Joana Neves assinala que “[...] o local, fora de um contexto geral, é apenas um fragmento, e o geral, sem o respaldo das realidades locais, é apenas uma abstração; e neste caso, ambos estarão destituídos de sentido”. (NEVES, 1997, p. 22).

Assim, os significados de “local” estão embrionariamente ligados a uma concepção de lugar e, nessa relação, “lugar” está indissociável de espaço. Ou seja, ao falarmos de local, estamos, concomitantemente, falando de espaço. O historiador francês Michel de Certeau considera a relação entre espaço e tempo extremamente importante para a escrita da história. Para ele, “[...] toda pesquisa historiográfica se articula com uma local de produção socioeconômico, político e cultural”. (CERTEAU, 2008, p.56). José d’Assunção Barros considera que,

As ações e transformações que afetam aquela vida humana que pode ser historicamente considerada dão-se em um espaço que muitas vezes é um espaço geográfico ou político, e que, sobretudo, sempre e necessariamente constituir-se-á em espaço social. (BARROS, 2005, p. 96-97).

Uma história só será uma “história local” no momento em que este se torna o eixo central para a análise sobre uma singularidade regional examinando conotações diferenciadas em primeiro plano. Pode-se dizer ainda que “[...] na História Local, o “local” se mostre como o próprio objeto de análise, ou então que se tenha em vista algum fator à luz deste “local”, desta “singularidade local””. (BARROS, 2013, p. 5).

Outro historiador que é enfático ao assinalar a importância do local é Jacques Le Goff, onde destaca que o espaço é também criador da história humana e não apenas “um continente inerte”. O espaço está conectado com a vivência individual e coletiva ao longo do tempo. Seria, portanto em uma espécie de acontecimento pequeno numa determinada localização espacial, quase sempre reduzido a uma pequena dimensão geográfica. Apesar de manter relações de proximidade com a chamada história nacional, ela também possui certo

distanciamento. Embora possua traços de semelhança, ela não é um recorte da história nacional ou global embora não seja alheia a dimensão macro.

Um dos desafios que se apresentam na utilização do conceito de história local diz respeito a um conjunto de significados que a institui em uma relação de oposição aos considerados grandes fatos ou acontecimentos. Nesse sentido, a história local seria, por excelência, uma “história pequena”, ou história miúda. Não pequena em importância ou significado, diga-se à exaustão. Por “história pequena” me refiro a uma dada leitura que sugere uma interpretação pela qual uma história (ou várias histórias) é apreendida e percebida pela extensão espacial de seus desdobramentos; que não excederia grandes limites geográficos. (CAVALCANTI, 2018, p. 277-278).

As pesquisas que versam acerca da chamada história local fazem uso recorrente da memória. A memória torna-se uma fonte documental para as pesquisas sobre a história local onde elas estão interconectadas. Para Circe Bittencourt (2009), a memória é a base para os estudos sobre a história local e é a partir dela que se constroem as identidades. Seria como uma “[...] reconstrução do que aconteceu perto de nós, buscando respostas a problemas que se impõe no presente, em diferentes esferas e âmbitos”. (CONSTANTINO, 2004, p. 177). Núncia Santoro Constantino também contribui com seus estudos sinalizando que o método qualitativo¹¹ é o mais adequado para estudos e discussões sobre a história local. É um método de investigação científica onde seu foco é analisar aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano sendo que os resultados são narrativas, ideias e experiências dos participantes. Enfatiza que a história é uma ciência inacabada e está em permanente elaboração.

O conhecimento histórico sob a perspectiva do local é um diálogo entre o passado e o presente e a memória individual ou coletiva é um valioso recurso para a reconstituição de histórias de vida e também dos lugares. “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. (LE GOFF, 2006, p. 366). Mas foi na segunda metade do século XX, especialmente com o surgimento da história social e cultural, que houve um crescente reconhecimento e aceitação das fontes orais onde passam a ser incluídas nas narrativas das pesquisas históricas.

¹¹ A pesquisa de caráter qualitativo se baseia no caráter subjetivo como, comportamentos, ideias, narrativas e experiências individuais. É o método mais adequado para conhecer os fatos e memórias da atividade das serrarias. Claro que o método qualitativo também pode ser complementado com uma pesquisa quantitativa, utilizando uma metodologia que se baseia em números, métricas e cálculos.

2.1 NARRATIVAS SE CONSTROEM PELA MEMÓRIA: A HISTÓRIA ORAL.

O presente estudo fez uso da memória oral com a participação de pessoas que se aproximavam do objeto de estudo. Antes de sair a campo, porém, foi necessário submeter o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP/UFFS)¹². Foi elaborado um roteiro de dezoito questões, versando sobre diferentes temas, estando entre eles, migrações, dinâmicas de trabalho nas serrarias, transporte e destino da madeira¹³.

Dentro de uma abordagem qualitativa, a história oral apresenta-se como um referencial teórico-metodológico que possibilitou a realização dessa pesquisa. As entrevistas mostram-se como um procedimento pertinente, pois não foram encontrados registros significativos nos arquivos que tratassem do tempo histórico da atividade das serrarias no município de São Domingos. A pesquisa qualitativa, no entanto, deve ser bem planejada, pois segundo Maria Cristina Santos de Oliveira Alves,

Vários autores da HO têm destacado a importância da qualidade da relação que se constrói entre pesquisador e pesquisado. O êxito da entrevista começa antes mesmo de ela acontecer, quando é feita a preparação para realizá-la e quando há o contato e um compartilhamento da realidade a ser enfocada entre pesquisador e o sujeito a ser entrevistado. (ALVES, 2016, p.4).

A utilização da história oral e a análise de entrevistas tem se mostrado uma metodologia cada vez mais comum nas pesquisas acadêmicas, permitindo o resgate de memórias e a representação de grupos pouco representados na historiografia oficial. As entrevistas, portanto, permitem desvendar um pouco da trama cotidiana e da memória social da comunidade. Além disso,

Há algumas qualidades que o entrevistador bem-sucedido deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles, e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar. (THOMPSON, 1998, p. 254).

O uso da memória em pesquisas permite que sejam feitas reflexões sobre o tempo que se deseja estudar, mas não se pode esquecer que ela pode receber influências tanto do meio social como político da pessoa. As entrevistas que fazem uso da memória também podem ser

¹² Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 69010723.4.0000.5564. Número do Parecer: 6.081.248. Aprovado em 25 de maio de 2023.

¹³ A atividade de transformação realizado nas serrarias inicia-se com o processo de corte ou derrubada dos troncos seguido pela descascagem. Depois as toras são transportadas para a serraria onde se inicia o processo de beneficiamento. Com a serra-fita, os troncos são transformados em tábuas que depois são levadas para o depósito a fim de serem secadas e aguardam o seu destino para a transformação mais refinada.

estimuladas com o uso de objetos, textos e até imagens. Ao servir-se da história oral em pesquisas com memória, podemos observar determinados aspectos de períodos e acontecimentos que nem sempre podem ser perceptíveis por meio de outras fontes. Permite que sejam feitas conexões entre a história vivida pelo entrevistado, conectando-a com a história coletiva, possibilitando responder e conhecer o tempo histórico que desejamos compreender. Maria Cristina Santos de Oliveira Alves, contribui dizendo que “A HO caracteriza-se como uma metodologia de pesquisa que busca ouvir e registrar as vozes dos sujeitos excluídos da história oficial e inseri-los dentro dela”. (2016, p. 3).

A memória foi estudada primeiramente pela psicologia, onde se preocupava somente em entender a forma como ela se constituía. Posteriormente, os psicólogos passaram a estudar a maneira de preservação das lembranças e seus efeitos, como a amnésia ou perda total ou parcial da memória. Como uma ferramenta que pode contribuir para pesquisas em várias áreas do conhecimento, como a história, a sociologia, a antropologia, a educação e a geografia, seu uso está cada vez mais presente para que informações do passado possam ser estudadas e resgatadas.

As fontes orais enfrentaram resistência e desconfiança na historiografia, pois eram valorizados os documentos escritos, como crônicas, cartas e registros oficiais. Estes eram considerados mais confiáveis, enquanto as narrativas orais eram vistas como subjetivas e menos rigorosas, estando suscetíveis a erros, distorções e influências emocionais. Os historiadores não sabiam como integrá-las em suas pesquisas devido a dificuldade de aceitação dessas narrativas como fontes válidas.

Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, propagaram-se em vários países os monumentos em honra dos soldados vitimados no conflito objetivando que a memória daqueles soldados não fosse absolutamente apagada, criando assim um sentimento de união nacional. Outro marco no que tange a preservação da memória foi a invenção da fotografia que possibilitou que um instante de tempo fosse eternizado e resguardado do esquecimento. Os álbuns de família, os momentos especiais na vida das pessoas comuns se espalharam por todo o mundo.

A segunda metade do século XX viu nascer, como afirma Le Goff, uma revolução documental. O advento do computador e do gravador torna-se aliados para armazenar dados e memórias individuais e coletivas numa escala vertiginosa. A memória eletrônica contribuiu para a construção de narrativas sobre o passado, com novas possibilidades de leitura do campo social e histórico das comunidades humanas.

A reintrodução da história oral acontece no decorrer do século XX, mais especificamente nos Estados Unidos, quando grupos de historiadores constituíram suas próprias instituições, lançaram revistas e realizaram vários seminários. Esse método se desenvolveu mais amplamente a partir do advento do gravador, ainda nos anos de 1950, nos Estados Unidos, e logo se difundiu pela Europa. Em outros países a história oral não possuía a mesma força que nos Estados Unidos dos anos de 1950, utilizada com o intuito de somente reunir materiais para os futuros historiadores (MATOS; SENNA, 2011, p. 98).

As narrativas orais frequentemente refletem experiências de grupos marginalizados¹⁴, que não eram representados nas narrativas históricas oficiais. Com o desenvolvimento de projetos de história oral, muitas universidades e organizações começaram a coletar e preservar relatos orais, aumentando sua aceitação acadêmica. Essa prática ajudou a legitimar as fontes orais como ferramentas valiosas para a pesquisa histórica.

O depoimento de Naldira Pedrassani consultado nos arquivos do Parque Estadual das Araucárias em São Domingos pode ser uma referência para endender o período de existência e atuação das serrarias. O trecho a seguir demonstra a necessidade da extração da madeira e a sua contribuição para a economia do cenário nacional.

No início eram serradas até três toras cada Pinheiro. Depois dos anos 60 com a construção de Brasília a gente cerrava até o fim do galho do pinheiro que eles levavam tudo. Depois a gente levou para São Paulo Paraná Rio Grande do Sul, depois a parte que sobrava chamavam de aproveitamento utilizavam para fazer cabos de vassoura pontaletes bitola um por um vendi também para firmas que trabalhavam com coisas menores de madeira aproveitavam tudo.¹⁵

A história oral trata das percepções individuais de cada um. Alessandro Portelli, historiador italiano é um dos autores que defende o uso e a importância da história oral. Para ele a história oral permite lembrar fatos tanto individuais como coletivos permitindo compreender acontecimentos que sem o uso da memória, seriam inacessíveis ao conhecimento. Possibilita múltiplas abordagens sobre a verdade histórica, contribuindo para que as mais diversas pessoas sejam ouvidas no contexto da história do lugar. Segundo o autor, as fontes orais “[...] contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez”. (PORTELLI, 1997, p. 31).

Um dos maiores especialistas nesse campo, o sociólogo britânico Paul Thompson afirma que a história oral é a que “[...] melhor reconstrói os particulares triviais das vidas das pessoas comuns para aqueles que desejam realizar isso”. (BURKE, 1992, p. 192). A memória

¹⁴ Grupos marginalizados são comunidades ou grupos que sofrem exclusão e discriminação tanto social, política, econômica ou cultural. Isso acontece devido a relações de poder de uns sobre os outros. A história oficial do país marginalizou grupos de indígenas, as pessoas de cor e as mulheres principalmente.

¹⁵ Relato concedido por PEDRASSANI, Naldira. Fonte: Parque Estadual das Araucárias. Acesso em 14 de junho de 2024.

social é uma fonte de informação que possibilita a formação de uma identidade, pertencimento e reconhecimento. Destinado a pensar sobre a importância da memória das pessoas que construíram a história do lugar, utilizando-se das fontes orais para a construção das narrativas que ajudaram a formar a identidade de um povo, este subcapítulo buscará compreender a importância para o resguardo da memória do lugar dando importância à história das pessoas comuns, que durante muito tempo ficou esquecida.

Jacques Le Goff também contribui com os estudos sobre memória, e nos ajuda a entender que ela tem um papel importante nas sociedades, pois possibilita resgatar e conservar informações do passado, permitindo abordar problemas referentes ao tempo e a história. Atualmente a internet tem um papel importante no processo de apreensão da memória e de sua perpetuação, pois as pessoas escolhem os acontecimentos coletivos ou individuais que desejam guardar ou compartilhar.

As narrativas expostas pela memória são lembranças de determinados espaços e acontecimentos ainda que, muitas vezes, já não exista mais na forma como ficaram guardadas nas lembranças. No trabalho com a memória a fonte oral tem sido essencial, pois possibilita que seja feita uma conexão entre a história vivida e o momento histórico que se quer conhecer. [...] além de que a memória oral deve ser utilizada como fonte documental, atestando a imemorialidade da ocupação, independente das provas arqueológicas. (LINO, 2013, p. 142).

As memórias individuais e coletivas interagem e se complementam, permitindo indagar e compreender determinados fatos e acontecimentos das sociedades.

Falar sobre memória é como ir a fundo em um sentimento individual ou coletivo. Está atrelada às lembranças, o que vem do interior de uma determinada pessoa ou grupo, permite manter certas informações que são constantemente repassadas e repensadas. (GIARETA; LINO, 2018, p. 125).

No Brasil, o “boom”¹⁶ da história oral ocorreu a partir de 1990, embora já em 1970 se registrem experiências nesse campo. “Em relação a outras áreas do saber histórico, a história oral possui maior proximidade com o presente, uma vez que depende da memória viva [...]”. (MATOS; SENNA, 2011, p. 100). Através da história oral novos campos de pesquisa passam a ser considerados. O oral passa a ser uma matéria-prima de trabalho para contar a história e as experiências de vida das pessoas e dos grupos, ainda que as histórias de vida sejam particulares.

¹⁶ O termo “Boom” é utilizado na pesquisa para descrever uma fase em que ocorre um rápido e expressivo aumento no volume de estudos voltados para a história oral no país.

Por meio da história oral, podemos observar as mudanças comportamentais da sociedade como um todo em seus múltiplos aspectos e, dessa forma, permitindo analisar os impactos dessas transformações na construção de novos hábitos e costumes. Para Paul Thompson, “Recordar a própria vida é fundamental para nosso sentimento de identidade”. (THOMPSON, 1992, p.208). A Memória serve para restaurar ou reafirmar a identidade de um grupo, buscando não apenas conhecer o fato estudado, mas conhecer o processo de transformação.

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

Escolher trabalhar com fontes orais não implica abandonar os documentos escritos, mas sim, em somá-los de forma integrada. Adiante, serão expostas as contribuições da fotografia para as pesquisas sobre a memória nas pesquisas em torno da história local, sendo este um campo profícuo para os estudos de diferentes sociedades. A fotografia aparece como um instrumento de investigação que permite que um instante de tempo possa ser eternizado e, portanto, resguardado do esquecimento. No caso de São Domingos, as entrevistas e as fotografias foram fundamentais para a melhor compreensão do objeto de estudo em torno da atividade das serrarias. Nas palavras de Barros, “Quando morre um indivíduo, certamente o mundo perde para este espaço exterior algo do que poderia ser conhecido, do que estava efemeramente situado dentro do semicírculo e que jamais poderá ser recuperado”. (BARROS, 2013, p. 200). Assim, as memórias de quem vivenciou a atividade das serrarias em São Domingos permitirão o seu conhecimento resguardo antes de seu total esquecimento.

2.2 AS FONTES ICONOGRÁFICAS COMO UM TESTEMUNHO VÁLIDO

Assim como um documento escrito, a fotografia é uma fonte de pesquisa que será analisada para fornecer provas de um determinado período que se pretende ilustrar e servirá para construir aspectos da história local a partir do surgimento das serrarias. Toda fotografia remete ao passado, mesmo aquelas que segundo Kossoy (2002), retratam momentos vividos no último fim de semana. Esses pedaços congelados em forma de imagem proporcionam

rememorar as histórias de vida que, muitas vezes, ficam guardadas em velhas caixas de sapato e que acenam para o passado vivido, onde fotografia e memória se confundem.

No município de São Domingos, o fotógrafo Lauro Lima foi responsável por retratar momentos que eram considerados importantes na vida das pessoas. Nas fotografias, ainda em preto e branco, ele era procurado para registrar festas familiares, casamentos, reuniões políticas, eventos sociais, obras públicas e construções como fachadas de casas, estabelecimentos comerciais e o cotidiano de trabalho. Na imagem abaixo, está o carimbo utilizado pelo fotógrafo que está no verso de muitas fotografias que foram utilizadas na pesquisa.

Figura 2 — Carimbo utilizado pelo fotógrafo de Lauro Lima, o primeiro do município.



Fonte: arquivo pessoal Vacilda Borges.

A fotografia é tida como uma retratação de uma imagem fixa da realidade, um documento iconográfico que permite realizar sua leitura e ir além da simples imagem retratada, possibilitando que sejam vistos fragmentos de uma determinada sociedade enquadrada numa imagem. É claro que a fotografia precisa dialogar com as outras fontes da pesquisa, necessitando interpretá-la e ser contextualizada para que se possa compreender o momento histórico na qual ela foi construída. A partir de uma imagem fixa é possível múltiplas interpretações sobre o mesmo fato. Permite conectar as sociedades de épocas diferentes e possibilita a leituras de mudanças e permanências dessa mesma sociedade. Permite a articulação de elementos em diferentes épocas e contextos, possibilitando fazer leituras entre as sociedades passadas e o tempo histórico.

A fotografia enquanto fonte de pesquisa, não deve ser analisada como retrato fiel dos fatos. Ela não registra tudo no espaço e sim apenas um fragmento. Ela precisa ser contextualizada no tempo e no espaço do momento do registro, devendo ser decifrados os seus significados ocultos. Ela fornece provas, indícios e evidências de uma dada realidade, implicando na realidade visual de um contexto.

A imagem retratada é um ponto de análise, um ponto de partida para se construir informações implícitas numa determinada cena, permitindo múltiplas leituras da realidade representada nela. Ela não é um raio X dos objetos e personagens que ali estão retratados e sim possibilita que sejam feitas múltiplas interpretações para os campos de pesquisa sendo fundamental contextualizar historicamente o momento de produção daquela imagem, mas isso não quer dizer que ela seja interpretada da mesma forma por todas as pessoas. Para Kossoy, 2002, ela serve como um documento histórico e como prova dos fatos que aconteceram. A fotografia é um fragmento de um determinado espaço, de uma realidade. Sua análise permite conhecer aspectos tanto individuais quanto coletivos. “Mas o que a fotografia revela? Apenas o mundo físico, visível na sua exterioridade. Apenas a aparência, o aparente das coisas, da natureza, das pessoas. E ainda mais, apenas o determinado detalhe da vida que se pretendeu mostrar”. (KOSSOY, 2002, p. 137). E ainda “O que vemos não é a coisa propriamente que esteve lá, mas uma imagem da coisa”. (SÔNEGO, 2010, p. 116).

Durante muito tempo a reconstrução do passado era feita através de documentos escritos. Foi no início do século XX que Lucien Febvre e Marc Bloch se encorajam para o alargamento da noção de documento. Sendo assim, “A falta de registros escritos não poderia significar a ausência de possibilidade de escrita da história. Assim, o documento em seu sentido mais amplo, o novo documento alargado para além dos textos tradicionais”. (SÔNEGO, 2010, p. 113).

Como testemunho da verdade, a fotografia ganhou credibilidade para os mais diferentes interesses e ideologias para veicular suas ideias. Com a multiplicação de documentos válidos para a construção da história, a fotografia “[...] deixou de ser mero instrumento ilustrativo da pesquisa para assumir o *status* de documento, matéria-prima fundamental na produção do conhecimento sobre determinados períodos da história, acontecimentos e grupos sociais”. (SONEGO, 2010, p. 114). A fotografia está entre os fenômenos significativos para os estudos que envolvem a memória. “[...] a fotografia, que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica”. (LE GOFF, 1990, p. 402).

O marco da emergência da fotografia foi com o surgimento do daguerreótipo¹⁷ no início do século XIX, o qual foi visto como uma grande novidade que permitia que uma

¹⁷ É uma técnica de reprodução de imagens reais legíveis sendo possível tirar várias cópias de um mesmo negativo. O método foi popularizado por Louis Jacques Mandé Daguerre em 1839. Daguerre simplificou e aprimorou a primeira caixa de imagens produzida por Joseph Niépce.

imagem fosse capturada e reproduzida. Com o sucesso da invenção e a demanda por retratos, logo, as câmeras fotográficas ganharam aperfeiçoamento e pouco a pouco foi se popularizando e tornando-se cada vez mais portáteis. No Brasil, a fotografia foi inserida no período imperial pelo próprio D. Pedro II seguindo um padrão europeu, difundida principalmente pela elite brasileira que almejava a modernização das cidades, retratando a burguesia com a intenção de mostrar um país com padrões europeus.

Nessa perspectiva, é importante destacar o papel do cartão postal para a difusão da fotografia. O cartão postal permitiu a construção de um imaginário construído a partir de imagens visuais fragmentadas. Segundo Kossoy (2002), os postais permitiram o “conhecimento visual do mundo”, por meio de vistas panorâmicas e paisagens de diferentes lugares. Comumente, encontramos diversas imagens de cartões postais incorporados à iconografia nacional e, São Paulo é um bom exemplo deste movimento.

Figura 3 — Avenida Paulista no princípio do século XX.



Fonte: Fotografia de Guilherme Gaensly. Cartão Postal. Coleção do autor disponível em Kossoy, 2002, p. 67.

Os diversos cartões postais da cidade produzidos na passagem do século XIX para o XX mostram as inúmeras transformações físicas e culturais que a cidade de São Paulo sofreu. No entanto, as imagens da sociedade que ali vemos não ressaltam outros aspectos da vida da sociedade paulistana, a não ser a construção de edifícios, mansões, monumentos e avenidas.

Os postais não tinham a função unicamente de correspondência, mas também eram instrumentos que serviam para uma propaganda nacional, veiculando imagens de um país que a elite brasileira desejava divulgar. Estão excluídas destas imagens, por exemplo, as

habitações populares e os vendedores de rua considerados temas menores e não representativos da sociedade que desejavam divulgar. A fotografia desse período dedicou-se principalmente a produção de retratos cuja finalidade buscava aproximar a realidade brasileira do segundo império com a vida europeia que era o ideário de civilização almejado pela elite brasileira.

A nova elite abastada da sociedade paulista, detentora de cerca de 2/3 da produção mundial do café, usufruiu de um novo estilo de vida urbano bem ao contrário do estilo de vida dos antigos barões do café. Esta aristocracia se reveste de um manto de modernidade, norteia-se por valores estrangeiros, viaja regularmente para a Europa e, de Paris, Londres e Berlim, remete aos familiares saudosos cartões postais. É esta elite que almeja por uma capital com uma nova imagem, - iconograficamente européia. Uma imagem constituída por edificações que privilegiassem em sua arquitetura os padrões consagrados de civilização. (KOSSOY, 2002, p. 66).

A popularização da fotografia como registro do real disseminou-se a partir dos registros de guerra, ainda no século XIX. A fotografia foi responsável por introduzir no cotidiano das pessoas imagens que consolidaria na sociedade a crueldade do conflito, passou também a ser vista como instrumento de denúncia pela imprensa como é o caso da Guerra Civil Espanhola, em 1936, onde um combatente é atingido por um tiro. A foto de Robert Capa¹⁸ se tornou uma das imagens mais famosas do referido conflito.

Quaisquer que sejam os conteúdos das imagens devemos considerá-las sempre como fontes históricas de abrangência multidisciplinar. Fontes de informação decisivas para seu respectivo emprego nas diferentes vertentes de investigação histórica, além, obviamente, da própria história da fotografia. As imagens fotográficas, entretanto, não se esgotam em si mesmas, pelo contrário, elas são apenas o ponto de partida, a pista para tentarmos desvendar o passado. Elas nos mostram um fragmento selecionado da aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram (estética/ideologicamente) congelados num dado momento de sua existência/ocorrência. (KOSSOY, 2002, p. 21).

As fontes iconográficas permitem que sejam vistos fragmentos de uma determinada sociedade, enquadrados em uma imagem fixa, representando pessoas, objetos, roupas, lugares e paisagens.

Seu potencial informativo poderá ser alcançado na medida em que esses fragmentos forem contextualizados na trama histórica em seus múltiplos desdobramentos (sociais, políticos, econômicos, religiosos, artísticos, culturais enfim) que

¹⁸ Considerado um dos mais célebres fotógrafos de guerra, cobriu diversos conflitos ocorridos no século XX. A foto a que fazemos referência encontra-se disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/robert-capae-a-invencao-da-fotografia-do-soldado-caido-na-guerra-civil-espanhola-165424/>.

circunscreveu no tempo e no espaço o ato da tomada do registro. (KOSSOY, 2002, p. 22)

Na imagem abaixo é possível perceber o enorme espaço e os trabalhadores da serraria Indústrias de Pinho Ltda. O Rio Bonito abastecia a comunidade e gerava energia para mover as máquinas da serraria bem como fornecia energia elétrica não só para os lares dos empregados e proprietários da serraria como para toda a parte da cidade do município de São Domingos. É uma imagem que retrata um período importante da história do município.

Figura 4 — Espaço da serraria Indústrias de Pinho Ltda em 1958 pertencente a família Griss.



Fonte: Arquivo pessoal de Naldira Griss Pedrassani.

As pesquisas que trabalham com fotografias apresentam novas possibilidades de leitura de imagens, traçando paralelos entre as sociedades, levando a possíveis reflexões sobre o tempo histórico, percebendo a atuação dos indivíduos nas mais diversas realidades e contextos, reconhecendo as mensagens subliminares criadas por aqueles que as captaram. As fotografias produzidas pela imprensa, pelos álbuns de família são campos férteis para trabalhar sobre a memória tanto individual como coletiva ilustrando de certa forma determinados temas que selecionamos para pesquisa como o espaço das serrarias, o cotidiano do trabalho, as primeiras construções e comércios que foram registrados no município de São Domingos.

Nas fotos abaixo, o estoque de madeira da serraria da família Griss retratou o período de abundância dos recursos florestais e da grande atuação dessas empresas no município. Nas duas fotografias, percebe-se a quantidade de araucárias que ainda faziam parte da paisagem

do município. A serraria localizava-se na rua abaixo ou ao leste do bar e salão de Arlindo Borges que será mencionado no decorrer da escrita.

Figura 5 — Estoque de madeira da serraria Indústrias de Pinho Ltda em 1968 pertencente a família Griss.



Fonte: Arquivo pessoal de Vacilda Borges.

Figura 6 — Toras de araucárias no pátio da serraria Indústrias de Pinho Ltda da família Griss.



Fonte: Arquivo pessoal Naldina Griss.

3 DIFERENTES FASES DA OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

O objetivo deste capítulo é apresentar as formas de ocupação que se estabeleceram na Região Sul do Brasil contextualizando com a história de formação do município de São Domingos desde a ocupação pré-colonial, até a chegada dos primeiros descendentes de europeus que vieram principalmente das antigas colônias gaúchas. O termo região aparece com frequência no decorrer da escrita. É uma palavra que vem do latim *regione*, originalmente designando uma área de comando militar do império romano e que vai ganhando novas conotações nos diferentes tempos históricos. Um termo complexo e carregado de múltiplas interpretações que variam conforme a sua implicação, aqui, é tratado como um espaço de unidade, de semelhanças pensando e colocando-o em questão que, segundo Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2008), estaria num constante movimento de construção e desconstrução aberto a novas possibilidades e horizontes.

O historiador do regional é aquele que trata do que lhe é mais próximo, do que lhe é mais caro, do que lhe é mais visto e sentido como sendo seu, para deles se afastar, conseguindo estranhá-los, torná-los estrangeiro, tratá-los como algo estranho, nunca visto, nunca conhecido. (ALBUQUERQUE, 2008, p. 64).

Este espaço, que em muitos casos é analisado sob uma perspectiva reduzida e condicionado à dimensão física, precisa ser analisado de acordo com os acontecimentos históricos condicionados ao meio. Cabe, aqui, um trecho de Milton Santos que bem explica as mudanças e anseios da sociedade:

No começo da história do homem, a configuração territorial é simplesmente o conjunto dos complexos naturais. À medida que a história vai fazendo-se, a configuração territorial é dada pelas obras dos homens: estradas, plantações, casas, depósitos, portos, fábricas, cidades etc.; verdadeiras próteses. Cria-se uma configuração territorial que é cada vez mais o resultado de uma produção histórica e tende a uma negação da natureza natural, substituindo-a por uma natureza inteiramente humanizada. (SANTOS, 2006, p. 39).

As fases de ocupação do território que compreende o município de São Domingos foram: indígena, cabocla e colonização europeia. De acordo com as pesquisas, quando os colonos de origem europeia chegaram, já não existiam povos indígenas vivendo, mas seus vestígios foram facilmente encontrados nas pesquisas arqueológicas feitas na época da construção da Usina Hidrelétrica Quebra-Queixo, comprovando assim essa primeira fase de ocupação.

A fase seguinte é marcada pelo surgimento dos caboclos. Inicialmente, o caboclo povoou o chamado Caminho das Tropas. Em meados do século XIX, esse contingente populacional se tornou predominante no Oeste do estado. Foi o verdadeiro pioneiro no desbravamento da região. A terceira fase da ocupação da região é caracterizada pela chegada do colonizador com origem europeia. Vindos principalmente do Rio Grande do Sul, eram aliciados pelas companhias colonizadoras, almejando melhoria nas condições de vida, baseando seus interesses em explorar a madeira, efetivar a agricultura e instalar seus comércios e indústrias como moinhos e serrarias. Em 1906, chega a São Domingos o primeiro colono. Balduino Scheffer, gaúcho de descendência alemã, ele era proprietário das terras desde o Rio Bonito até a Linha Imigra. Na época, o pequeno povoado que ia aos poucos se formando, pertencia ao município de Chapecó.

No início do século XX, São Domingos pertencia ao município de Chapecó (1917 a 1953). Não existem dados oficiais sobre a constituição da população, mas podemos concluir que não fugia aos moldes dos municípios vizinhos. Os levantamentos feitos nos registros eclesiásticos e nos cartórios

[...] constataram que comunidades, hoje com populações preeminentemente alemã ou italiana, receberam, no seu início, o aporte étnico luso-brasileiro. O levantamento dos casamentos realizados no início do século em Xanxerê, Abelardo Luz, Xaxim, Chapecó e Modelo confirmaram o fato de que luso-brasileiro foi o verdadeiro pioneiro na penetração e desbravamento do sertão catarinense. (POLI, 2006, p. 151).

São Domingos é um município do Oeste catarinense que tem sua população formada por descendentes de indígenas, caboclos e colonos de descendência europeia que aqui chegaram ao início do século XX. Vindos principalmente do vizinho estado do Rio Grande do Sul, esses imigrantes estavam interessados nas riquezas naturais da região que representavam novas oportunidades de aproveitamento. Essas riquezas atraíram muitas famílias para aqui se estabelecerem, instalando serrarias, armazéns, ferrarias, moinhos e ervateiras que geravam oportunidades de trabalho.

Os traços que definem a região Oeste catarinense são resultantes da herança de diversas culturas típicas de povos que viveram e ainda vivem no território como a cultura indígena, a cultura cabocla e a cultura dos colonos que resultou nesta mistura de elementos e que compõe as características socioculturais da região.

3.1 PRIMEIRA FASE: OCUPAÇÃO INDÍGENA

A trajetória humana na região Sul é marcada por um longo período de tempo e, diferente do que aponta a historiografia tradicional, que privilegiou a cultura europeia, o Sul do Brasil teve como pioneiros na sua ocupação os povos chamados de pré-históricos ou pré-coloniais. Ainda não existe um consenso sobre como os povos originários chegaram à região, mas pesquisas arqueológicas apontam que as primeiras ocupações ocorreram há cerca de 12 mil anos. De acordo com Lino (2015), os grupos humanos pioneiros na ocupação do Oeste Catarinense são os caçadores-coletores nômades da matriz linguística jê e tupi-guarani. Em outra publicação, o autor também acrescenta que,

A região do Estado de Santa Catarina foi povoada por populações indígenas desde épocas muito remotas, com datações mais antigas situadas em torno de 8.000 anos atrás. Dentre os diferentes sistemas de povoamento regional pré-colonial, destacam-se os assentamentos de dois povos com matrizes linguístico-culturais diferentes: os Guaraní e os Jê, sendo estes últimos hoje subdivididos em dois grupos étnicos diferentes: os Kaingang e os Xokleng. (LINO, 2013, p. 136).

Estudos recentes da arqueologia¹⁹ demonstram que o território do Oeste Catarinense foi dividido em três fases de povoamento. O primeiro, ocorrido há cerca de 12 mil anos, onde estavam os grupos de caçadores e coletores. Artefatos encontrados em sítios a céu aberto ou em locais de abrigos comprovam a longevidade desse povoamento. As origens como também o seu desaparecimento ainda são razões que merecem estudo e pesquisa.

No período mais recente, por volta de 2,5 mil anos atrás, chegam ao território os povos ceramistas e agricultores. São povos de origem da matriz linguística jê que provavelmente vieram da região central do Brasil. Fazem parte dessa matriz os xavantes, os bororos, os caiapós e outros ainda. Conhecidos também como caingangues e xoclungues ocuparam principalmente as áreas mais frias do Planalto.

Mais tarde, por volta de dois mil anos atrás chegam ao Sul do Brasil os povos de origem tupi. Oriundos da bacia amazônica e também chamados de guarani ocuparam principalmente os vales dos rios Paraguai, Uruguai, Jacuí e Iguaçu. “Essas informações desmentem o argumento propalado pelos colonizadores antigos e modernos de que

¹⁹ A arqueologia é a área do conhecimento que estuda os mais diversos povos nos mais diversos recortes espaciais e temporais, havendo como premissa básica interpretações do passado a partir do estudo da cultura material, isto é, coisas, artefatos, assentamentos, etc., produzidos e deixados como testemunhos físicos da história humana. (LINO, 2015, p. 93).

encontraram um território “vazio” ou um “deserto”, pois este território já estava fortemente ocupado de longa data”. (RADIN; CORAZZA, 2018, p. 125).

Os povos originários têm sua trajetória marcada pelo extermínio provocado pelas guerras e doenças, escravização e expulsão de suas terras. Após a chegada dos colonizadores europeus, os indígenas travaram muitas batalhas para ter direito sobre a posse do seu território e o reconhecimento de sua cultura. Quanto mais colonos chegavam, menores ficavam as áreas reservadas às populações indígenas. Precisaram provar que sua existência é anterior à chegada de Colombo em 1492. Após muitas batalhas travadas, os povos indígenas têm o direito às terras asseguradas por lei, porém continuam lutando por seu território e pela valorização de sua cultura.

A Constituição de 1988 reconheceu o direito à posse de suas terras concedendo-lhes usufruto sobre as riquezas do solo e dos rios nas terras indígenas. O seu Art. 231 estabelece que:

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. (BRASIL, 1988, p. 146).

O SPI foi instituído em 20 de julho de 1910 pelo decreto nº 8.072. Era um órgão estatal que tinha como principal finalidade promover aldeamentos em locais específicos. Foi substituído em 1967 pela FUNAI através da lei número 5371 de 05 de dezembro de 1967. Na realidade esses órgãos serviram para limitar em espaços de confinamento dos indígenas e como destaca Souza; Lino; Araújo e Feyh “[...] mais para consolidar a dominação do que para a proteção dos interesses indígenas”. (2021, p. 229).

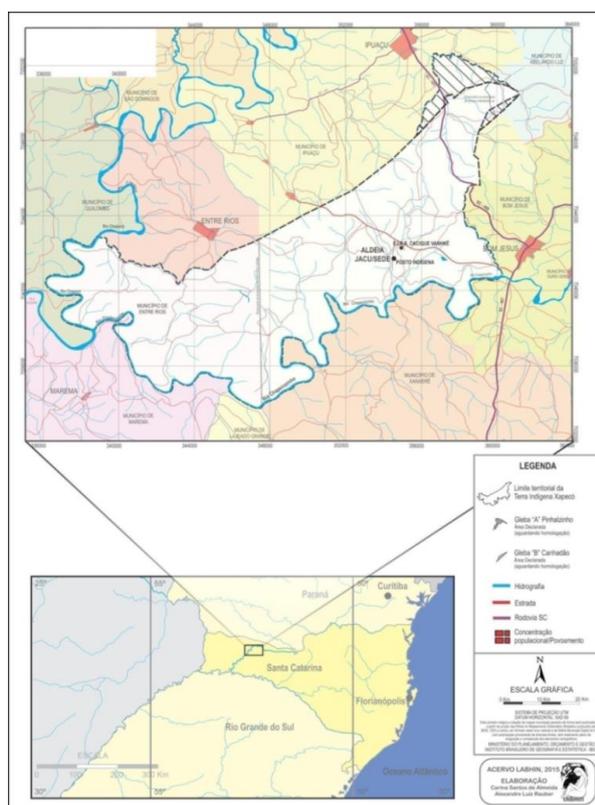
O IBGE aponta no censo realizado em 2010 uma população indígena de 16.041 pessoas em Santa Catarina e, de acordo com os dados da FUNAI existem hoje cerca de 40 terras indígenas no sul do Brasil compondo etnias kaingangs, guaranis, xokleng e charrua. Quanto ao Oeste catarinense,

Atualmente existem diversas reservas indígenas no Oeste catarinense, destacando-se a Condá, em Chapecó, o Toldo Imbu, em Abelardo Luz, o Toldo Chimbanguê, em Chapecó, o Xapeco, em Ipuçu e Entre Rios e Toldo Pinhal, em Seara. Essas reservas são essencialmente de indígenas da tribo Kaingang. Já os indígenas da tribo Guaraní ocupam outras reservas semelhantes na região. (RADIN; CORAZZA, 2018, p. 127).

De acordo com Lino (2015), as pesquisas arqueológicas da região Sul do Brasil encontraram sítios arqueológicos compostos em sua maioria por artefatos líticos²⁰ além de fogueiras, sepultamentos, e restos de alimentação. “Como se trata de vestígios muito antigos, as condições de preservação são precárias, principalmente do material orgânico, como no caso da madeira, que deve ter sido intensamente utilizada na confecção de ferramentas e que estão ausentes nos sítios”. (LINO, 2015, p. 95).

O município de São Domingos fica próximo à Terra Indígena Xapecó²¹ que se localiza entre os municípios de Ipuauçu e Entre Rios. O mapa a seguir nos fornece uma localização da reserva.

Figura 7 — Mapa da Localização da Terra Indígena Xapecó localizada nos municípios de Ipuauçu e Entre Rios - SC.



Fonte: Elaborado pelo geógrafo Alexandre L. Rauber e por Carina S. de Almeida a partir de base cartográfica IBGE, 2011. Acervo LABHIN/UFSC, 2015. <https://labhin.ufsc.br/audiovisual/mapas/>. Acesso em 02/10/2024.

²⁰ São objetos de pedra encontrados nos sítios arqueológicos que são caracterizados como [...] artefatos lascados bifaciais e unifaciais, como lâminas de machados, pontas de projétil, lascas, raspadores e demais instrumentos cortantes, além de artefatos brutos como percutores, apoios e outras ferramentas de apoio às atividades de lascamento. (LINO, 2015, p. 95).

²¹ A Terra Indígena Xapecó foi criada em 1902, pelo governo do Paraná, através do decreto nº 07 e homologada em 1991 pelo decreto 297. Na época, a região ainda fazia parte do Paraná. Localizada entre os municípios de Ipuauçu e Entre Rios no cruzamento dos rios Chapecó e Chapecozinho em Santa Catarina. Correspondente a uma área de 15.632 hectares e é habitada por cerca de 7 mil indígenas dos povos Guarani, Kaingangue e Xoclung, sendo os dois últimos em menor número.

A reserva foi criada em 1902 e está distribuída em três aldeias contando com uma população de cerca de quatro mil indígenas sendo compostos por maioria kaingangs e em menor número os guaranis.

Durante os trabalhos de pesquisa realizados no período anterior à construção da Usina Hidrelétrica Quebra-Queixo²², localizaram-se sítios arqueológicos pré-históricos característicos dos caingangues. As escavações acabaram sendo prejudicadas pelo fato de que os sítios eram totalmente superficiais, não ultrapassando 10 cm de profundidade e dessa forma, não permitiram o registro da posição exata das peças, que foram deslocadas de sua posição original, mas apenas a sua posição relativa, tornando inviável a delimitação do perímetro dos sítios.

Foram recolhidas 469 peças arqueológicas em 13 sítios. São fragmentos cerâmicos, peças líticas, amostras de minerais, carvão e ossos.

Embora nem todos os objetivos científicos propostos no projeto encaminhado ao IPHAN tenham sido atingidos, especialmente devido ao recorte restrito e artificial da área de estudo, bem como ao seu avançado estado de degradação, certamente houve um avanço considerável no conhecimento existente sobre a arqueologia da Bacia do Rio Chapecó, ligada aos antigos assentamentos Jê, provavelmente Kaingang, do Oeste catarinense. (CALDARELLI, 2002. p.255).

Nas pesquisas de Caldarelli, 2002, os dados revelam a presença de quatro sítios arqueológicos no município de São Domingos caracterizados como sítios lito-cerâmicos na tradição Itararé. Um dos sítios encontrados no município é o da localidade de São Valentim, na propriedade de Laires Antônio Soccol. O sítio encontrado foi definido como

Sítio lítico caracterizado pela presença de material lítico lascado sobre arenito silicificado, quartzo e calcedônia. É composto por dois setores localizados em 2 pequenos patamares, cultivados com pastagem do tipo aveia, em fase inicial. O sítio localiza-se junto à margem esquerda da estrada geral sentido São Domingos – São Valentim. Encontra-se abaixo da cota de inundação e está distante 200m do rio Chapecó. (CALDARELLI, 2002, p. 30).

A área onde foram encontrados os sítios confunde-se hoje, com a área das próprias lavouras onde estão inseridos, não sendo possível visualizar concentrações arqueológicas, mas comprovam que o município foi ocupado primeiramente por populações indígenas.

²² A Usina Hidrelétrica Quebra Queixo está localizada no rio Chapecó, afluente do Rio Uruguai, no Estado de Santa Catarina, entre os municípios de Ipuçu e São Domingos. A usina começou a operar em 31 de dezembro de 2003.

3.2 SEGUNDA FASE: MANIFESTAÇÃO CABOCLA

O caboclo é um dos habitantes dos territórios do Sul do Brasil que antecederam os colonizadores de origem europeia, sobretudo italianos, alemães e poloneses. Os registros de sua presença no local datam do século XVIII quando das primeiras incursões portuguesas na região. Suas principais atividades econômicas giravam em torno de uma agricultura de subsistência, no tropeirismo e no cultivo da erva-mate. Foi o contingente populacional de maior número na região Oeste catarinense, mas que foram destituídos de suas terras e por muito tempo estiveram omitidos da história oficial do país e da região. “Esse contingente populacional de luso-brasileiros foi um pioneiro desbravador do território do Oeste catarinense”. (RADIN; CORAZZA, 2018, p. 27).

O caboclo era considerado um intruso perante os colonizadores de origem europeia. “Quase sempre pobres, raramente proprietários das terras que exploravam, estes caboclos desbravaram os sertões, embora, via de regra, seja menosprezada a importância de sua contribuição, por terem uma filosofia de vida divergente com a dominante [...]”. (POLI, 2006, p. 150). Embora sua presença seja marcante, raramente sua trajetória foi homenageada com monumentos ou até nomes de ruas. Normalmente, vivia isolado no interior das matas cultivando a erva-mate para sua subsistência.

Inicialmente, o povoamento caboclo deu-se ao longo do Caminho das Tropas onde nesse caminho de trânsito das tropas de mulas e gado foram surgindo vilas e cidades. O chamado “Caminho das tropas” era uma estrada que ligava os campos de Viamão, no Rio Grande do Sul, transportando o gado xucro até Sorocaba, em São Paulo, para alimentar trabalhadores dos cafezais e também em Minas Gerais para alimentação dos trabalhadores das minas. A estrada foi aberta por volta de 1728 e por um século foi o único caminho para o trânsito das tropas, fazendo surgir vilas e povoados como é o caso de Lages, Curitibanos e Campos Novos. Era um corredor de passagem no Oeste catarinense, e nesses pontos de povoamento foram sendo implantadas fazendas de criação e o estabelecimento de novos povoados, tornando as terras mais atrativas, pois eram ricas em madeiras nobres.

O termo “caboclo” tem sua raiz histórica ainda no período colonial, referindo-se a miscigenação entre o colonizador português e o indígena. Tanto para o indígena quanto para o caboclo a terra era um bem coletivo e uma fonte de vida que não tinha nenhuma relação com a questão de posse ou de propriedade. As políticas de desenvolvimento do país, estabelecidas, sobretudo por critérios étnicos, favoreceram a vinda de populações de imigrantes que eram

consideradas superiores aos habitantes tradicionais vistos como um sinônimo de atraso e incapacidade para modernizar principalmente a agricultura.

De acordo com Thomé (1992), o caboclo era um indivíduo inferior ao elemento branco, inculto e selvagem. Dedicava-se a múltiplas atividades como, criador, serrador, caçador, peão, agregado, mateiro, lavrador e lenhador. O mesmo autor explica que o caboclo

[...] abrangia vários tipos humanos, desde o branco (lusitano ou castelhano), o índio (Tupi-Guarani, Kaingang e Xokleng), o negro (escravo africano), o mameluco (da mesclagem do branco com o índio), o cafuzo (descendente do cruzamento de negro com índio), o mulato (mestiço negro e branco), ou, ainda, o produto final das misturas de todas essas etnias, tornando-o inconfundível onde quer que se apresente. (THOMÉ, 1992, p.20).

O autor também caracteriza a moradia do caboclo como um

[...] tosco rancho de tábuas rústicas, ou de treliças de palha e de barro, deixando muitas frestas, sem pintura, sujo e enegrecido, por fora pelo tempo e por dentro pelo sapecar da erva, coberto de taboinhas ou folhas de palmeira e taquara ou couro de boi, janelas sem vidro. (THOMÉ, 1992, p.21).

Thomé (1992) atribui ao caboclo características que o definem como caipira, matuto, desajeitado, acanhado e desconfiado, instintivo e violento. Também o define como uma pessoa lenta no pensar e no falar. Sua fisionomia com a face queimada pelo sol e mãos calejadas pelo trabalho, desajeitado, mas também alegre, corajoso, leal e honrado. Já Poli (1995), considera difícil conceituar o caboclo do Oeste catarinense apenas por suas origens étnicas.

Na realidade, ele não é simplesmente originário de cruzamento racial puro, mas do cruzamento de indivíduos já miscigenados. O mais importante é saber que a conceituação de caboclo é muito mais social e econômica do que racial. (POLI, 1995, p.175).

Segundo de Breves (1985), por volta de 1920, o município de Chapecó que era compreendido por Xanxerê, Passo Bormann, distrito de Abelardo Luz, nos ervais de fronteira com o Paraná, a população era formada quase toda por caboclos, ou melhor, brasileiros. São Domingos, nesse período fazia parte do município de Chapecó e, portanto sua população também converge para esse quadro, ou melhor, formada por brasileiros da “velha estirpe”. Apesar de não existirem dados oficiais sobre a existência deles no município, podemos certamente afirmar que o caboclo trabalhou muito nos ervais de São Domingos.

Nos contatos, entrevistas e conversas informais com pessoas que residem no município a mais de 60 e 70 anos, levantaram-se informações que a comercialização da erva-

mate teve como precursor Rodolfo Scheffer. Ele construiu um sóque (barbaquá) onde hoje é a Linha Imigra, quando a erva era extremamente abundante. A erva nativa era colhida pelos caboclos, sapecada e amarrada em feixes. Todo esse processo acontecia no meio do erval. Depois, seguia de cargueiro em bruacas²³ no lombo de cavalos e mulas para o Rio Grande do Sul.

De acordo com os dados da prefeitura municipal de São Domingos, o Senhor Balduino Scheffer chegou ao município de São Domingos em 1906 e é tratado na sua história oficial como o primeiro desbravador, demonstrando que a identidade histórica do local está relacionada com a chegada dos imigrantes europeus e dessa forma ignora a presença do elemento indígena e caboclo na sua ocupação.

As histórias locais, geralmente, se dividem entre antes e depois da colonização. Ainda que os povos indígenas e caboclos sejam mencionados, a fundação das colônias sempre aparece como ponto de inflexão na história e associada à ideologia do progresso e do pioneirismo. (ZARTH, 2016, p. 14).

De acordo com o depoimento de Nair Santetti, neta de Balduino que pode ser encontrado em Bortoli; Cabral, 1996, quando a família chegou, só haviam caboclos e muito erval. Os caboclos faziam a erva crioula em seus próprios carijos²⁴. Com o tempo, passaram a vender na vila (São Domingos) para as famílias e também para viajantes que estivessem de passagem pelo local.

O caboclo cultivava sua pequena roça de subsistência e criava alguns animais soltos. De acordo com Renk (2006) a roça cabocla era dividida em terras de plantar e terras de criar. Brandt (2015) bem explica que nas terras de plantar era empregado o sistema de policultura com o sistema de rotação e nas áreas de criar, os animais eram criados a solta onde vários proprietários compartilhavam os mesmos espaços. Somente eram cercados os espaços destinados ao cultivo evitando assim, a invasão dos animais.

O pinhão era o alimento básico para a criação de porcos que eram criados soltos para adquirirem maior resistência física e aguentarem viagens de até trinta dias. No caso de São Domingos, uma parte do milho colhido pelos caboclos ficava na roça para a alimentação dos porcos e quando os animais estavam gordos, eram tropeados para Clevelândia e também para Joaçaba. Com a venda dos porcos, os caboclos traziam de lá mantimentos básicos para a

²³ As bruacas eram sacos ou bolsas de couro cru usado para o transporte em lombos de animais. Era colocada na sua cangalha ou atravessada na cela.

²⁴ Os carijos são estruturas geralmente em madeira usadas para sapecar e defumar a erva-mate. Esse era um processo característico e comum de ser encontrado principalmente nas produções artesanais da erva-mate pelas populações caboclas.

subsistência das famílias. A forma de criação a solta tornavam os porcos bravios e para que o caboclo conseguisse transportar a tropa, adotavam o seguinte método descrito por José Lindolfo Cordeiro Leite.

[...] então pegava aqueles porcos de 3,4 anos, assim, porco criado no mato que nunca via gente. Então a gente tinha que costurar os olhos, bem costurado para ele seguir os outros que daí ele segue a tropa e não sai. Porque se não costurar ele não acompanha, daí ele vai pro mato e não há mais quem pegue. (2005, *apud* BRANDT, 2015, p. 310).

O caboclo carregava um conjunto de culturas e tradições resultado da soma de influências indígenas, africanas e lusitanas como os hábitos alimentares, a vestimenta, os benzimentos e remédios caseiros. Pelo fato de seu isolamento e a falta de assistência médica o caboclo desenvolveu uma medicina própria.

Chás de “cipó de milone” e “hortelã” eram aplicados para a cura de vermes, bichas, ou para limpeza de sangue. Para quem estava gripado, bons expectorantes eram “sebo de carneiro” aplicado no peito como emplastro, ou gotas de querosene tomadas via oral. Para tosse forte ou bronquite, tomava-se xarope de “agrião” natural fervido com açúcar queimado, enquanto para a coqueluche (diziam tosse comprida) tomava-se leite de égua e chá de “jasmim de cachorro” (nada mais que fezes secas de cães). (THOMÉ, 1992, p. 33).

É muito comum conversarmos com moradores do município de São Domingos que se denominam “brasileiros” e isso nada mais é do que uma afirmação de uma população de origens caboclas. Alguns vestígios da cultura cabocla ainda são muito presentes na comunidade, como remédios caseiros, benzeduras e chapéus de palha.

A identidade cabocla, além desse conteúdo sociológico e cultural, também se define por uma relação especial com a natureza, com o trabalho e com a religião e se afirma a partir de suas lutas políticas em defesa de seus direitos e pela sobrevivência física e cultural. Nesse particular, a identidade cabocla do Oeste catarinense define-se pela oposição sistemática com o ethos do colono, pois a separação social entre caboclo e colono foi sua marca constitutiva. O caboclo, normalmente, via-se rejeitado pelas novas comunidades de colonos que aportavam à região para ocupar suas terras. No conflito que se estabeleceu entre colonos, caboclos e índios, estes dois últimos foram marginalizados e destituídos de suas terras, cultura e métodos de trabalho. (RADIN; CORAZZA, 2018, p. 29).

O autor Wenceslau de Souza Breves foi funcionário da Secretaria da Fazenda, Viação e Agricultura de Santa Catarina. Ele foi responsável por demarcações de terras no Oeste catarinense, de 1919 a 1924. Em Chapecó, demarcou as terras que foram concedidas à Empresa Colonizadora Bertaso, Maia & Cia. Em sua obra “O Chapecó que eu Conheci”, traz importantes contribuições descrevendo o modo de vida dos caboclos devido a sua vivência junto à comunidade de Chapecó, embora demonstre um olhar discriminatório sobre as

culturas indígenas e caboclas. O fato de não conhecerem a enxada os definia como atrasados. Na figura de José Marcelino, um personagem fictício na sua obra, representava o caboclo chapecoense e assim seu modo de vida. Questionando a diferença quanto a fartura nas terras do outro lado do rio Uruguai já que o clima e as terras eram iguais, concluiu que isso se devia “[...] à falta de educação para o trabalho, à falta de método, de constância”. (BREVES, 1985, p. 40).

Existiram muitas relações de amizade entre colonos e caboclos, mas também havia também certa desconfiança entre ambos. É claro que a desconfiança no caboclo era preponderante sendo vítima de preconceitos variados.

[...] inferior por não trabalhar da mesma forma que eles e por ser normalmente pobre; - é considerado arruaceiro ou de pouca confiança, à medida que se ouvem expressões como: “parece gente branca de tão bom que é”; - quase sempre as pessoas, principalmente no comércio, impõem diversas dificuldades para vender a crédito para as pessoas morenas, consideradas caboclos. (POLI, 1995, p.177).

De acordo com Poli (1995), com a chegada dos colonos gaúchos no Oeste catarinense, os caboclos cederam e se desfizeram de suas posses, pois não tinham condições de questionar a propriedade com aqueles que possuíam documentação. Afastados de suas terras, muitos acabaram por trabalhar na condição de agregados dos colonos exercendo atividades na extração de madeira, no cultivo de lavouras e na extração da erva-mate e, raramente, conseguiram manter-se como proprietários.

O autor também faz citação às duas razões para o caboclo retirar-se:

[...] a) o pleno conhecimento de que sem escritura a terra não era dele. Portanto, o controle através de posse era instável e inseguro. A lembrança do ocorrido no ex-Contestado, quando os posseiros foram expulsos pela polícia particular do Brazil Railway Company, estava presente; b) a impossibilidade de convivência do seu sistema de criação de porcos, soltos na plantação de milho, com o da agricultura intensiva praticada pelos colonos sulistas. (Wachowicz, 1985, *apud* POLI, 1995, p.179).

A trajetória dos caboclos é marcada pela expropriação de suas terras que foi uma das principais causas da Guerra do Contestado²⁵. O traçado definitivo com a assinatura do acordo

²⁵ O Contestado aparece muitas vezes na pesquisa devido a ser um marco importante na história do catarinense, mas a intensão aqui não é falar sobre o conflito. Para esclarecer, a Guerra do Contestado foi um conflito ocorrido entre os anos de 1912 e 1916, envolvendo a população sertaneja local e as forças militares. O território contestado foi do sul e sud do Paraná, e do norte e Oeste de Santa Catarina. Caboclos e agricultores contestavam a apropriação de suas terras pelas madeireiras e a construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande. O principal líder da população sertaneja foi o monge José Maria que morreu na batalha do Irani em 1912. Essa batalha marcou o início do conflito.

de limites entre o Paraná e Santa Catarina foi trágico para caboclos e posseiros que habitavam a região, sendo obrigados a se retirar de suas terras porque não possuíam documentação legal para sua ocupação.

Em síntese, os traços culturais das populações que formam a sociedade do Oeste catarinense, resultam de uma combinação de culturas dos diversos povos que habitaram e dos que ainda habitam a região, como os povos indígenas, a população cabocla, com elementos das culturas africana e portuguesa, e a cultura dos colonos migrantes. Por sua vez, os traços culturais que acompanham o processo de colonização, embora tenham se constituído a base do modo de vida dominante, por um longo período de tempo, não eliminam a permanente tensão que enfrentam entre a negação da cultura cabocla e a pressão dos novos valores culturais tipicamente capitalistas, que tendem a afirmar-se com muita força nos tempos atuais. (RADIN; CORAZZA, 2018, p. 48-49).

Atualmente, as universidades e pesquisadores tem dado um novo olhar para a história dos indígenas, dos caboclos e das populações afro-brasileiras com novas leituras e abordagens na historiografia evidenciando os sofrimentos, os conflitos a exclusão de suas terras e a discriminação étnica que foram acentuadas com a marcha da colonização. Vítimas do processo colonizador eram vistos como inúteis para os fins do progresso e condenados a uma invisibilidade cujas culturas foram subjugadas com profundas alterações ou até mesmo a destruição completa de seus modos de vida, ainda lutam por um espaço e reconhecimento na história e memória da região.

3.3 TERCEIRA FASE: A PRESENÇA DO IMIGRANTE

Compreender o processo e as formas de ocupação do território é fundamental para identificar quais foram os alicerces que direcionaram a chegada do contingente populacional de imigrantes na região, bem como as razões que os fizeram migrar para cada local. O desejo do imigrante ao se aventurar em novas terras era movido por um sentimento de esperança que levava consigo, além da família, seus instrumentos para trabalhar a terra, seus poucos móveis e utensílios. Tudo era carregado nos carroções, quase sempre puxados por animais. Inúmeros migrantes partiram das terras do Rio Grande do Sul para o Oeste Catarinense, às margens do Rio Uruguai. Em muitos casos como o descrito na citação a seguir estes migrantes e seus descendentes sofriam certo desenraizamento, tristeza e até adoecimento por não se adaptar ao novo lugar.

Era o ano de 1938, quando a família de Jacó Ritter resolve sair das terras que chamavam de Terra Velha, no Rio Grande do Sul, e se aventuram para terras catarinenses. Estabeleceram-se às margens do Rio Uruguai, na cidade de Concórdia. A família já numerosa, comoito filhos e a mulher grávida do caçula,

enfrentavam muitas dificuldades. Já fazia três anos que estavam nas terras catarinenses, mas o pai da família, não conseguia se acostumar. Voltar para as antigas terras já não tinham condições. Provavelmente acometido de uma forte depressão, Jacó não vê outra solução, a não ser tirar a própria vida. A esposa teve que ser forte e pensar nos filhos e tomar a frente para o sustento da família. Os filhos, desde cedo já tinham que ajudar nas tarefas da casa e da roça. A família Ritter ficou morando nessas terras até 1986, quando foram indenizados, pois suas terras seriam atingidas pela construção da barragem de Itá²⁶.

Historicamente, o Brasil foi literalmente vislumbrado pela primeira vez pelos navegadores portugueses no início do século XVI. Entretanto, esta região imensa que corresponde ao Oeste catarinense, manteve-se praticamente intocada até sensivelmente o término do século XIX. Até o início do século XX não houve estímulos governamentais para a (re) ocupação da região que compreende o sul do Brasil.

Por (re) ocupação esse autor entende um "[...] processo que se desenvolveu a partir de meados do século XIX com a preocupação de integrar terras consideradas vazias ao processo de valorização do capital ou ao processo de desenvolvimento do capitalismo no Brasil." (TOMASI, 2000 *apud* FREITAG, 2007, p. 96)

A região Sul do Brasil era demograficamente pouco ocupada. “Com o processo de colonização não indígena na região, estes povos foram sendo sistematicamente perseguidos e diversas aldeias foram sendo sumariamente dizimadas”. (LINO, 2013, p.136). Com a chegada de um novo grupo, os migrantes, principalmente descendentes de europeus das antigas colônias gaúchas o território sofre alterações no modo de ocupar e retirar os recursos da natureza. Trazem necessidades próprias e diferentes para seu sustento e subsistência. A ideologia do progresso e desenvolvimento vai aos poucos alterando a paisagem dos lugares e trazendo novas possibilidades de aproveitar os recursos naturais.

A Lei de Terras de 1850, a primeira lei agrária do país, veio a favorecer a imigração, pois garantia com mais clareza a posse da terra. Foi a primeira vez que se buscou regulamentar a questão fundiária do Brasil. Esse ato determinou que o acesso às terras consideradas devolutas só seria possível por meio da compra ou da doação por parte do Estado. Esta lei procurava seguir os moldes dos países europeus onde se desejava colocar o Brasil entre as nações ditas civilizadas.

A chegada dos imigrantes europeus em meados do século XIX ao Rio Grande do Sul atendia a uma necessidade e a uma exigência de capital tanto nacional como internacional. De acordo com Silvio Coelho Santos (1998), ao mesmo tempo em que a colonização começa a interessar aos governos das províncias, as companhias colonizadoras procuram ter as

²⁶ Relato da autora.

concessões sobre as terras para iniciar a colonização das áreas do Sul do Brasil que ainda encontravam-se praticamente despovoadas.

A miragem ou a possibilidade de acesso à propriedade fundiária é um dos principais aspectos das migrações transoceânicas. Nas fontes alternativas: cartas, diários e relatos dos imigrantes, são registrados constantemente o fascínio que o apelo à possibilidade de acesso à terra exerceu sobre eles. (COSTA, 2011, p.126).

O fim da escravidão também foi um fator determinante para incentivar a vinda de imigrantes, pois as lavouras principalmente de café, precisavam substituir a mão de obra escrava. O imigrante aparecia como uma solução para atender as demandas econômicas dos grandes barões, além de estabelecer o tão desejado branqueamento da população. Essa era uma ideia abertamente defendida pelas elites que desejavam enquadrar o país os padrões dos países europeus.

O período do segundo reinado no Brasil trouxe muitas dificuldades para o país, como as lutas internas das revoltas regenciais e externas como a guerra do Paraguai entre 1864 a 1870. Isso também reforçava a necessidade de povoar a região que era considerada estratégica.

Nesse processo conjugaram-se interesses diversos, entre os quais os das empresas colonizadoras, que especulavam com a venda de terras; dos investidores, que esperavam ver suas aplicações multiplicarem-se em pouco tempo e, do Estado, que objetivava ver este espaço ocupado para melhor explorá-lo economicamente, inclusive pela cobrança de tributos sobre a erva-mate e madeira. (RADIN, 1997, p. 65).

Também, com a abolição da escravatura em 1888, a qual o país não estava preparado economicamente, o imigrante surge num momento propício. A monarquia foi derrubada e o país começou a receber um vertiginoso número de imigrantes, apesar de o Brasil ter demorado a se incorporar a esse novo modelo de mão de obra. O Brasil foi um dos últimos países a abolir a escravidão e a adotar a forma de trabalho livre.

A imigração de europeus para o Brasil ocorreu com maior intensidade entre o final do século XIX e início do século XX. De acordo com Radin (1997), a imigração de europeus foi favorecida principalmente para suprir a de mão de obra substituindo os escravos que antes trabalhavam principalmente nas lavouras de café em São Paulo. A imigração também teve como objetivo o deslocamento do eixo para o sul, ou seja, povoar as áreas despovoadas e criar propriedades de pequeno e médio porte. Embora essas terras já estivessem ocupadas por populações nativas e caboclas, foram disputadas com os colonos recém-chegados. Essa era uma estratégia para construir a nação. Ainda de acordo com Radin, além do branqueamento

da população, se pretendia difundir os valores e princípios de uma sociedade capitalista e impulsionar o que se entendia por civilização. A afirmação é complementada por Costa:

[...] observa-se claramente que dentre os principais objetivos do processo de imigração efetuado no Brasil, destaca-se o branqueamento e aprimoramento da raça, bem como a preocupação em incitar a vinda de pessoas aptas ao trabalho, capazes de desbravar a mata virgem e edificarem a infraestrutura necessária ao estabelecimento e consolidação dos núcleos de povoamento. (COSTA, 2011, p.132).

Radin (1997) acrescenta que a imigração foi responsável não apenas pela ocupação dos territórios, mas também pela exploração dos recursos naturais e pela submissão das populações que já viviam aqui. A ideia de lucro e progresso prevaleceu e o território representava novas esperanças para os imigrantes, embora logo se dessem conta que a realidade era bem diferente do que as propagandas anunciavam por meio das companhias colonizadoras.

O governo brasileiro promoveu uma grande propaganda para incentivar a vinda de colonos europeus. A Europa estava vivendo uma crise social e uma promessa muitas vezes enganosa que prometia um enriquecimento rápido e a possibilidade de se tornar proprietário de terras, motivou a vinda de centenas de imigrantes para as terras brasileiras. As propagandas promovidas, aliadas à crise social que a Europa enfrentava, incentivou a chegada de grande número de imigrantes.

Principalmente através dos jornais, como o *Staffetta Riograndense* (hoje Correio Riograndense), de Caxias do Sul, com circulação semanal, veiculava propagandas sobre a venda de terras nos estados gaúcho, catarinense e paranaense. Essas propagandas visavam atingir o excedente populacional da Itália principalmente, onde destacavam as terras férteis, baratas e ricas em madeira. “[...] Clima favorável ao produto que está sendo anunciado, dando ênfase aos seus benefícios e valores, promovendo suas qualidades diferenciais e extraordinárias, a fim de fazer com que o interlocutor se disponha a comprar”. (RADIN, 2004, p. 147-148).

Na propaganda a seguir, o anúncio faz referência à colônia de Bom Retiro – SC que a descreve como uma colônia coberta por mato virgem e com terrenos incomparavelmente férteis, garantindo um futuro seguro e promissor. A propaganda destacava também a proximidade com a estrada de ferro que facilitaria o transporte dos produtos para um mercado consumidor. No mesmo jornal, a publicação do Departamento de Terras e Colonização, rebatia as informações que a companhia Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande estava

propagando colocando dúvidas sobre a legitimidade e legalidade das terras que estavam sendo aludidas em torno das propriedades.

Figura 8 — Propaganda veiculada pelo jornal Staffetta Riograndense de Caxias do Sul sobre a Colônia Bom Retiro em 1921.

STAFFETTA RIO-GRANDENSE

4
N 39

BANCO PELOTENSE

Fundado em Pelotas em 1906

Capital social... 30.000.000\$000
Reserva... 12.006.956\$610

FILIAES

Alegrete — Bagé — Bento Gonçalves — Cachoeira — Caxias — Cruz Alta — Dom Pedrito — Estrela — Itaqui — Jaguarão — Livramento — Novo Hamburgo — Passo Fundo — Porto Alegre — Quaraí — Rio Grande — Rosario — Santa Cruz — Santa Maria — Santa Vitória — São Borja — São Gabriel — São Vicente — Uruguaiana — Bello Horizonte — Ponta Grossa — Rio de Janeiro.

Agencias

Alfredo Chaves — Antonio Prado — Bom Retiro — Caçapava — Carazinho — Carlos Barbosa — Encruzilhada — Erechim — Garibaldi — General Osório — Guaporé — Ijuí — Jaguaray — Julio de Castilhos — Lagoado — Lagoa Vermelha — Lavras — Montenegro — Marcelino Ramos — Palmas — Rio Pardo — Santo Angelo — Santiago do Boqueirão — S. Francisco de Assis — S. Jeronymo — Skippyanga — S. Luis de Misões — São Leopoldo — S. Sebastião do Cayé — Soledade — Taquara — Taquary — Tupacretan — Vaccaria — Venancio Ayres.

Correspondentes nas demais praças

Acacia Depositos a prazo fixo 7% — Depositos com avios a 6 e 6 1/2 % — Limite los a 5 1/2 %

Casa Filial em Bento Gonçalves

Gerente: Dr. Gino Battocchio

Agencias de 1ª classe em Garibaldi, Agente Dante Fontazzi e Carlos Barbosa. João B. Giacomazzi.



Sr. José Amadeo Aguiar
Bom Jardim Pelotas — Rio G. do Sul.

Gerente de operações na porta e a Estação de Fisco. Chefe João da Silva Oliveira. de despacho nas praças.



General Augusto Vargas
Bom Jardim Pelotas.

Senador Príncipe — Para Gerente casa e Estação de Vigia da Fisco. Chefe João da Silva Oliveira. de despacho nas praças.

Banco Nacional do Comercio FUNDADO EM 1895

Capital Rs. 25.000.000\$000
Fundo de reserva Rs. 14.165.180\$520

Sede em Porto Alegre

SUCCURSAES NESTE ESTADO: Rio Grande, Pelotas, Bagé, São Gabriel, Livramento, Uruguaiana, Alegrete, Santa Maria, Cruz Alta, Ijuí, Passo Fundo, Cachoeira, Rosario, Rio Pardo, Montenegro, São Francisco de Paula de Sima da Serra, Gramado, Santa Cruz, Taquara, São Francisco de Assis, Novo Hamburgo, São Leopoldo, Encruzilhada, São Sebastião do Cayé, Santiago do Boqueirão, Caxias, Vaccaria, Bento Gonçalves, Alfredo Chaves, Guaporé, Itaqui, Caçapava, Estrela, Antonio Prado, Dão Pedrito, Jaguaray, Julio de Castilhos Lagoa Vermelha, Pinheiro Machado, Gaarhy, Santo Angelo, São Borja, Camaquã, Santo Antonio da Patrulha, Tupacretan, Garibaldi.

NO ESTADO DE SANTA CATHARINA: Florianopolis, Lages, Laguna, Porto União, Joozeville, Blumenau, Itajaí.

NO ESTADO DE PARANÁ: Curitiba, Paraguaré, Ponta Grossa, Rio Negro.

NO ESTADO MATTO GROSSO: Carambé, Capo Grande.

CORRESPONDENTES: Em todas as demais praças do Estado, Paiz, e Estrangeiro.

RECEBE DINHEIRO EM DEPOSITO, EM CONTA CORRENTE, COM RETIRADAS LIVRES AVISO PREVIO E A PRAZO FIXO, PAGANDO AS MELHORES TAXAS.

DEPOSITOS POPULARES: Nesta secção recebe-se qualquer quantia, desde Rs. 20\$000 até Rs. 5.000\$000, pagando-se juros capitalizados semestralmente.

Succursal em Garibaldi Gerente Angelo Paganelli.
Correspondente em Carlos Barbosa Arthur Renner.
Correspondente em Florianopolis Paulo Borghetti.
Correspondente em Ypiranga João Frenssler Sobrinho.
Correspondente em Boa Vista Nicolau de Ferri.
(n. 26. a.)

TERRE IN VENDITA

Il sottoscritto vende 40 colonie di 50 mila braccia ciascuna, situate nel municipio di Lagoado, distanti soltanto 8 ore dal porto di Lagoado, importantissimo punto di commercio. Le terre sono delle migliori e adatte per ogni cultura. Il prezzo é di 2 contos e 200 mil reis per ogni colonia. Dasque vedete, che oggi difficilmente se ne trovano a tal prezzo, dunque approfittate, fino a che c'è tempo.

Sulla strada carreggiabile, una delle migliori di Rio Grande do Sul, che da Taquary va a Soledade, lo stesso sottoscritto vende anche terreni con molti più. Non perdetevi l'occasione. Per maggiore schiarimenti e per trattare rivolgetevi a **Battista Locatelli in Costa Real, Municipio di Garibaldi.** (d. n. 32. 13 v.)

VENDE-SE

Uma serraria completa sendo uma Machina de 14 forcas, com rodas e uma ferramenta completa, de serraria um refilador de rodas de ferro, uma serra circular, e todo o zinco do barracão e de uma varanda.

E mais uma Machina de 18 forcas, e uma ferramenta para serraria, e uma serra circular.

Dirigir-se em Garibaldi a **Antonio Franciosi Serio.**

In questa tipografia si trovano quaderni per latterie

U. B. I. P. A.
Officina di Bonificazione e Immunizzazione dei Prodotti Agricoli di **Victor H. Silva**

PREVILEGIATA COLLA PATENTE N. 20305

Questa Officina con questo processo bonifica (pescera), cata, seleziona, separa il grano *bichado* dal sano, brunoise (smalta, dando lustro al grano) e immunizza (conserva) e spurga dai parassiti ogni qualità di cereale; come anche che fornisce sacchi, fa mappazzate, immagazzina merci, incaricandosi anche dello sbarco e dell'imbarco delle stese, dello *despacho, frete, corredo, seguro, imposto* ecc. ecc.

Domandano prospecti e Tabelle

Porto Alegre
30-Rua dos Andradas-30 ao lado do Arsenal de Guerra.
A. G. (d. n. 36. a.)

H. Hacker & Cia. Porto da União

Colonia Bom Retiro

2500 LOTTI COLONIALI

La Colonia BOM RETIRO é situada, por un'estensione di 75 Km., ai lati della ferrovia S. Paulo-Rio Grande e é servita da 4 stazioni, fra cui Capital e Herival (Stato di S. Catharina).

Sono 2.500 colonie di 50 mila braccia ciascuna di terre fertili, coperte da *matto vergine* dei più apprezzati legnami (*manduira de'ia*) e in certi punti vi sono anche belle piñete (*pinhoiras*). E TUTTA TERRA ARABILE, NON VI SONO TERRENI SCOSCESI E SAS- SIOSI E LE COLONIE SONO LOCALIZZATE DA 10 A 20 Km. IL MASSIMO, DALLA SRADA FER- RATA, essendo tutte servite da buone strade carreggiabili, che conducono ai nuclei e che servono per il facile trasporto dei prodotti. I nostri terreni sono adatti alla coltivazione dell'erba spagna, canna da zucchero, grano turco, fagioli, tabacco etc. Le acque sono abbondanti e buonissime e il clima molto salubre.

I maggiori centri di consumo sono S. Paulo e Rio de Janeiro, alle cui capitali va la maggioranza dei prodotti esportati dal nostro Stato. I prodotti della colonia Bom Retiro si trovano quasi a mezza strada di qui a S. Paulo e pertanto con poco più di metà spese di trasporto saranno mandati a S. Paulo, riverterato in profitto dell'agricoltore la differenza.

SONO DUNQUE DI UN FUTURO OTTIMO E SICURO, PERCHÉ SI TROVANO OTTO VICINE DI QUESTE AI DUE GRANDI CENTRI DI CONSUMO, OLTRE CHE ESSERE INCOMPARABILMENTE PIU' FERTILI E PIU' COMODE DA LAVORARE. La Stazione Capitali si trova a sole 2 ore di ferrovia da Marcelino Ramos.

I reverendi Padri Francescani ancora quest'anno apriranno un Convento ed un Collegio nella nostra colonia. I nostri nuclei coloniali hanno chiesa e scuola.

Nella colonia BOM RETIRO già vi sono centinaia di famiglie italiane ed allemande e si trova in franco progresso.

Coloni, chiedete le informazioni, che desiderate delle nostre terre, ai nostri Agenti.

Agente in Garibaldi: Sg. Ezequiel Doglia, Carlos Barbosa: Sg. Emilio Tedesco, Silva Pinto: Sg. Angelo Proenzi, Bento Gonçalves: Sg. Amadeo Arioli, Nova Roma: Sg. Napoleone Compagnoni, Alfredo Chaves: Sg. Renato dos Santos, Monte Venoso: Andrea Tonio, Boa Vista: Sg. José de Costa, Capocirana: Sg. Silvestro Ghedini, Antonio Prado: Sg. Riccardo Zanotto, Nova Bassano: Sg. José Somavilla, Marau: Sg. Julio Borella, São Luiz do Guaporé: Sg. Carlos Barbieri, Guaporé: Sg. Agostino Tramontini, Esperanca: Sg. Antonio Zanavalli, Asta Gerda: Sg. Carlo Moro, Nova Brescia: Sg. Eduardo Amadori, Mussuna: Sg. Giovanni Patuzzi, Santa Theresa: Sg. Eremelindo Piccinini.
(d. n. 26 a. 2. o.)

Companhia de Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande

Departamento de Terras e Colonisação

as suas propriedades Pepery, Chapeco, Rio Engano e Rancho Grande

A companhia de Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande, alina de evitar dúvidas sobre a sua situação de senhora e legítima possuidora das propriedades Pepery, Chapeco, Rio Engano e Rancho Grande e também no intuito de rebater explorações que vem sendo feitas em torno das alludidas propriedades, por meio de publicações tendenciosas de pretensos titulos, expedidos illegalmente por quem não e podia fazer, torna por este meio, mais uma vez publico, o inteiro teor de seus titulos de dominio e os quaes foram obtidos do Governo do Estado do Paraná no tempo em que o territorio, comprehendido por aquellas propriedades pertenciam ao alludido Estado do Paraná.

A Companhia de Estrada de Ferro São Paulo, para clareza das illegalidades de quaesquer outros titulos expedidos, posteriormente aos que vão adiante transcritos, e que lhe asseguram o dominio absoluto das propriedades Pepery, Chapeco, Rio Engano e Rancho Grande, torna publico também a clausula IX DO ACCORDO assignado em 30 de Outubro de 1916 entre os Estados de Paraná e Santa Catharina, e a qual é do teor seguinte. Eil-a:

"SERÃO RESPEITADOS E MANTIDOS PELO ESTADO DE SANTA CATHARINA OS DIREITOS PRIVADOS CRIADOS, ATÉ HOJE, NO TERRITÓRIO RIO QUE PASSA A SUA JURISDIÇÃO POR ACTOS LEGISLATIVOS OU EXECUTIVOS DO ESTADO DO PARANÁ"

(n. 37 3 v.)

Compagnia della Ferrovia S. Paolo - Rio Grande

Sezione di Terre e Colonizzazione

le sue proprietà Pepery, Chapeco, Rio Engano e Rancho Grande

La compagnia della Ferrovia S. Paolo-Rio Grande, per evitare dubbi sulla sua situazione di padrona e legittima possiditrice della proprietà Pepery, Chapeco, Rio Engano e Rancho Grande ed anche per sventare esploramenti, che si stanno facendo attorno alle dette proprietà, per mezzo di pubblicazioni tendenziose di pretesi titoli, dati illegalmente da chi non lo poteva fare, rende con questo mezzo pubblico, ancor una volta, l'intero tenore dei suoi titoli di dominio, i quali furono ottenuti dal Governo dello Stato del Paraná nel tempo in cui il territorio compreso da quelle proprietà apparteneva al detto Stato di Paraná.

La Compagnia della Ferrovia di S. Paolo per chiarezza delle illegalità di qualunque altro titolo concesso posteriormente a quelli sopradescritti e che le assicurano il dominio assoluto delle proprietà Pepery, Chapeco, Rio Engano e Rancho Grande, rende pubblica anche la clausula IX DELL'ACCORDO firmato il 30 Ottobre 1916 fra gli Stati del Paraná e Santa Caterina, la quale è del seguente tenore. Eccoia:

"SARANNO RESPETTATI E MANTENUTI DALLO STATO DI SANTA CATERINA I DIRITTI PRIVATI CREATI, FINO AD OGGI, NEL TERRITÓRIO, CHE PASSA SOTTO LA SUA GIURISDIZIONE, CON ATTI LEGISLATIVI O ESECUTIVI DELLO STATO DI PARANÁ."

As propagandas veiculadas serviam para atrair os colonos nas primeiras décadas da colonização e foram muito bem analisados por Radin (2014). Em geral, as propagandas enfatizavam a enorme quantidade de lotes a baixos preços, terras com extraordinária fertilidade e adaptada a cultura de cereais, a existência de estradas e a proximidade aos centros comerciais para a comercialização dos produtos e, mediante o pagamento, seria concedido o título de propriedade.

A definição dos limites nos territórios do Sul do Brasil estendeu-se por um longo período. A província de Santa Catarina foi criada em 1809, no entanto, a disputa por limites entre Santa Catarina e Paraná chamado de território contestado só foi resolvida em 1916 pela assinatura do acordo de limites entre os dois estados, oferecendo assim a efetivação da colonização em todo o território que, segundo Radin (1997), seguiu-se nos mesmos moldes dos primeiros assentamentos de imigrantes europeus.

O período da Guerra do Contestado coincide com o aumento da exploração madeireira em amplas áreas de floresta do Sul do Brasil, onde os novos colonizadores viam as riquezas que as terras com mato poderiam oferecer. Nesse contexto, a indústria madeireira surgia promovendo uma série de mudanças econômicas e sociais contribuindo para a alteração da paisagem do Sul do Brasil.

De acordo com o IPHAN (2011), em um século, estima-se que o Brasil tenha recebido aproximadamente cinco milhões de imigrantes. Estes se fixaram principalmente nos estados do Sul e em São Paulo. Em Santa Catarina, a imigração multiplicou o contingente populacional e faz surgir grandes centros urbanos como Joinville e Blumenau. O Rio Grande do Sul foi um dos últimos estados a ser integrados no contexto da colonização. Povoar o estado e integrá-lo ao território nacional, produzindo alimentos, era uma medida política estratégica do governo imperial para com os imigrantes recém-chegados.

As terras de campo planas já estavam loteadas entre os estancieiros luso-brasileiros e castelhanos e estavam voltadas à pecuária extensiva. O que sobrava aos colonos, portanto, eram as terras de mata e serras. As matas constituíam um entrave para o início da colonização e sua derrubada era imprescindível para desenvolver qualquer atividade econômica. Radin (1997) ainda escreve que a situação encontrada pelos italianos no Rio Grande do Sul era bastante diferente da encontrada pelos alemães, 50 anos antes. As melhores terras já haviam sido ocupadas e o que sobrou foram as regiões de montanhas, coberta de mata virgem e isolada.

Essas adversidades encontradas pelos imigrantes italianos nas colônias fizeram com que no início do século XX houvesse a busca por novas terras. Esse movimento se deu

primeiro internamente, com o deslocamento de famílias para o Alto Uruguai Gaúcho nas áreas onde hoje estão as cidades de Lagoa Vermelha, Passo Fundo, Erechim, Getúlio Vargas, Sananduva, Sarandi, Carazinho e dezenas de outras comunidades às margens do Rio Uruguai.

Portanto, foi a busca por novas terras que interessou muitos italianos e suas famílias se deslocassem para as terras do Oeste e Meio Oeste Catarinense. “Os ítalos migraram levando, além da esperança, a experiência vivida nas antigas colônias do Rio Grande do Sul e na Itália e construíram uma história peculiar, intimamente ligada à terra”. (RADIN, 1997, p. 84).

O processo de colonização da região Oeste de Santa Catarina que se dá, principalmente a partir de 1930, com a chegada dos primeiros luso-brasileiros vindos de outros estados, principalmente do Rio Grande do Sul, ocasionou profundas alterações na paisagem à medida que as madeiras e lavouras foram se instalando. Em consequência, a cultura nativa foi sendo relegada gradativamente. Dessa forma, Quijano (2005) contribui declarando que esses primeiros habitantes foram sendo colocados em situação de inferioridade, determinando, assim, os que teriam poder na sociedade.

“Pode-se dizer que Santa Catarina é um estado de imigrantes”. (IPHAN, 2011, p.29). Habitado por grupos indígenas e caboclos, o Oeste catarinense estava com uma floresta praticamente intacta, e representava novas oportunidades aos novos habitantes que chegavam ao lugar.

Um dos primeiros relatos sobre as florestas no Sul do Brasil no século XIX é o de Auguste de Saint-Hilaire, viajante francês que empreendeu viagens pelo Paraná e Santa Catarina em 1820. Ao se referir aos Campos Gerais do Paraná que percorreu, se manifestou afirmando que a região apresenta uma das mais belas paisagens que pôde deslumbrar desde que chegou ao Brasil. Saint-Hilaire também descreve a região, afirmando que:

Até onde a vista pode alcançar, descortinam-se extensas pastagens; pequenos capões onde sobressai a valiosa e imponente araucária. Surgem aqui e ali nas baixadas, o tom carregado de sua folhagem contrastando com o verde claro e viçoso do capinzal. (1978, p. 15-16).

Outras importantes descrições sobre o Brasil foram feitas por Robert Ave-Lallemant, médico alemão que residiu no Brasil por vários anos. Ele percorreu os três estados da região Sul do Brasil onde fez diversas anotações sobre a população, a fauna e a flora que encontrou. Em 1859 publicou as suas impressões sobre sua passagem pela região. Mas, com toda certeza o que mais lhe chamou a atenção foram as florestas de araucária.

Com toda a majestade erguiam-se em torno de nós as princesas da floresta. Muitas, das maiores, tinham sido abatidas e consumidas na construção de casas e em tábuas. O vigoroso tronco mede de diâmetro, três a quatro pés e mais, e sobe, em forma de coluna, sem esgalhar, 50 a 70 pés de altura. (...) Enquanto os galhos horizontais partem horizontalmente do tronco ou se dirigem ligeiramente para baixo, os galhos enfolhados procuram o alto, de modo a que a árvore, por mais variado que seja o seu contorno, sempre tem o aspecto de um grande candelabro. (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 220).

As serrarias que atuaram no município de São Domingos exploraram sobretudo a vegetação de arucárias. Apesar de sua intensa exploração, sua presença ainda é marcante até mesmo no perímetro urbano.

Figura 11— Fotografia de Araucárias no município de São Domingos.



Fonte: Fotografia da autora.

A Floresta Ombrófila Mista, conhecida como floresta com Araucárias e ainda recebendo denominações como Mata de Araucária, Mata de Pinhais ou Mata Preta é uma das espécies que compõem o bioma da Mata Atlântica. O pinheiro brasileiro (Araucária

angustifolia) com uma fisionomia inconfundível de seu tronco reto e cilíndrico e sua copa característica se sobressai na altura da floresta. A abundância de madeiras despertou o interesse com novas possibilidades para que uma nova atividade econômica ganhasse espaço. Assim, em todos os cantos as serrarias foram se multiplicando. “As serrarias eram uma presença constante nas sedes dos distritos e municípios, sendo elas as principais responsáveis pelos empregos urbanos e pelos processos de urbanização”. (POLI, 2015, p. 269).

Antes da chegada dos migrantes principalmente descendentes de europeus que vinham do estado vizinho Rio Grande do Sul, a região Oeste do Estado apresentava uma natureza exuberante, com espécies de árvores como o cedro, a araucária e outras espécies de madeira de lei que foram objeto de interesse dos colonos migrantes. Os indígenas usufruíam os recursos da natureza apenas para a subsistência, pouco alterando o território, e a floresta se manteve em equilíbrio até a chegada dos imigrantes, em sua maioria no início do século XX. Quando esses colonos chegaram para também ocupar as terras do oeste catarinense, encontram um território com densa floresta que precisava ser derrubada para possibilitar a implantação das lavouras.

O colonizador passou a ver a floresta como um recurso que poderia ser explorado e gerar novos lucros. A madeira extraída pelas serrarias seria aproveitada nos diversos empreendimentos que a colonização promovia e também seria uma forma de limpar o terreno para o desenvolvimento da agricultura.

Ao deixarem o espaço onde viviam, os imigrantes foram desterritorializados e, na nova terra, reterritorializados. Por sua vez, nos espaços dos assentamentos agrícolas, também se deu a desterritorialização de populações indígenas e cabocla e, com isso, o processo de despovoamento permitiu que se efetivasse o repovoamento pela colonização. (RADIN, 2020, p. 22)

Não podemos deixar de falar sobre a violência que os colonos promoveram contra os indígenas. Estes últimos atacavam as plantações e moradias. “Ao colocar nativos e colonos disputando o mesmo espaço, o governo criou uma situação de embate. O imigrante, que pagava por seu lote, era legalmente o dono da terra. Mas os grupos que ali já estavam também o eram, legitimamente”. (IPHAN, 2011, p. 56). Em algumas colônias, os nativos eram perseguidos e até expulsos das terras através da violência promovida pelos bugreiros²⁷.

É evidente que através do processo de colonização, que se dá principalmente a partir de 1930, a cultura e os hábitos trazidos pelos gaúchos se sobrepõem a indígena. Os processos

²⁷ Indivíduo contratado pelos governos imperiais e tinham como função atacar e exterminar os indígenas. O termo origina-se da palavra bugre como eram conhecidos pejorativamente os indígenas do sul do Brasil. Os bugreiros eram profundos conhecedores da vida no sertão e realizavam ataques de surpresa nas aldeias.

de desbravamento fizeram com que o meio ambiente em que viviam os caboclos fosse sendo destruído à medida que as madeireiras e lavouras foram se instalando e, em consequência, a cultura nativa foi sendo relegada gradativamente até permanecer dela tão somente alguns vestígios quase imperceptíveis.

A decisão de estimular a vinda de imigrantes europeus para o Brasil se deu, principalmente, devido ao fim do regime de escravidão que então demandava por uma nova mão de obra para as lavouras de café em São Paulo. Mas foram os governos provinciais da Região Sul do Brasil que mais se interessaram em desbravar largas faixas de floresta, efetuando assim, concessões de terras para as companhias colonizadoras particulares. Assim, um grande contingente de imigrantes era atraído com o fascínio pela possibilidade de acesso a terra.

De acordo com Gil Karlos Ferri (2014), os extensos pinheirais serviram para pagar a construção da estrada de ferro²⁸ entre São Paulo e Rio Grande do Sul. A empresa estadunidense responsável pela construção da ferrovia, contava com avançada tecnologia para a extração de madeira, o que contribuiu para que a região passasse por profundas mudanças sociais, econômicas e também ambientais.

A construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande também foi um fator determinante que favoreceu a exploração das florestas de araucária e tornou possível que as áreas do interior fossem abertas para a colonização. Aliado à ferrovia e a chegada da companhia Lumber,²⁹ estava a crescente demanda por madeira no sudeste, na Argentina e no Uruguai. A Lumber, pioneira na indústria madeireira de grande porte, promoveu uma valorização das terras e também fortaleceu ainda mais a forma de utilização das florestas de araucária no Sul do Brasil, tornando a indústria madeireira um ramo altamente lucrativo e de interesse para muitos colonizadores, aquecendo a nova economia que estava se formando. A vinda da população excedente das colônias do Rio Grande do Sul representava uma solução para a (re) ocupação do território.

Tendo a terra se tornado uma mercadoria lucrativa, as companhias iniciaram na busca de imigrantes para ocupá-las, após o conflito do Contestado e da definição de limites. Especialmente nos novos municípios de Chapecó, Mafra, Porto União e Joaçaba. (RADIN, 1997, p. 66).

²⁸ A Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, também conhecida como Itararé-Uruguai, foi uma via ferroviária que interligou a região sudeste do Brasil à região Sul. Sua construção teve início em 1897 e foi inaugurada em 17 de dezembro de 1910.

²⁹ A Southern Brazil Lumber & Colonization Company, que se tornou conhecida como Lumber.

A migração foi muito incentivada pelas companhias colonizadoras que desejavam difundir no território a pequena propriedade. No Oeste de Santa Catarina, a colonização de parte do município do Velho Chapecó³⁰ que integrava vários municípios foi empreendida e realizada pela Colonizadora Bertaso S/A que tinha sua sede no município de Chapecó. A empresa fazia uso da propaganda para incentivar a vinda de gaúchos. Assim, a propagação da ideia de riqueza motivou a colonização das áreas com densa floresta.

A Companhia Colonizadora Bertaso, Maia & Cia³¹ foi fundada em 1918 e foi responsável pela venda das primeiras glebas de terras aos colonos migrantes. Sua atuação promoveu a colonização de uma área de 92.438 hectares, sendo que desses 10.000 estavam localizados a margem esquerda do rio Chapecó. O município de São Domingos também se enquadrava nessa faixa de terra da colonizadora Bertaso. De acordo com Hass (2003), num prazo de mais ou menos 30 anos, a colonizadora foi a responsável direta pela vinda de mais de oito mil famílias na região que compreendia o município de Chapecó. Foi sem dúvida a responsável direta pelo efetivo processo de povoamento que seguia a marcha da colonização na região do Velho município de Chapecó e realizando um trabalho de integração da região dentro do contexto catarinense da época.

As companhias não apenas comercializavam as terras, como também os recursos naturais ligados a ela, principalmente a madeira. A instalação da Colônia Militar de Chapecó, criada em 1882 pelo decreto nº 2.502 de 16 de novembro de 1859, embora com pouca infraestrutura e baseada numa agricultura de subsistência, também contribuiu para o povoamento da região embora sua principal finalidade fosse assegurar as fronteiras do país com a Argentina, controlando possíveis entradas ilegais de estrangeiros, além de sustentar que esta área ficasse sob o poder do estado brasileiro.

Cada companhia com uma fatia configurou e contribuiu diretamente para que o processo de colonização da região fosse realmente efetivado, surgindo colônias e povoados. As companhias colonizadoras também possuíam subsidiárias para aumentar sua área de atuação e também foram responsáveis por atrair os colonos do Rio Grande do Sul. O mapa

³⁰ Velho Chapecó é uma designação do município de Chapecó até meados da década de 1950 que abrangia praticamente todo o catarinense no período chamado de Estado Novo, que vigorou no país entre os anos de 1937 e 1945.

³¹ As Companhias Colonizadoras chegam à região instalando-se com capital próprio. O governo de Santa Catarina participava concedendo alguns incentivos devido a necessidade premente de ocupação da região. Dentre as Companhias de Colonização que atuaram na região do Município de Chapecó, a partir de sua criação, destacam-se a Empresa Colonizadora fundada por Ernesto Francisco Bertaso e os irmãos Agilberto Atilio e Manoel dos Passos Maia em 1918 e que se instalou no antigo povoado de Passo dos Índios (atual município de Chapecó) com um escritório.

abaixo nos permite visualizar as companhias colonizadoras que atuaram na região Oeste catarinense na década de 1930.

Figura 12 — Retalhamento³² das terras no Oeste catarinense pelas colonizadoras responsáveis pela ocupação da região.



Fonte: Piazza, 1994, disponível em:

http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434423276_ARQUIVO_Coloniasecolonizadorasna-região-de-Santa-Catarina.pdf. Acesso em 17 de junho de 2024.

A partir de 1930, a indústria madeireira começa a crescer bastante em todo o Oeste catarinense na medida em que as picadas eram abertas para que a madeira fosse extraída.

Os imigrantes ítalo-brasileiros não escondem seu orgulho por fazer surgir nas várias comunidades da região, em curto espaço de tempo, capelas, escolas, estradas, casas e tudo quanto fosse necessário para a vida privada e social. Sentiram-se, a chegada da civilização; afinal, eram eles que haviam derrubado a mata, construído estradas, que fizera grandes plantações de trigo e milho, etc., em síntese, com eles a região deixava de ser apenas ‘carijó e barbaquá’. (RADIN, 1997, p.94).

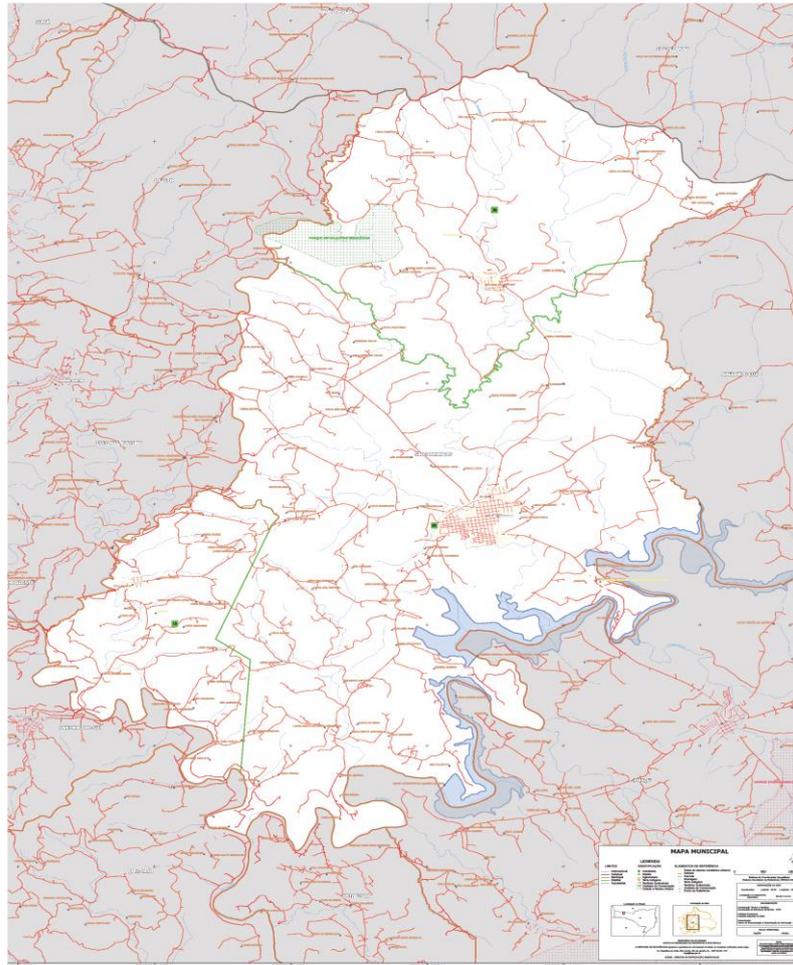
A atuação das companhias colonizadoras foi fundamental para que atrair a ocupação com a venda dos lotes de terra e, segundo Radin (1997), alijando os nativos deste processo. Dessa forma, os colonos iam se interiorizando e formando povoados por toda a região como é o caso do município de São Domingos.

³² Depois do retalhamento ou partilha das terras da região em pequenos lotes, ao mesmo tempo em que os migrantes aproveitavam a madeira e a erva-mate, iniciou-se a produção de grãos e a criação de animais nas pequenas propriedades rurais.

3.4 CONHECENDO NOSSO LUGAR: SÃO DOMINGOS - SC

São Domingos é um município que está situado na região Oeste de Santa Catarina, a 620 Km da capital Florianópolis. Integra um domínio de 383,652 Km² e está a 635 metros acima do nível do mar.

Figura 13 — Mapa Rodoviário do município de São Domingos.



Fonte: https://geofpt.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_municipais/colecao_de_mapas_municipais/2020/SC/sao_domingos/4216107_MM.pdf.

Superfícies planas onduladas e montanhosas, possui solo com alta fertilidade e está bem servido de uma rede hidrográfica, tendo como principais abastecedores os rios Bonito, Saudades, Martins, Emigra e Lajeado Jacutinga. Sua vegetação compreende uma mata nativa composta por pinheiros, cedro, canela, angico e louro. Hoje, apresenta áreas de reflorestamento de eucaliptos e pinus. Sua economia até a década de 80 era baseada na extração de madeira e, com o tempo, áreas descampadas fizeram da agricultura sua principal atividade com áreas de muita produtividade de milho, soja, trigo e feijão.

O município tem sua população formada majoritariamente por descendentes de italianos e alemães. Até a chegada dos primeiros migrantes que vieram principalmente de regiões do vizinho Estado do Rio Grande do Sul³³ e estabelecerem novas formas de ocupação, o local era habitado por indígenas Kaingang e caboclos.

O processo de colonização branca, que se dá principalmente a partir de 1930, fez com que a cultura e os hábitos trazidos fossem se sobrepondo ao indígena e ao caboclo. Os processos de desbravamento introduziram novos valores e novas formas de ocupar a terra. À medida que as madeiras e lavouras foram se instalando, a cultura nativa foi sendo gradativamente relegada até permanecer dela tão somente alguns vestígios quase imperceptíveis.

Para nos situarmos historicamente, retornamos ao século XIX, quando em 1891 é promulgada a Constituição da República. As terras que antes pertenciam ao império português tornam-se devolutas³⁴ e entregues ao domínio dos Estados, que tanto poderiam ocupá-las ou doá-las. Alguns fazendeiros tomaram as terras que pertenciam aos indígenas e caboclos, alegando que eram terras devolutas e então conseguiram junto ao governo o título de propriedade. Amigos do poder estatal tiveram a concessão das terras e muitos aldeamentos foram tomados. Os títulos doados pelo governo tinham o objetivo de aguardar o momento de negociar as terras no processo de colonização.

Foi em 1893 que a área que corresponde ao município de São Domingos que incluía o já desmembrado Coronel Martins³⁵ passou a pertencer ao Tenente João Carneiro Marcondes e passou a chamar-se Fazenda São Domingos. Toda essa área pertencia aos Campos de Palmas.

O Tenente Coronel João Carneiro Marcondes requereu a legitimação da posse das terras junto a comarca de Palmas e teve o documento em 12 de novembro de 1892, compreendendo uma área de 550. 759.699 m². Limitava-se a Leste pelo Arroio São Domingos com a fazenda Santa Tecla, a Leste e ao Sul com o rio Chapecó, a Oeste com o rio Saudades e com o Ribeirão do Martinho. Toda essa área pertencia, portanto, a um único proprietário. Em 1906, quando esta área ainda pertencia aos Campos de Palmas, chega ao local Balduino Scheffer. Gaúcho de descendência alemã, ele era proprietário das terras desde o Rio Bonito

³³ Com base nas entrevistas, os migrantes que chegaram em São Domingos-SC vieram dos mais diversos lugares do Rio Grande do Sul como, Quatro Irmãos, Tapera, Pontão, Arvorezinha, São Valentim, Erchim e Campinas. Estes lugares estão descritos nas entrevistas, porém são apenas dados dos proprietários e trabalhadores das serrarias.

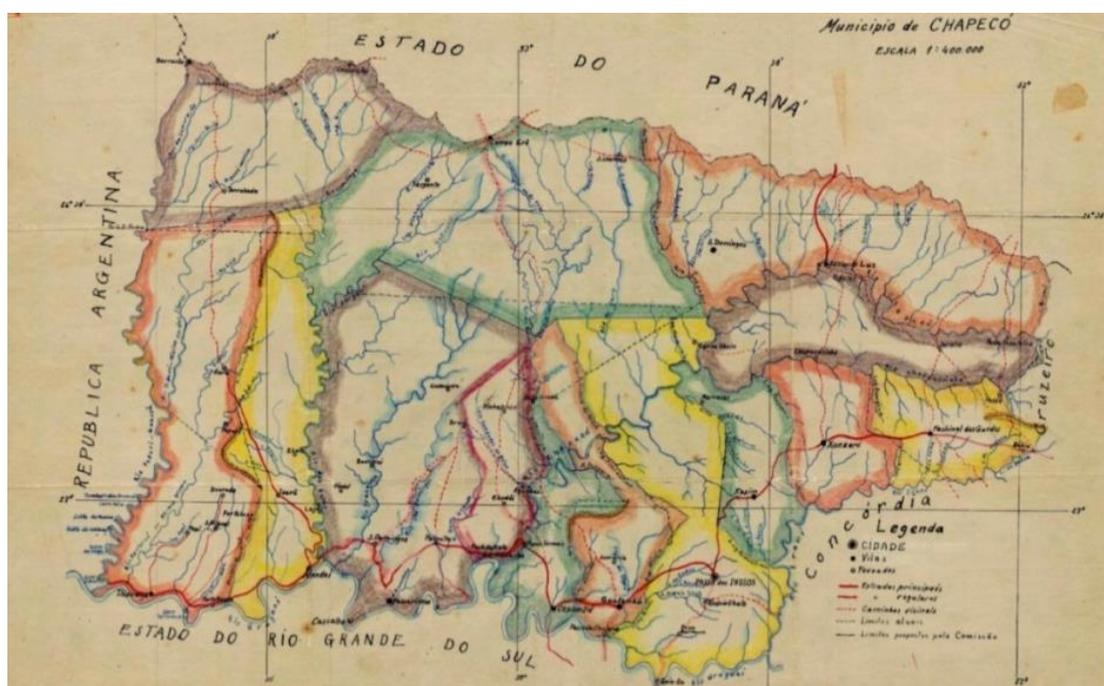
³⁴ Terras devolutas são terras públicas sem destinação pelo Poder Público e que em nenhum momento integraram o patrimônio de um particular, ainda que estejam irregularmente sob sua posse. O termo "devoluta" relaciona-se ao conceito de terra devolvida.

³⁵ Coronel Martins foi desmembrado de São Domingos em 30 de março de 1992, tornando-se um município.

até a Linha Imigra. Outras famílias vão chegando esporadicamente e novas moradias são edificadas na região que ainda continuava subordinada a Palmas.

Todo o Oeste Catarinense estava em expansão e, em 25 de agosto de 1907, é criado o município de Chapecó. Com a criação deste, muitos distritos também são criados e entre eles está uma vila localizada na Fazenda São Domingos, razão pela qual passa a chamar-se Distrito de São Domingos pertencente à comarca de Chapecó. No mapa que segue, podem-se observar os primeiros desenhos da divisão territorial do Oeste catarinense, os locais que ainda eram vilas e povoados e que no período pertenciam ao antigo de Passo dos Índios (atual Chapecó).

Figura 14 — Mapa das vilas e povoados que faziam parte do município de Chapecó.



Fonte: 069-1-sd-03 – Político/ Título: Município de Chapecó Confrontantes: Municípios de Concórdia e Joaçaba. Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Argentina.

O mapa a seguir representa a rede hidrográfica da região com seus principais rios e afluentes. Vejamos que em 1930 o Rio Bonito que é o principal rio que abastece a cidade de São Domingos já estava representado no desenho. Desde 1917, quando ocorreu oficialmente a criação do município de Chapecó, muitas mudanças estruturais ocorreram no mapa da cidade. Por mais de 30 anos, Chapecó era um pequeno vilarejo do sertão, mas tinha um vasto território para ser ocupado. Em 1931, o povoado de Passo dos Índios transformou-se em sede do município.

Figura 15 — Mapa de 1930 da região que compreendia o município de Chapecó.



Fonte: 069-1-1930-01/ Título: Município de Chapecó/ Desenhista: A. Caldeira.

Em 1918, foi fundada a colonizadora Bertaso, Maia e Cia, que comprou em 1920, cerca de 100.000 hectares de terras do governo estadual junto à margem esquerda do Rio Chapecó. A colonizadora começa a vender partes dessas terras a particulares sendo responsável pela construção da estrada Passo Goio-En. Em troca recebe mais 29 mil hectares da Fazenda Rodeio Bonito atual município de Xaxim, vendida a seguir para os irmãos Lunardi colonizarem a área. Bertaso Maia e Cia foi, portanto a colonizadora responsável pela venda das primeiras glebas de terras aos colonos migrantes que vieram para este distrito incluindo toda a área que hoje situa-se o município de Xaxim-SC.

Em 1937, o nome do distrito é alterado para distrito de Diogo Ribeiro, que segundo escassos dados oficiais, o nome foi em homenagem à família deste paranaense que operou no desbravamento da região. O distrito continuava subordinado a Chapecó; no entanto, a vida dos moradores estava mais voltada para o município de Clevelândia - PR devido à quase inexistência de estradas. Os moradores do então distrito adquiriam em Clevelândia não só os produtos básicos para sua subsistência como sal, pólvora, querosene, açúcar e fumo de rolo, como também vendiam lá o que era produzido aqui. Somente no início dos anos 1930 é que Leopoldo Scheffer construiu uma espécie de bodega-armazém, que vendia desde a cachaça

até enxadas, foices, panelas, louças, pregos, cunhas³⁶ e mantimentos como sal e açúcar e farinha de trigo para os colonos e caboclos.

As lavouras supriam apenas as necessidades de subsistência, em função da inexistência de mercado consumidor e devido às condições de transporte do produto a outras regiões para comercialização. Nesse início da colonização, quase um isolamento comercial. Em geral, as propriedades agrícolas eram pequenas. Era preciso muito tempo e esforço braçal para derrubar a mata e formar uma roça.

A partir de 1940, o distrito começou a receber um contingente maior de descendentes de italianos e alemães vindos principalmente das colônias do Rio Grande do Sul. Estavam interessados nas abundantes riquezas naturais que possibilitavam novas oportunidades ao recém-chegados. Em 1942, o nome do distrito é renomeado para Distrito de São Domingos. Em 1943, é criado o território Federal do Iguaçu³⁷ e o Distrito de São Domingos Passa então a incorporar-se aquele território. Em 1946, o Território Federal do Iguaçu é extinto e o Distrito de São Domingos volta a pertencer ao município de Chapecó. Em 30 de dezembro de 1953, Xaxim é emancipado e São Domingos passa a pertencer a esse novo município. Em 1960, quando Xanxerê torna-se município, São Domingos passa a pertencer a ele. Finalmente, em 14 de Dezembro de 1962, através da lei estadual número 864, São Domingos passa a categoria de município, tendo sua instalação oficial em 07 de abril de 1963, com uma área total de 532 km quadrados. Foi um longo período de mudanças quanto ao seu pertencimento.

Tabela 1 — Demonstrativo das áreas que São Domingos fez parte.

1893 a 1917	Campos de Palmas - PR
1917 a 1943	Chapecó
1943 a 1946	Território Federal do Iguaçu
1946 a 1953	Chapecó
1953 a 1960	Xaxim
1960 a 1962	Xanxerê

Fonte: Prefeitura Municipal de São Domingos. Consulta local.

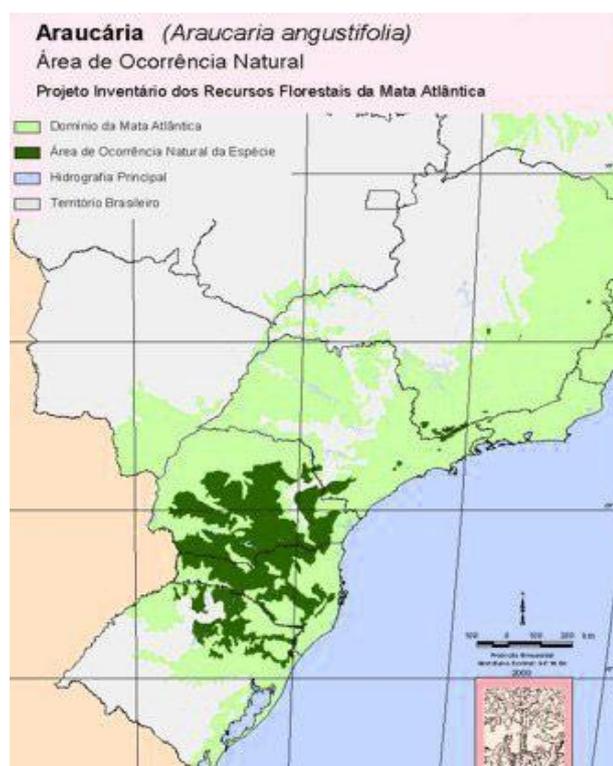
³⁶ Peça de ferro ou madeira, com duas faces em ângulo bastante agudo, que serve para rachar lenha, fender pedras, etc.

³⁷ O Território Federal do Iguaçu foi criado no dia 13 de setembro em 1943, abrangendo o e Sud do Paraná e a região Oeste de Santa Catarina. Uma área de 65.854 quilômetros quadrados. Sua duração foi curta e foi extinto em 18 de setembro de 1946.

De acordo com o quadro ilustrativo acima, podemos perceber que a área que hoje corresponde ao atual município de São Domingos pertenceu a diferentes territórios.

A partir dos anos 60, um maior número de pessoas começou a chegar ao distrito, atraídos pelas terras extremamente férteis e com uma flora riquíssima de araucárias e ervamate, além de outras madeiras de lei que poderiam render muitos lucros. O solo era propício a prática da agricultura que era a principal atividade econômica dos descendentes de imigrantes. Assim, as madeiras iam surgindo em meio ao pinheiral que foi fator de grande atração para os colonizadores. A imagem a seguir nos dá uma dimensão do quantitativo da floresta de araucária na região Sul do Brasil.

Figura 16 — Mapa demonstrativo do quantitativo de araucárias na Região Sul do Brasil.



Fonte: <http://brasilbiomasbrasil.blogspot.com/2011/06/mata-das-araucarias.html>. Acesso em 12 de novembro de 2023.

É um ecossistema que até o final do século XIX cobria cerca de 200 mil Km² das áreas de planalto dos estados do sul do Brasil. Foi essa grande imensidão verde que atraiu colonos e empresas colonizadoras para ocuparem a região e aproveitar-se da mata abundante e que prometia grandes lucros e novas possibilidades econômicas. Uma densa floresta que cobria uma porção considerável da superfície.

Cada vez mais, as serrarias iam atraindo pessoas que vinham em busca de trabalho e também se aventuravam para instalar seus pequenos comércios, como armazéns, ferrarias,

moinhos, bares e ervateiras³⁸. Aos poucos, o distrito foi sendo ocupado e as serrarias tornam-se as primeiras indústrias do município e as principais responsáveis pelo crescimento do local que, hoje, é o município de São Domingos. Esta pequena indústria foi fundamental para o aumento da população e crescimento do local. Esse aumento populacional pode ser observado pelos dados da tabela abaixo que demonstram que no período de maior atuação das serrarias, entre 1960 e 1990, a população teve altas taxas de crescimento. No censo de 2022, divulgado pelo IBGE, a população representou uma queda de -1,81% em comparação com o Censo de 2010. A evolução e o declínio podem ser observados na tabela.

Tabela 2 — Evolução da população do município de São Domingos com destaque para o período de maior atuação das serrarias.

Censo	População
1940	2.652
1960	8.163
1970	10.743
1980	14.035
1991	14.093
2006	8.635
2010	9.491
2022	9.226

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3oDomingos\(SantaCatarina\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3oDomingos(SantaCatarina)). Acesso em 10 de outubro de 2023.
Adaptada pela autora.

A devastação das áreas de floresta, promovida pelas empresas colonizadoras e madeireiras que atuaram na região, nos permite compreender a relação que foi estabelecida entre o homem e a natureza em função do progresso e das novas necessidades. Contribuíram para que a paisagem fosse profundamente alterada e modificada ao longo dos anos principalmente pela atuação das serrarias.

³⁸ A madeira e a erva-mate foram utilizadas como primeira fonte de renda de muitos migrantes, as quais serviram de aproveitamento comercial para as empresas colonizadoras que dividiram e comercializaram em forma de lotes as terras na região – muitas delas de capital internacional e outras de capital nacional.

4 DAS FLORESTAS SURGEM AS SERRARIAS: A INDÚSTRIA MADEIREIRA EM SANTA CATARINA.

A exploração da madeira no Brasil aparece já nos primeiros contatos estabelecidos pelos portugueses em 1500. O pau-brasil, planta nativa do país, foi o primeiro produto comercial que rendeu muitos lucros a coroa portuguesa até pelo menos 1530. A natureza se tornou uma moeda de troca, que poderia ser comprada e vendida.

O período colonial da história do Brasil marcou o início de uma relação de exploração do homem com o meio ambiente e a madeira se configurou como a principal fonte econômica para os portugueses no período colonial. Nesse período Portugal já havia desmatado suas florestas e a vasta Mata Atlântica representou uma renovação do seu estoque de madeira marcando assim o início de uma relação de exploração predatória do homem com o meio ambiente. A chegada dos europeus ao território brasileiro mudou radicalmente a forma com que a vegetação era utilizada e manejada pelas populações nativas provocando alterações e novas configurações na paisagem local. A sociedade colonial era sem dúvida uma sociedade da madeira.

A economia no período colonial do Brasil esteve intimamente ligada à extração de madeiras que eram utilizadas nas construções e reparos das embarcações, bem como para atender a todas as demandas da economia açucareira dos engenhos. Nas fazendas de açúcar, a grande demanda por madeiras, de acordo com Cabral e Cesco (2008), era para instalações de cercas, para o fabrico e manutenção de construções, para fazer caixarias e embalagens para o açúcar, para o fornecimento de lenha para as caldeiras e para a construção de carros de boi. Até meados do século XX, a atividade de extração de madeira no Brasil se utilizava de pouca tecnologia. Só se tornaram comuns os equipamentos de serraria³⁹ a partir de 1920, mas ainda com uma característica bastante manual.

Entre o final do século XIX e começos do XX, quando não havia estradas, nem caminhões para o transporte das árvores avantajadas, nem serrarias com capacidade para as transformar em pranchas, não existia outra solução a não ser a queima pura e simples da mata, sem nenhum aproveitamento madeireiro. Somente a partir de 1920,

³⁹ Entre os principais equipamentos presentes nas serrarias estão: a trançadeira, que era um instrumento manual que cortava os troncos ainda na mata; a empilhadeira: para transportar e movimentar cargas pesadas (Nas serrarias do município de São Domingos esse equipamento não fez parte da atividade. O trabalho de derrubada e transporte das árvores e toras era realizado de forma bastante rudimentar, na base da força física do homem, do machado e do serrote.); a serra fita: possui um disco dentado para serrar as toras e transformá-las em tábuas; a destopadeira: para regularizar o comprimento das tábuas; a plaina: serve para nivelar as tábuas serradas; além de outras serras menores.

com a instalação de melhores equipamentos industriais e meios de transporte, é que a indústria madeireira toma impulso. (CABRAL; CESCO, 2008, p.38).

Aliado a isso, está o desejo de colonização das áreas até então quase que inexploradas. A ocupação ou (re) ocupação das áreas consideradas sertões que conforme Radin e Silva (2018) era um lugar “a ser conquistado” e direcionado ao progresso.

O ‘sertão’ deveria ser conquistado e para ele se deveria direcionar a ‘civilização’, a fim de impulsionar o ‘progresso’, especialmente pela expansão da agricultura. Esse foi o contexto do avanço da colonização e do processo de apropriação privada da terra na região, condições que patrocinaram profunda intervenção no ambiente. (RADIN; SILVA, 2018, p. 695).

A construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande deu o primeiro grande impulso para a economia madeireira, aliada a crescente demanda por madeira em várias regiões do país e as frentes colonizadoras que desejavam derrubar as matas para estimular a colonização. A floresta aparece como um empecilho e precisava ser derrubada em benefício do progresso e desenvolvimento das sociedades segundo a visão da época. “A necessidade de construir igrejas, escolas, vendas, moinhos, atafonas e outros elementos infraestruturais para atender a uma população crescente criou um novo ramo de negócios: as serrarias”. (CABRAL; CESCO, 2008, p. 42).

Os empreendimentos madeireiros foram inúmeros e variados. Também denominadas engenhos de serra, as serrarias funcionavam principalmente movidas pela força hidráulica e em sua maioria tinham um caráter artesanal visando atender as necessidades básicas da população do entorno de colônias e vilas. A partir da metade do século XX, os melhoramentos nos meios de transporte, a ampliação da capacidade de produção e das redes de comunicação entre as regiões do país e a demanda cada vez maior pela madeira e seus subprodutos a indústria madeireira se desenvolveu expressivamente.

Segundo Cabral e Cesco (2008), as serrarias se dividiam em dois tipos de empreendimentos: serrarias leves e serrarias pesadas. Esta última explorava as madeiras de lei e geralmente estavam situadas junto às estações ferroviárias ou próximas a grandes centros do país como São Paulo e Rio de Janeiro. Necessitavam de grande capital financeiro e não podiam se deslocar facilmente do local. Quando as reservas florestais se esgotaram nas proximidades, faziam uso de caminhões para levar a madeira até a indústria. Também era comum comprar as árvores ainda em pé nas propriedades e transportá-las até as serrarias.

Já as serrarias leves se instalavam nas áreas que vinham sendo ocupadas pelos colonos descendentes de imigrantes. Contentavam-se com árvores de qualidade inferior. Suas instalações eram nos pequenos centros locais e nas áreas de colonização. Permaneciam no

local até quando as reservas se esgotassem. Aliaram o desmatamento para a limpeza do terreno a fim de colonizar e tornar as terras agricultáveis e junto a isso, lucrar com a floresta. Do Norte do Paraná para o Sul é que essas serrarias leves marcaram sua presença, aproveitando o elemento paisagístico da região: a mata de araucária.

As primeiras serrarias da região surgem pela necessidade de tábuas para a construção de casa e para fins domésticos, além de limparem os terrenos para a agricultura. O beneficiamento da madeira dava-se em um regime de domesticidade e não visava a exportação ou a venda para outros núcleos coloniais. A mercantilização da atividade era entravada pela precariedade ou até inexistência de estradas para o escoamento dessa possível produção [...]. (CABRAL; CESCO, 2008, p. 40).

Ainda de acordo com Cabral e Cesco (2008), os pinheirais representaram um empecilho para que os colonos fizessem a implantação das suas lavouras, mas também se tornaram aliados dos colonos, pois a madeira era a matéria-prima necessária para diversos fins da construção e da fabricação de vários utensílios necessários à vida cotidiana.

Como a madeira de pinho fosse, nesse momento, matéria-prima abundante na região, era comum encontrarem-se toras e mesmo pinheiros inteiros abatidos, apodrecendo por falta de utilização. Isso se explica pelo fato de que a derrubada de pinheiros, naquele momento, tinha como finalidade primeira o desembaraçar da floresta para o início do cultivo. Aliou-se a essa necessidade a utilização da madeira para diversos fins. Mesmo com a instalação de algumas primitivas serrarias, o beneficiamento da madeira visava somente o mercado interno aos núcleos coloniais, já que o transporte do produto entre esses núcleos e os maiores centros era impraticável. (CABRAL; CESCO, 2008, p.40).

O beneficiamento da madeira nas serrarias leves visava somente o mercado interno. Era uma atividade de pequeno porte. Somente com a eclosão da Primeira Guerra Mundial é que a madeira brasileira ganha espaço internacional, servindo para abastecer a Europa nas suas necessidades para a construção.

Na primeira metade do século XX, a indústria madeireira tem um crescimento considerável. Os estados do Sul do Brasil estavam no início do processo de colonização e a atividade madeireira ganha espaço suprindo necessidades diversas como a construção de moradias, fabricação de peças de madeiras como vigas e caibros, fornecimento de lenha e também como aliada no processo de limpeza dos terrenos para a expansão da fronteira agrícola. Essas necessidades contribuíram para que muitas serrarias se instalassem no sul do Brasil beneficiando a madeira e limpando o terreno.

Mas foi somente a partir de 1920, com o surgimento de melhores equipamentos industriais e meios de transporte mais modernos e adequados como o caminhão e o melhoramento das estradas, é que a indústria madeireira tem um crescimento expressivo. Esse

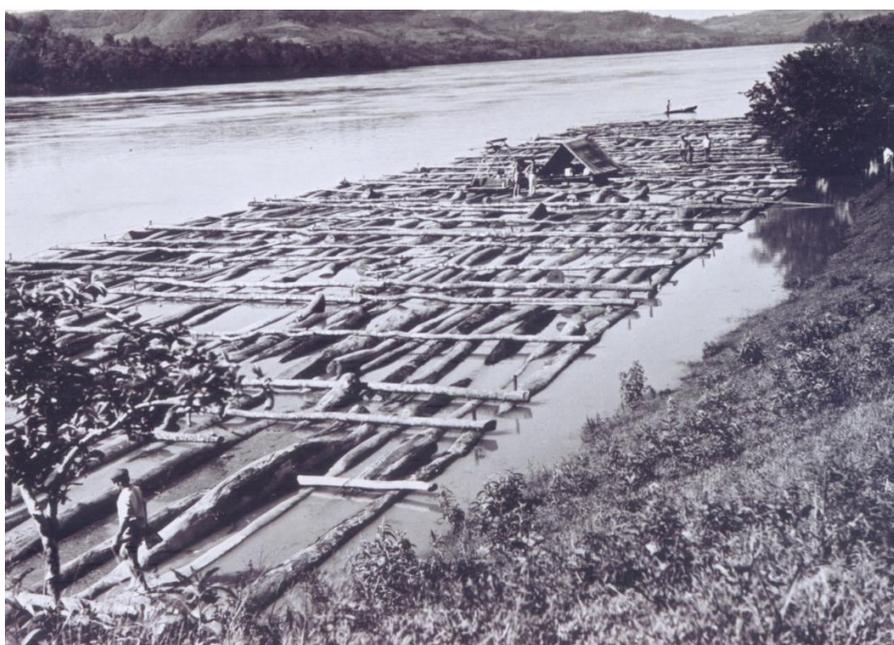
crescimento do ramo madeireiro foi possível também devido às demandas geradas pela construção civil nas novas vilas que iam surgindo e também ao grande interesse do mercado argentino para o produto brasileiro.

O rio acabou servindo de deslocamento para as diferentes populações humanas, para alguns animais e plantas. Os indígenas moviam-se do Rio Grande do Sul para o Oeste de Santa Catarina, assim faziam também os caboclos coletores de erva-mate com suas agriculturas de subsistência e, por último, os migrantes descendentes de europeus. Não podendo esquecer o uso do Rio Uruguai para o escoamento da produção agrícola e, principalmente, para a exportação das madeiras para a Argentina (NODARI, 2012: 229).

Para que a madeira das regiões do Oeste de Santa Catarina fosse transportada até a Argentina, eram utilizadas as balsas. As toras de madeira eram levadas até o rio Uruguai e amarradas em cipós, formando assim grandes balsas⁴⁰ que mediam de 80 a 100 metros.

As “matarias vastas e desertas” logo chamaram a atenção de colonizadores e alimentaram o extrativismo da madeira. A possibilidade de uso de balsas, por ocasião das enchentes do rio Uruguai, possibilitou o escoamento da madeira e fomentou o comércio entre os países vizinhos, principalmente com a Argentina. O escoamento da produção madeireira, utilizando a balsa como meio de transporte, está entre as atividades econômicas que ganharam notoriedade, dos anos 1920 a 1960. A madeira depois de cortada e industrializada era levada até as encostas do rio, onde as balsas eram preparadas. (RADIN; SALINI, 2016,p.25).

Figura 17 — Balsa sobre o Rio Uruguai.



Fonte: VALENTINI; MURARO, 2014, p. 8. Acervo do CEOM.

⁴⁰ A balsa consistia no conjunto de dez a doze pelotões de madeira roliça (de lei) ou serrada (de pinho). Cada pelotão, por sua vez, compunha-se de nove a dez toras ou onze molhos de tábuas amarradas num só feixe. Colocados em fila, amarrados com cipó nas extremidades e no meio. (FOLADOR, 1991, p.47).

Na balsa eram construídos os abrigos que serviam para poder cozinhar e dormir. As balsas eram montadas nas margens do rio e esperava-se o período das cheias para que as balsas pudessem descer o rio Uruguai. O nível do rio deveria ter um aumento de até seis metros para que a viagem pudesse começar.

Com as balsas prontas era preciso aguardar a enchente, indispensável para a largada e requisito para vencer o itinerário dos obstáculos naturais que se compunham de cachoeiras, remansos, pedras, peraus, ilhas, curvas, corredeiras, neblina, chuva e frio. O sucesso da empreitada também dependia do conhecimento de todo o itinerário e, principalmente, do número e da habilidade dos balseiros. (VALENTINI; MURARO 2014, p.8).

Um personagem que teve grande importância para a economia madeireira no Oeste de Santa Catarina foi o balseiro. Os balseiros⁴¹, eram um grupo de homens contratados para fazer a descida da balsa até a Argentina. Precisavam de muita habilidade, conhecimento e coragem, pois permaneciam cerca de um mês sobre a instável armação de madeira, enfrentando situações de perigo e instabilidade. Cada balsa, dependendo do seu tamanho, levava de 20 a 30 homens. “O balseiro é destacado, deslizando sobre o leito do rio Uruguai e protagonizando a atividade econômica pioneira no Extremo-Oeste Catarinense em determinado momento histórico”. (VALENTINI, 1999, p.2)

As serrarias e madeireiras contribuíram para a maior ocupação e formação dos municípios do Oeste catarinense, sendo protagonistas no impulso econômico para a região Sul como um todo. O capital gerado pela atividade madeireira permitiu que novas atividades econômicas ganhassem espaço e que as pequenas vilas prosperassem.

A madeira constituiu-se na grande motivação do florescimento e consolidação do povoamento e motivação e base do nosso progresso econômico, em ciclo que mais tarde cederia lugar à agricultura, esteio do país e atual ocupação do povo oestino [...] (SPERANÇA, 1980, p.3).

É fundamental citar a empresa Southern Brazil Lumber and Colonization⁴², conhecida como Lumber. Essa grande empresa subsidiária da Brazil Railway teve a concessão para a construção da Estrada de Ferro São Paulo–Rio Grande. Como parte do pagamento, a companhia teria o direito de explorar as terras nos 15 quilômetros de cada lado da ferrovia. Teve um papel de destaque na exploração madeireira até a metade do século XX. Possuía tecnologia avançada para os padrões da época e métodos de exploração trazidos da América

⁴¹ O balseiro envolvia diferentes categorias: o balseiro peão, o balseiro prático, entre outros. Uma atividade arriscada e perigosa para o transporte fluvial de madeiras.

⁴² Percival Farquhar foi um empresário norte-americano. Criou a empresa Southern Brazil Lumber and Colonization Company, que tinha concessões para a construção de ferrovias, entre elas a famosa Ferrovia Madeira-Mamoré, e a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande.

do Norte. A Lumber, junto de outras centenas de serrarias menores, colaborou para que a exploração de grandes faixas de floresta de araucária determinassem o crescimento e surgimento de cidades e de grandes metrópoles do país.

As florestas de araucária foram as que despertaram maior interesse. Durante décadas, a empresa estadunidense, junto com centenas de outras serrarias, usufruiu das imensas riquezas naturais das terras do sul do Brasil, contribuindo para o esgotamento e quase extinção da espécie. A Lumber⁴³ não era apenas um empreendimento local. Ela foi responsável por abastecer os grandes centros do país com os derivados de madeira, como as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Também foi responsável por fornecer o recurso natural para as cidades de Buenos Aires e Montevideu. Aproveitou-se da fragilidade e da pouca tecnologia das demais serrarias e assumiu um papel de liderança na exploração madeireira no planalto sul – brasileiro.

A construção da ferrovia São Paulo–Rio Grande foi fundamental para o escoamento da produção e para o aproveitamento mais eficiente da floresta, desenvolvendo um tráfego possível para sua exploração. Além da Lumber, a ferrovia tornou possível a instalação de inúmeras outras serrarias menores nas áreas da extensa floresta de araucária que foram ocupadas pelos migrantes, principalmente gaúchos que estavam se instalando e desbravando a região. Essas pequenas serrarias também vendiam a madeira beneficiada para a companhia. Diferente das serrarias menores que ainda usavam em sua maioria as serras chamadas tissot, a Lumber possuía tecnologia como as serra fitas que permitiam uma produção em maior quantidade e com mais rapidez. A ampliação da produção também significava mais desmatamento nas áreas onde atuavam as serrarias.

A ferrovia São Paulo–Rio Grande, inaugurada em 1910, tinha 1.403 km que ligavam as cidades de Itararé no estado de São Paulo à Santa Maria no Rio Grande do Sul. Foi uma estratégica para exploração da araucária e também para promover o povoamento dos sertões do sul do país. A ferrovia principal contava com vários ramais, interligando cidades como União da Vitória no Paraná e a São Francisco do Sul em Santa Catarina, atravessando densos pinheirais. “A construção da ferrovia que cortava a floresta ombrófila mista, nas terras contestadas, marcou profundamente a história da região”. (VALENTINI, 2009, p. 56). Ainda segundo Valentini (2009), após a inauguração da ferrovia, tudo mudou. A história da região do Contestado é marcada pelo antes e o depois do surgimento dos trilhos. A região que era

⁴³ Tratava-se de um grupo poderoso de capital internacional com escritórios em diversas partes do mundo.

habitada por indígenas e caboclos, passa a receber os novos colonizadores que na época usufruíram da floresta sem nenhuma preocupação com seu esgotamento.

Foi na cidade de Três Barras que a Southern Brazil Lumber and Colonization Company instalou, em 1911, considerada por vários autores, como Carvalho e Nodari (2008), como a maior serraria da América do Sul. Foi um ousado empreendimento controlado pelo empresário norte-americano Percival Farquhar. A Lumber também foi responsável pela instalação de outras grandes serrarias. A de Calmon em Santa Catarina, a de Jaguariaíva e Sengés no Paraná. Ocupou um papel de liderança na exploração madeireira nas florestas com araucária.

Figura 18 — Serraria Lumber no município de Três Barras-SC.



Fonte: https://lumbertresbarras.blogspot.com/2010/01/lembrancas-da-lumber_20.html. Acesso em 14 de junho de 2023.

A primeira serraria da Lumber a entrar em funcionamento foi a de Calmon, em 1910. Já a serraria de Três Barras começou a operar em dois de novembro de 1911. O quadro de funcionários ia de 400 a 500 pessoas, com uma produção de cerca de dois milhões e 500 mil pés mensais em cada uma delas. Estima-se que a produção madeireira da Lumber em 27 anos de atuação implicou na retirada de pelo menos 37 mil hectares da floresta, atingindo cifras astronômicas de produção e devastação.

Antes, porém, da chegada da Lumber, são poucos os indícios da atividade madeireira, pois a ausência de redes de estradas e ferrovias dificultava bastante o escoamento da

produção. Numa época em que inexistiam caminhões para o transporte das toras até as serrarias, os investimentos na construção de ferrovias foram decisivos para o avanço da atividade madeireira como um todo. A grande serraria da Lumber em Três Barras desde o início se destacava pela intensa exploração dos recursos das florestas, com destaque para a araucária. Utilizava-se de sofisticados equipamentos que tornaram possível o processo de devastação iniciado pelas atividades madeireiras.

Diferente das centenas de pequenas e rudimentares serrarias instaladas nos três estados do sul do Brasil no período da colonização por imigrantes europeus, a Southern Brazil Lumber and Colonization Company atuou na extração e exportação de madeira de araucária, empregando tecnologia sofisticada para os padrões da época. Aplicando o sistema industrial à extração e ao beneficiamento da madeira, a Lumber – juntamente com a Brazil Railway Company – usurpou terras de posseiros que viviam na região e agravou os problemas socioambientais regionais. (GERHARDT, 2018, p. 164).

O conflito do Contestado que ocorreu entre 1912 e 1916 está intimamente ligado aos interesses pela exploração madeireira da região. A Lumber esteve, sem dúvida, envolvida no conflito, pois tinha autorização para explorar as vastas florestas nas proximidades com a estrada de ferro colaborando para que os caboclos e posseiros fossem expulsos de suas terras, promovendo situações de violência e interferindo no modo de vida do povo sertanejo local.

A terra passou a ter um aumento significativo de valor e a construção da ferrovia estimulou a ocupação das terras pelos migrantes. As áreas de florestas agora ofereciam novas possibilidades de lucro fazendo com que as terras com mato trouxessem novas oportunidades. A chegada do colonizador, a destruição dos ervais e a atividade madeireira favoreceram a tensão social na região e a eclosão do conflito. Com o término da Guerra do Contestado e a definição dos limites entre Paraná e Santa Catarina, o processo de colonização começa a ganhar maior intensidade. A atividade madeireira ganha fôlego e, a partir de 1920, as serrarias se multiplicam em toda a região sul do Brasil acompanhando a expansão significativa da indústria madeireira. A conjuntura econômica do período também favorece a elevação no preço do pinho, encorajando a montagem de inúmeras novas serrarias por toda a região e a indústria madeireira começa a crescer bastante em todo o Oeste catarinense.

Na medida em que as picadas eram abertas para a remoção da madeira, os colonos iam se interiorizando e formando povoados. Colonos de origem alemã e italiana, que aos poucos iam deixando o Rio Grande do Sul, embrenham-se pelas matas a direita do rio Uruguai e dali vão tirando madeiras que seguem principalmente para a Argentina. Naquele período, o transporte era feito principalmente através das Balsas pelo rio Uruguai até a Argentina. Os rios, que formavam verdadeiras estradas líquidas, no período das enchentes transportavam

toda a madeira. Inicialmente, a madeira era transportada em toras e, mais tarde, seguia em tábuas.

Esse tipo de comércio foi extremamente importante na formação do Oeste catarinense durante mais de quatro décadas. Foi caindo em desuso somente quando foram construídas estradas, pontes e quando o caminhão passou a fazer o serviço da balsa. A madeira brasileira havia conquistado o mercado e, o setor madeireiro se tornou a partir de 1945 a principal atividade industrial do Oeste catarinense. Os espaços onde era extraída a madeira iam se tornando campos agricultáveis e assim, ampliando a produção de grãos.

A madeireira Lumber Company manteve suas atividades na região do Contestado entre 1911 e 1940. Na década de 1960 a indústria madeireira atinge seu auge, porém não demoraria que fossem sentidos os efeitos da exploração predatória das florestas obrigando os madeireiros a buscarem outras atividades ou até mesmo migrar para outras regiões do país. Embora reconheçamos que a atividade madeireira aliada à colonização e as atividades agropecuárias teve um papel preponderante para a quase extinção de muitas espécies características da região precisa-se reconhecer que a madeira foi um produto de interesse e que promoveu o crescimento e o desenvolvimento da economia brasileira, contribuindo para a formação de muitas vilas e municípios. As serrarias são elos que nos ligam à nossa própria história, ou a parte dela pelo menos, como é o caso de São Domingos.

4.1 AS SERRARIAS DO MUNICÍPIO DE SÃO DOMINGOS: RELATOS E EXPERIÊNCIAS

No período entre 1940 e 1961, as serrarias começam a se instalar no município de São Domingos. No total, foram identificadas oito serrarias que tiveram atuação no Município, mas podem ter existido mais. Na medida em que essas serrarias iam se instalando e a indústria madeireira começa a se expandir, os caboclos, que não possuíam condições adequadas para a formação de lavouras capazes de produzir o suficiente para vender aos colonizadores, tornam-se operários e passam a ser a principal mão de obra nesses empreendimentos. Desempenhavam as tarefas de cortador ou derrubador, arrastador, serrador, descascador de toras e puxador. O trabalho nas serrarias era basicamente manual, com a utilização de ferramentas simples e possuíam uma divisão para todo o trabalho, desde o corte até as peças prontas de madeira. O corte das árvores na mata era feito com uma serra manual chamada de

traçadeira⁴⁴ e o transporte até a serraria contava com a ajuda de carroções⁴⁵ puxados por bois ou cavalos.

Na serraria se fazia o desdobramento das toras em tábuas, ripas, pranchões e até vigamentos. Muitas serrarias desenvolviam também o trabalho de carpintaria produzindo peças de madeira como móveis e utensílios para as necessidades domésticas. Essa dupla função devido à impossibilidade de muitos municípios em trazerem os produtos que necessitavam de regiões distantes. Em São Domingos, quando se precisava de algum produto ou equipamento, o local mais procurado era Clevelândia no Paraná.

Figura 19 — Serra manual traçadeira utilizada para o corte das árvores.



Fonte: Acervo Parque Estadual das Araucárias. Consulta local.

As onze entrevistas foram fundamentais para a construção deste subcapítulo fornecendo subsídios para melhor compreender o período proposto a investigar e construir a escrita. Participaram homens e mulheres (esta em menor número, pois não era comum que as mulheres tivessem empregos assalariados, dedicando-se exclusivamente aos afazeres domésticos e por vezes trabalhavam nas casas dos patrões da serraria) na faixa etária dos 59 aos 91 anos, pessoas estas que tiveram relações diretas com a atuação das serrarias do município. Os entrevistados partilharam com muita satisfação suas experiências e memórias que possibilitaram perceber como foi o início da atividade desenvolvida pelas serrarias no município, embora muitos documentos e fotografias tenham se perdido com o tempo, ou até mesmo não terem sido feitos os registros que pudessem ilustrar cada uma delas. Procurou-se contextualizar e registrar tanto a visão dos proprietários como também dos operários das serrarias do município de São Domingos e são analisadas as informações sobre cada uma delas a partir das entrevistas.

⁴⁴ Instrumento geralmente de aço, com dentes afiados e que exige um movimento vertical por duas pessoas.

⁴⁵ Alçaprema ou alavanca em os rolos de madeiras que eram amarrados por de baixo dos eixos das grandes rodas.

4.1.1 Serraria Família Griss

Vindos do vizinho estado do Rio Grande do Sul, a família Griss fixou moradia em Pesqueiro do Meio – Xanxerê – SC, fins da década de 40. “Germano Griss, meu saudoso pai, sendo o homem mais velho da família, sempre nos contou que saiu de casa aos 14 anos para trabalhar em uma serraria em Quatro Irmãos – RS”. Então, seu pai, Giuseppe Griss, e Leopoldo Tramontini montaram uma serraria em Campinas no RS. Nessa comunidade, conheceu a família de Adelia Bortolini com quem se casou em 1942 com 21 anos de idade. Em 1944, vieram morar em Xaxim – SC, no lugar chamado Lageado Grande. Ali, trabalharam também com serraria. Após dois anos, voltaram ao RS, residindo no interior de Palmeiras das Missões – RS.

Mais tarde, em início de 1949, a família veio novamente para SC, continuando no ramo madeireiro. A entrevistada Naldira conta: “Quando chegamos em São Domingos no início da década de 50, existiam duas ou três serrarias de pequeno porte. A de Benjamim Bressam e de Evaldo Tauber”⁴⁶. Essa última, mais tarde, Germano e Severino Griss a compraram e a empresa passou a chamar-se “Pinho Oeste Ltda”.

Em 1950, os irmãos Baldissera compraram terras no município com abundantes pinheirais, terras localizadas na fazenda São Domingos, na margem direita do rio Bonito e que deu origem ao nome do município. Na época os irmãos Baldissera vieram a cavalo de Chapecó até a Linha Imigra, comunidade que pertence a São Domingos, e com o dinheiro em mãos, compraram as terras do Sr. Baldoino Scheffer, que era o proprietário da maior parte da fazenda São Domingos. Ele residia no município desde 1906. Os irmãos Baldissera, propuseram a Germano Griss, então chefe da família Griss, com 28 anos de idade, a fazerem uma sociedade dando, assim, o início ao extrativismo de araucárias existentes nas terras adquiridas. Os irmãos Baldissera entraram na sociedade com o pinhal e a família Griss, Osvaldo Bigliardi e Arnaldo Mendes com o maquinário, construções e mão de obra. Na época, os irmãos Baldissera construíram também uma olaria para fábrica de tijolos e telhas que funcionou até a década de 2000 e um barbaquá⁴⁷, mas sua existência foi curta.

⁴⁶ Entrevista concedida por PEDRASSANI, Naldira Griss. Entrevista [08. 2023]. Entrevistador: Tatiane Lazarotti.

⁴⁷ É um método antigo de produção de erva-mate. Consiste em "sapecar" (expor a altas temperaturas em curto espaço de tempo) a erva-mate, a fim de retirar umidade da folha, dando um aroma e sabor diferenciado a erva-mate semelhante a uma defumação. Disponível em <https://www.dicionarioinformal.com.br/>.

Quando chegaram em 1951, existiam aqui quatro ou cinco casas de outros moradores e, para se estabelecer, construíram a primeira moradia feita de madeira e coberta com tabuinha, conforme se pode constatar na foto abaixo.

Figura 21— Primeira casa da família Griss, coberta de tabuinhas em 1951.



Fonte: Arquivo pessoal de Naldina Griss.

Em 1951, começam a construir a serraria e fazer o loteamento. Na imagem, observa-se a serraria dos irmãos Griss, denominada “Indústrias de Pinho Ltda.”.

Figura 22 — Vista aérea da cidade de São Domingos fotografada por Lauro Lima na primeira tomada aérea do local em 1970.



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Domingos_\(Santa_Catarina\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Domingos_(Santa_Catarina)). Acesso em 17 de junho de 2024
Destaque elaborado pela autora.

A serraria Indústrias de Pinho Ltda localizava-se ao leste com a Rua Duque de Caxias, ao Oeste e Norte com o rio Bonito e ao sul com a Avenida Irineu Bornhausen. Começou suas atividades em 1951 e funcionou até 1986, sendo que Germano Griss foi seu gerente administrativo de 1951 a 1980 quando de seu falecimento em 02 de abril de 1980. Até 1986 foi administrada pela sua família, já que possuíam maior quantidade de quotas.

A serraria da sociedade se diferenciava das outras de pequeno porte que só serravam as toras. As Indústrias de Pinho, além de serrar as toras, também beneficiava a madeira. Possuía um maquinário completo como a serra tissot⁴⁸, a turbina com gerador de energia, as plainas para o beneficiamento e a serra-fita. Uma indústria de grande porte comparada as outras no município. O senhor Gelson trabalhou durante doze anos na serraria operando a serra-fita e assim nos descreve a atividade dentro da serraria:

É porque a fita é assim, ó. a fita tem uma serra larga desse tamanho. Ela tem uma velocidade imensa, imensa. Porque daí tem o carrinho que vem automaticamente de lá. Ele vem aqui com a madeira. E eu que controlo aqui. Controlo para sair a grossura da madeira. E serrar. Ela passa para lá. Mas era rápido. Cada cinco minutos. Não dava dois, três minutos saia uma tábu. Ligeiro. E daí tinha uma serra. Aí você tinha que cuidar, ó. Você tinha um cara lá que marcava a madeira. Eu fazia sinal para ele. Assim, duas polegadas. Assim era uma polegada e meia. Tudo assim era meia polegada. Tudo no sinal. Daí ele marcava lá e eu fazia sinal. Daí a serra rodeava. Você tinha que conhecer. Para não entortar a madeira. Para não fazer barriga na madeira. E outra coisa. Tinha que cuidar para não estar trincada a serra. Tinha que escutar no ouvido. Se chegasse estourar uma serra daquela. Fazia um estrafeço. Cortava até. Era perigoso até cortar a gente. Era só gente dentro correndo. Espatifava tudo. Era muito perigoso⁴⁹.

A energia elétrica passou a ser fornecida gratuitamente à população dos arredores da serraria em 1951. Precisava ser gasto o excesso de energia produzida pelo gerador ativado a carvão e água. A energia precisava ser consumida para que o motor continuasse operando. As casas não poderiam desligar as lâmpadas, razão pela qual dormiam com a luz acesa toda a noite. Somente no ano de 1965 é que foi fundada uma cooperativa que funcionava através de quotas e também levaria a eletricidade ao interior do município. No final dos anos 1960, a Cooperativa de Eletrificação Rural doou seus direitos para que a Celesc viesse se instalar no município.

Segundo Gelson, na serraria:

⁴⁸ De acordo com Rocha (2002), a serra Tissot é uma serra dotada de movimento vertical. Possui apenas uma lâmina onde a peça para ser desdobrada aproxima-se externamente ao quadro.

⁴⁹ Entrevista concedida por PRADO, Gelson do. Entrevista [06. 2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

Tinha a turbina, que tinha um canal de água que vinha lá da Brama, lá de cima. O canal de água vinha e entrava na turbina. Tinha o castelo. Entrava dentro da turbina para tocar. Daí a turbina rodeava e tocava a fita circular e tocava tudo. Tinha circular, tinha plainadeira, tinha estúpia, tinha a serra-fita. Tudo isso aí tinha lá dentro da fita. E eu trabalhava na parte que fazia a madeira para cair para lá. E os outros trabalhavam de beneficiar a madeira. Que era plainada a madeira. Saia tudo prontinho. Parede, assoalho, tudo⁵⁰.

Depois da indústria de Pinho Ltda., foram instaladas outras serrarias no município. Na fazenda Santo Antônio, na margem esquerda do rio Bonito, a Madreira Bigolin e Lunardi sendo administrada por Alcides Bigolin, representante da família. No distrito de São Brás, a madeireira São Brás da família Bortoli, de Conto, Bertuol e Tomasini. Na administração da serraria, estava o senhor Ari Bortoli. Mais tarde, a serraria Bortoli transferiu-se para a cidade, fixando-se no local onde hoje é a área industrial que mais tarde foi doada ao município pela empresa. Instalou-se também a madeireira Berthié, onde hoje se localiza o Parque Estadual das Araucárias.

Os trabalhadores da Indústria de Pinho Ltda. vieram de diversos lugares. Muitos desses trabalhadores firmaram residência, outros partiram em busca de novos sonhos. Naldira fala do empenho do seu pai para trazer bons funcionários para operar na serraria da família:

Meu pai Germano Griss, sempre foi um homem a frente de seu tempo. Tinha muito conhecimento com pessoas de Chapecó, Xanxerê, Xaxim, Clevelândia. Com informação de amigos, meu pai ia distante buscar um bom serrador, um bom motorista, um bom arrastador de toras, enfim pessoas capacitadas. Lembro de muitas e saudosas famílias que por aqui passaram⁵¹.

Quanto ao quadro de operários, a indústria de pinho Ltda., empregava de 30 a 40 operários. Entre os trabalhadores da serraria, estavam: no arrasto de toras, Dalico dos Santos, Severino e Agostinho Griss, Pedro Correia, João Sunsa, Agenor dos Anjos e Arno Lohman. Pedro Cândido na serraria. Cezar Binoto e Pedro Inácio da Costa, no beneficiamento. Etelvino Griss na fiação. Na serra, Antonio Lauxen, Pedro Fachin, Artimino dos Anjos, Eulogio Griss, Neodir e Míleto dos Santos Silva, Brandinarte Moreira, Orvidio dos Santos, Danilo e Claudio de Marco, João Maria Salles, João Maria da Silva, Osvaldo Costa. Como motoristas, Daniel, Nene Lós, Conrado Hedel, Lauro Corso, Etelvino Alberti. Nos tratores de esteira, Reinaldo de Marchi, Luiz de Marchi, Jacir Salvani. No aproveitamento, o Sr, Djalma Meloto e seu filho Jail. Como carpinteiros, Alexandre Pastorelo e Florentino Michelin.

⁵⁰ Entrevista concedida por PRADO, Gelson do. Entrevista [06. 2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁵¹ Entrevista concedida por PEDRASSANI, Naldira Griss. Entrevista [08. 2023]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

Figura 23 — Folha de pagamento de empregado da serraria em 1959.

Nome	ANTENOR VEIGA		N.º	
Período: de	a	de	Janeiro	de 19 59
horas normais a	Cr\$		Cr\$	
" extras a	Cr\$		Cr\$	
Abono	Cr\$		Cr\$	
Domingo	Cr\$		Cr\$	
dias de férias a	Cr\$		Cr\$	
700 Dzs. a @ 6,00			Cr\$	4.200,00
		Total....	Cr\$	4.200,00
I. A. P. I.	Cr\$	336,00		
Adiantamentos	Cr\$			
Sindicato	Cr\$			
	Cr\$			
	Cr\$		Cr\$	336,00
		Líquido a pagar....	Cr\$	3.864,00

Declaro que recebi da Firma INDUSTRIAS DE P
PINHO LTDA
a importância acima, referente ao saldo de meu salário
até esta data.
S. Domingos 31 de janeiro de 1º 59

Mod. 1400-88

Polegar direito

Assinatura

Fonte: Arquivo pessoal de Naldira Griss Pedrassani.

Na figura acima, temos uma folha de pagamento do ano de 1959 em nome de Antenor da Veiga. Ele era responsável pelo trabalho na mata com o corte e arrasto de toras. No documento, consta o pagamento de férias no mês de janeiro. Eram pagos 6,00 (Cr\$)⁵² por dia somados a 700 dias trabalhados, somariam 4.200,00 Cr\$. A tarefa que executava era uma das mais bem pagas dentre as demais funções da serraria. Sobre os operários da serraria, Naldira fala que: “Não citei todos, porque em uma época estudei fora e também devido eles se chamarem por apelidos que era uma diversão entre eles, tem pessoas que só lembro o apelido: os baixinhos, o Póca, Caburé, Corvo”⁵³. Já na folha de pagamento ilustrada abaixo, observa-se as funções exercidas por cada trabalhador da serraria, sendo seis deles responsáveis pelo corte e arrasto das toras, cinco que trabalhavam dentro da serraria e outros oito funcionários com a função de motorista.

⁵² O Cruzeiro foi uma unidade monetária que existiu no Brasil de 1942 a 1967. Foi criado durante o Estado Novo como uma medida de estabilizar a economia e unificar a moeda nacional. Um cruzeiro equivalia a mil réis.

⁵³ Entrevista concedida por PEDRASSANI, Naldira Griss. Entrevista [08. 2023]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

Figura 24 — Folha de pagamento e funções dos trabalhadores da serraria em 1959.

INDUSTRIAS DE PINHO LTDA

Folha de pagamento do mês de Janeiro de 1959.-

A)- SALARIO CORTE & ARRASTO

1)- Hedo Wassem	4.200,00	336,00
2)- Alfredo Wassem	4.900,00	392,00
3)- Antenor Veiga	4.200,00	336,00
4)- Albino Camphanhollo	4.200,00	336,00
5)- Cirilo Guilherme Zeferino	4.200,00	336,00
6)- Agenor dos Anjos	4.200,00	336,00
SOMA.....	23.900,00	2.072,00

B)- SALARIO SERRARIA

1)- Etelvino Griss	7.700,00	616,00
2)- Euclides Geni	5.600,00	448,00
3)- Waldemar Geni	4.200,00	336,00
4)- Edemundo Estlin	4.200,00	336,00
5)- Auro Martins dos Santos	4.200,00	336,00
6)- Angelo Camphanhollo	4.200,00	336,00
7)- Eulógio Pedro Griss	4.200,00	336,00
8)- Lorival Alves Ribeiro	4.200,00	336,00
SOMA.....	38.500,00	3.080,00

C)- SALARIO FÁBRICA

1)- Cezare Binotto	5.000,00	400,00
2)- Milton Zenatti	3.040,00	320,00
3)- Hilário Pastorello	3.040,00	320,00
4)- Celipe Dallastra	3.040,00	320,00
5)- Edemundo Camaphhollo	3.040,00	320,00
SOMA.....	17.160,00	1.680,00

TOTAL.....	81.560,00	6.832,00
------------	-----------	----------

RESUMO:

Contribuição ao IAPI -	6.832,00
Idem, à LBA -	407,80
Idem, ao SENAI -	815,60
Idem, ao SESI -	1.631,20
Idem, ao SSR -	244,70
TOTAL.....	9.931,30

Fonte: Arquivo pessoal de Naldira Griss Pedrassani.

O processo para a retirada da madeira na mata era baseado no trabalho manual. Com o uso de instrumentos como a traçadeira, motosserras, serrotes, os homens derrubavam principalmente a araucária e com o auxílio de bois, as toras eram puxadas até a estrada. Naldira detalha essa etapa do trabalho:

Era um trabalho bem árduo. Os trabalhadores levantavam muito cedo para alimentar os bois e depois em fileira de dois em dois iam para o mato. No início, derrubavam as araucárias com serrotes, dois homens puxando, e com o auxílio de machados, tiravam a casca dos pinheiros e o explanavam em uma clareira, onde os bois as puxavam até a serraria. Fins de 60 ou início de 70, com a chegada das motosserras e tratores e um caminhão, facilitou muito o trabalho⁵⁴.

O caminhão só passou a cruzar as estradas do município nos anos de 1948. Os primeiros caminhões foram de Antônio de Toni e Fortunato Marafon que compraram um Ford F6 e Maurício Picoli um caminhão Chevrolet verde. Na serraria dos irmãos Griss, o caminhão

⁵⁴ Entrevista concedida por PEDRASSANI, Naldira Griss. Entrevista [08. 2023]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

chegou em 1950. Era um L160. O senhor Silvério Griss começou a trazer de Xanxerê tambores de gasolina, cada um contendo 20 litros, que depois eram revendidos. Esse sistema durou até 1959, quando Negrinho Peruzzo construiu o primeiro posto de gasolina no município.

A madeira extraída e serrada era utilizada na construção de casas, galpões, estábulos, pontes, bueiros, até caixões quando do falecimento de alguém da comunidade que eram feitos pelo carpinteiro Alexandre Pastorelo. A maior parte era vendida para outras cidades e estados e exportada. A madeira serrada e beneficiada tinha diversos destinos até as cidades vizinhas e estados e eram transportadas por caminhões da família. Foram tempos áureos. Vendiam para Chapecó, Lageado - RS, Arroio do Meio, Santo Ângelo, Erechim, Passo Fundo, São Paulo, Rio de Janeiro e, na década de 50, a madeira exportada era levada até o porto de Goio-en e, lá, em balsas, pelo rio Uruguai. Segundo Naldira, a madeira da serraria seguiu até mesmo para a capital do país conforme o relato abaixo:

Quando da construção de Brasília, vendemos e levamos todo o estoque de “quinta rio” que era a madeira com nó, destinada a caixaria para concreto. Pouca madeira era descartada. No aproveitamento, seu Meloto vendia para cabos de vassoura Também para a fábrica Xalingo de Santa Cruz do Sul para a fabricação de brinquedos⁵⁵.

O escritório de contabilidade de indústrias de pinho Ltda. era o único no município e foi de grande importância para outros ramos do comércio, pois ali se faziam os negócios, contratos de compra e venda e contabilidade das pequenas empresas que aqui se estabeleciam até início dos anos 70. A energia elétrica era fornecida gratuitamente pelas indústrias de Pinho Ltda. para toda população até formarem uma cooperativa.

Como já mencionado anteriormente, não era comum que as mulheres participassem de atividades assalariadas. A senhora Naldira é um dos poucos exemplos da atuação das mulheres na administração de empresas. Possuía um grau de instrução elevado aos padrões da maioria das mulheres e era uma pessoa com grande responsabilidade na serraria da família. Foi, e ainda é, uma mulher respeitada e admirada. Naldira relata que:

[...] voltando do colégio, lecionei alguns anos. Como meus irmãos estavam estudando em outras cidades, meu pai Germano Griss, pediu que fosse ajudá-lo. Na época com duas serrarias, frota de caminhões e lavoura, tinha todo seu tempo

⁵⁵ Entrevista concedida por PEDRASSANI, Naldira Griss. Entrevista [08. 2023]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

destinado a isso. Então vim para o escritório, assim trabalhando com ele na parte administrativa até 1986 quando foi extinguida a empresa⁵⁶.

Na foto abaixo, é possível perceber que as moradias dos operários da serraria estão no plano principal. Também é possível notar ao centro um estoque de madeira e ao fundo a extensa faixa de pinheiros. Portanto, a derrubada das matas fez parte da história da (re) ocupação do município de São Domingos pelos descendentes de migrantes gaúchos e, muitos os que aqui chegavam já contavam com a experiência de trabalho com a exploração madeireira no Rio Grande do Sul.

Figura 25 — Serraria Indústrias de Pinho Ltda da família Griss em 1970.



Fonte: Arquivo pessoal de Naldira Griss Pedrassani.

Naldira cita uma antiga moradora do município, a senhora Assunta, hoje com 94 anos. Assunta e o marido Cândido tiveram condições facilitadas para construir sua casa, estabelecer seu comércio e assim fazer parte do município de São Domingos.

Uma que você conhece é a da dona Assunta Moscon, construída no início dos anos 60. Também na década de 70 o sindicato dos produtores rurais, na Rua Benjamim Constant. Inclusive o terreno foi doado por meu pai Germano Griss⁵⁷.

Quanto aos registros sobre a atividade madeireira no município pela serraria dos irmãos Griss, ela relata que muitos documentos foram extraviados, mas possui muitas fotos que inclusive foram cedidas para o Parque Estadual das Araucárias, que era sede de outra

⁵⁶ Entrevista concedida por PEDRASSANI, Naldira Griss. Entrevista [08. 2023]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁵⁷ Entrevista concedida por PEDRASSANI, Naldira Griss. Entrevista [08. 2023]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

importante serraria. Essas fotos estão na sala de memorial da atividade madeireira do Parque. Relata também que ainda existem casas em São Domingos, construídas com a madeira serrada pela Indústria de Pinho Ltda.

Quando questionada sobre a importância da atividade das serrarias para o município, a senhora Naldira responde que as serrarias foram as primeiras indústrias do local e, por isso, muito importantes no seu desenvolvimento.

Na minha opinião, as serrarias foram de grande importância no desenvolvimento da cidade. Vieram muitas famílias para trabalhar nelas. O comércio começou a desenvolver. Junto vieram pessoas com diversas profissões, como, carpinteiros, açougueiros, agricultores, farmacêutico, alfaiate, e outros. Sempre considerei muito importante preservar a memória, não só das serrarias, mas como também de tudo que trouxe progresso e desenvolvimento ao nosso município. As pessoas que aqui passaram e as que permanecem, trouxeram o desenvolvimento da vila que era distante de todo o recurso. Lembro de minha querida mãe, Adelia Bortolini, que era tudo para todos. Amiga, enfermeira, primeiros socorros, cozinheira, conselheira. Hospedava os sócios que vinham verificar os trabalhos. A família convivia com os empregados como uma grande família⁵⁸.

Também relata que sempre gosta de poder compartilhar os momentos da vida. Foram tempos difíceis, mas que tem orgulho de fazer parte da história do município. Perdeu muitos fatos históricos por não poder na época registrar. Hoje temos essa facilidade que a informática nos proporciona. Na época ninguém tinha máquina fotográfica. Destaca ainda que só pode agradecer por ter vivido, crescido, formado família e envelhecido nessa terra amada, junto da família e amigos. Agradecer por ter tido uma vivência privilegiada, saudável e feliz, numa época onde todos se conheciam e se respeitavam.

4.1.2 Serraria Família Bortoli

A família Bortoli veio de Arvorezinha, no Rio Grande do Sul no ano de 1960. Lá, a família trabalhava com a exploração da erva-mate. Cladi explica como a família chegou em São Domingos:

Aí, nós viemos a Faxinal dos Guedes, com a serraria que já tinha instalado lá, pra serrar um pouco de pinheiro que tinha ali, comprado ali. Acredito que uns dois, três anos, foi ficado ali. Aí, depois, a gente veio aqui pro São Brás. O meu avô Ricardo Bordoli, junto com os Tomazini, Tosetto, Bertuol, e Deconto, compraram uma grande área de terra aqui em São Domingos com pinheiros, pinheirais que chamavam na época. Foi instalada a serraria aqui, em princípio, aqui no município de São Domingos, na linha São Brás⁵⁹.

⁵⁸ Entrevista concedida por PEDRASSANI, Naldira Griss. Entrevista [08. 2023]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁵⁹ Entrevista concedida por BORTOLI, Cladi Citron. Entrevista [06. 2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

A serraria de propriedade de Ari Bortoli foi instalada em 1961 e se chamava Madeireira São Brás Ltda. Cladi relata que a primeira serraria da família foi instalada na linha São Brás e, mais tarde, transferiu-se para sede do município onde, hoje, no local está o ginásio de esportes.

Depois foi transferido aqui pra São Domingos, até pelo transporte das madeiras, que era difícil, né. O interior não tinha estrada e era complicado. E também foi instalado aqui através da energia elétrica, com motores pra tocar os equipamentos. E em São Brás não tinha energia elétrica na época, então, foi construído aqui em São Domingos com serra-fita, já, que eles chamavam na época. Com maior, com mais possibilidade de produzir mais. E em São Brás era com uma máquina locomóvel⁶⁰ que chamavam. Fazia o fogo, daí formava a pressão e gerava a energia pra tocar os equipamentos, né. Mas lá era diferente. O sistema de serrar era mais rústico e produzia bem menos. E aqui daí foi usado a energia elétrica com motores e a serra-fita, que é um outro sistema de serragem. E produzia bem mais⁶¹.

Figura 26 — Locomóvel também conhecida como caldeira a vapor usada para fornecer energia.



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Modelo 2014. (FRITZEN; BRANDT, 2016, p. 70).

A serraria manteve suas atividades até a década de oitenta. “Aí depois acabou a matéria-prima. Os pinheiros, a araucária que era serrada. Aí extinguiu a empresa”⁶².

Quanto ao maquinário usado na serraria, o senhor Cladi nos explica “Aí eram usados os motores, né. A serra-fita, os motores, chamavam de circular, destopadeira. A circular era

⁶⁰ Locomóvel era uma máquina a vapor que utiliza lenha picada ou restos de madeira da serraria para produzir a energia.

⁶¹ Entrevista concedida por BORTOLI, Cladi Citron. Entrevista [06. 2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁶² Entrevista concedida por BORTOLI, Cladi Citron. Entrevista [06. 2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

pra emparelhar as tábuas. E a destopadeira é pra cortar no tamanho certo das tábuas”⁶³. Trabalhavam na serraria entre vinte e cinco e trinta empregados entre a serraria e o trabalho feito no mato. A madeira que saía da serraria seguia principalmente para Passo Fundo e Carazinho no Rio Grande do Sul. “Mas eu acredito que era vendido também em Chapecó. Então, ali de Chapecó ia pra exportação, nas balsas ali do Rio Uruguai”⁶⁴.

A extração da madeira era com o uso de instrumentos simples. Os pinheiros eram derrubados com serrote e arrastados com juntas de bois até o estaleiro, onde era carregado nos caminhões. Cladi fala que:

[...] só mais tarde é que foi comprado o trator. Surgiu a motosserra. Foi comprado o trator pra puxar essas toras até o estaleiro, pra daí carregar no caminhão. E também um trator usado, antigo, pra abrir as estradas. Porque as estradas eram feitas tudo manual. Não existia trator de esteira que tem hoje. Equipamentos que tem hoje pra fazer essas estradas no interior, no meio da mata, pra passar o caminhão com as toras. Então no início era muito difícil. Era bastante árdua a meta ali, o trabalho. Era bastante difícil. E depois se desenvolveu com o tempo. Surgiu máquinas, equipamentos novos, aí facilitou mais⁶⁵.

O senhor Cladi ajudava no serviço mais leve. Com 17 anos começou a trabalhar no escritório da madeireira e seguiu nessa atividade até 1976 quando foi estudar em Passo Fundo para cursar advocacia. Quanto aos registros da atividade da serraria, ele nos fala que muita documentação foi perdida pelas razões do tempo e por não ter onde guardar. Sobre a importância que as serrarias tiveram para o município de São Domingos, ele nos fala:

[...] foram importantes, porque na época só tinha aqui, a única fonte de renda e a economia do município era baseada na extração das madeiras. Então, as serrarias ajudaram a desenvolver o município, né. O estado no todo, né. E mais o município, né. Porque se não fosse as serrarias, lógico, hoje é bastante criticado também pela extração das madeiras da época, dos pinheiros. Mas na época era até incentivado a derrubar esses pinheiros, serrar e limpar a área para fazer plantação. Se hoje, se não tivesse derrubado os pinheiros, a economia do município hoje seria bem precária. E não teria todas as lavouras que tem hoje. De soja, milho, trigo, feijão. A própria pecuária também se desenvolveu bastante. E tinha bastante produtores, pequenos produtores que compravam as áreas pequenas, onde já haviam sido tirados os pinheiros, ou que não tinha madeira em cima e começaram a plantar manualmente. Com muita dificuldade na época, né. Dizia que na época ali era a economia do município. E que o desenvolvimento do município, eu acho que veio baseado nessas serrarias com a exploração da madeira, né. E isso acho que ajudou no crescimento do município. No desenvolvimento do município⁶⁶.

O senhor Clodomiro foi funcionário da serraria Bortoli desde o início das atividades e também destaca que as serrarias foram importantes para o município. “Foi um tempo que eu

⁶³ Entrevista concedida por BORTOLI, Cladi Citron. Entrevista [06. 2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁶⁴ Entrevista concedida por BORTOLI, Cladi Citron. Entrevista [06. 2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁶⁵ Entrevista concedida por BORTOLI, Cladi Citron. Entrevista [06. 2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁶⁶ Entrevista concedida por BORTOLI, Cladi Citron. Entrevista [06. 2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

passai ali, né. Comi dali e ganhava dinheiro para viver. Daí terminou a pinhal e eles foram pra lavoura. Daí eu também passei para a lavoura. Fui trabalhar em São Brás na lavoura”⁶⁷.

4.1.3 Serraria Família Bigolin

A Família Bigolin, vinda de São Valentim, no Rio Grande do Sul, instalou a serraria no ano de 1961. No início se chamava serraria São Cristóvão e, mais tarde, passou a se chamar Madeireira Bigolim. Era uma empresa familiar e empregava de 20 a 30 pessoas entre o trabalho no mato e na serraria. Muitos moradores também se referem a ela como “Fita Bigolin”. Localizava-se na saída para o distrito do Maratá.

O senhor Arcílio, ainda muito jovem e recém-casado, veio para ajudar o irmão Alcides nas atividades da serraria e assim nos relata:

O meu pai e o meu tio vieram comprar. Os cavalos passavam o Uruguai a nado. E eles passavam com barco. Vieram seis dias a cavalo para vir aqui. Completava umas buracas. De couro né. No cavalo para trazer comida. Traziam de tudo pra comida. Pra comer. Seis dias na estrada a cavalo para vir aqui. A minha mãe não me deu um centavo, não me deu uma cadeira. E tinha dinheiro embaixo do colchão, mas não. Vim pelado⁶⁸.

Ele tinha o capital, que eram três colônias e meia de pinhal. “Ma terra”⁶⁹. Arcílio também nos diz sobre o difícil trabalho no início da atividade da serraria da família:

Quando vim morar já tinha a serraria. Quando veio o meu irmão era puro mato. Depois quando vim eu, já tinha a serraria serrando. Peguei o caminhão e fui puxar tora. Eu puxava tora. E arrancava toco lá, arrancava os pau. Arrancava tudo. Nós fazia tudo a estrada para entrar no mato. Eu e os ajudantes. Quando chovia puxava terra, tirava terra, cortava raiz. Abria tudo⁷⁰.

Entre os principais maquinários da serraria, tinha a serra-fita que era movida pela turbina com a força da água e a “tissoldinha” que, de acordo com o entrevistado, serrava cinco tábuas de cada vez. Quando vieram instalar a serraria, já havia outras aqui no município em funcionamento, como a da família Bortoli e a dos Berthiér. Os empregados moravam todos próximos à serraria nas casas que eram da própria empresa. Entre os trabalhadores lembra-se dos Cabrestiano, do Alberi e do Benedito.

⁶⁷ Entrevista concedida por OLIVEIRA, Clodomiro de. Entrevista [06. 2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁶⁸ Entrevista concedida por BIGOLIM, Arcílio. Entrevista [04.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁶⁹ Entrevista concedida por BIGOLIM, Arcílio. Entrevista [04.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁷⁰ Entrevista concedida por BIGOLIM, Arcílio. Entrevista [04.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

O trabalho no mato exigia bastante força, pois usavam equipamentos simples, como a traçadeira manual para derrubar os pinheiros. Anos mais tarde é que a empresa passou a fazer uso da motosserra. Depois de derrubado o pinheiro, o mesmo era descascado e com o auxílio dos bois puxavam as toras até as estradas que na verdade ainda eram picadas. Só então vinha o caminhão que levava as toras até a serraria. Da serraria as tábuas de madeira seguiam para Porto Alegre, Chapecó e Passo Fundo.

Quanto aos registros da atividade exercida pela serraria, a família de Arcílio não possui nenhum registro e outras pessoas da família, não se interessaram em contribuir com a pesquisa. Também não restou nenhum maquinário. Quando perguntado sobre a importância da atividade das serrarias no município, Arcílio responde que: “[...] era importante, sim, porque morava perto, mas dava serviço para tudo, tudo. Trabalhava eu, trabalhava os peão”⁷¹. Foi um período da história em que as pessoas enfrentavam muitas dificuldades. O comércio era precário. De acordo com Arcílio tinha o mercadinho do Aiolfi que vendia de tudo um pouco. Desde ferramentas até produtos alimentícios. Lembra dos tempos difíceis: “Foi uma época puro mato, não tinha nada, não tinha nem mercado quase. Não tinha nada quando vim aqui, puro mato. A gasolina nós puxava a tambor pra botar no caminhão”⁷².

Num período da história da serraria, ela passou a se chamar Bigolin e Lunardi quando um dos irmãos do senhor Arcílio se separou da mulher e fez sociedade com os Lunardi de Xaxim. Hoje, a empresa trabalha com equipamentos mais modernos tendo como matéria-prima apenas a madeira de reflorestamento, na sua forma bruta desdobrada ou serrada, ou seja, após a derrubada da árvore, se fazem tábuas, vigas, ripas, caibros e sarrafos. Ainda nos dias de hoje as pessoas têm o costume de se referir ao local próximo como “o mato dos Bigolin” confirmando, assim, a grande quantidade de araucárias.

4.1.4 Serraria Família Bressan

A serraria da família Bressan não possuía um nome específico. Localizava-se na Linha Polvarinho e foi instalada no ano de 1948. Era uma serraria familiar de pequeno porte e contava com seis ou sete empregados conforme relata Nelson:

Na verdade, a nossa era uma, praticamente, daqui de São Domingo, era a mais simples que tinha, né. Que as outras já eram tudo mais, foi pnhado pra frente mais.

⁷¹ Entrevista concedida por BIGOLIM, Arcílio. Entrevista [04.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁷² Entrevista concedida por BIGOLIM, Arcílio. Entrevista [04.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

A nossa, como foi bem no começo, era uma serrariazinha assim, que não serrava muito por dia, né. Inclusive, eram dois que trabalhavam dentro, o máximo três pessoas. Senão, o pai mesmo que trabalhava em mais um peão. Daí já essas outras grandes ali, não, ali já era mais gente, produzia mais, né. A nossa era meia fraca⁷³.

O senhor Nelson e sua família vieram de Erechim, no Rio Grande do Sul, quando ele tinha um ano de idade e conta que o pai sempre falava que a razão de terem vindo morar aqui era que as terras eram baratas.

Vieram lá de Bom Jesus até São Domingos de carroça. Não tinha nem estradas pra vim de caminhão. Ele veio e primeiro instalou um moinho. Daí depois muito mato, muito pinheiro e coisa resolveu por uma serraria. Compraram ali, daí começaram a fazer umas roças e põe um moinho. Daí depois, só resolveram botar a serraria, porque, na verdade, pra fazer roça, tinha que derrubar até os pinheiros, né. E daí continuou. Continuou serrando⁷⁴.

Resolveram instalar a serraria para aproveitar a madeira, pois a mata era derrubada e ficava apodrecendo. Nelson relata sobre a abundância da madeira no período:

Muita extravagância de madeira. Derrubava um pinheiro e tirava duas toras. O resto, lá na frente, se tinha um pouquinho de nó. ninguém queria, então ficava lá no mato, apodrecia lá. Quando o pai parou de serrar, ele tinha três pilha, acho que umas cem dúzias de madeira, mais ou menos, que apodreceu porque ninguém quis comprar. Porque tinha nó. E daí ficou aquelas pilhas lá e acabou apodrecendo. Era assim. Não tinha valor nenhum. Foi se instalando serraria pra todo lado. Todo lado aí tinha serraria. São Domingos tinha três. A Imigra tinha duas. Polvarinho tinha duas ou três. Tinha a do Simon, a nossa e uma do Griss também, que é ali onde mora o Nico Simon. Serraria pra todo canto. mantinha praticamente o comércio ali. Era esse povo que trabalhava nessa serraria, né. Os Bigolin também, muitos funcionários, né. Não tinha outra indústria, né. Então, era um mal necessário, né⁷⁵.

A serraria da família Bressan manteve suas atividades por vinte e cinco anos. Aproveitava a água do rio. Segundo Nelson, “Tinha o rio que passava perto ali e uma cachoeira. Daí foi aproveitado pra instalar. Inclusive o moinho também tocado a água também. A maioria era com locomotiva instalada, mas a nossa era com água”⁷⁶.

Quanto ao maquinário, o senhor Nelson nos fala que:

Máquina, máquina era boi. Não tinha máquina. Era derrubado, arrastado, tudo com boi. No começo era puxado as toras com carroção. Era puxado a boi também. Não tinha caminhão, não tinha trator, não tinha motosserra. Derrubava os pinheiros, tudo com serrote, no muque, assim. Dentro da serraria, claro, tinha o que necessitava, né. A serra, tinha a circular pra desdobrar a madeira. Basicamente era isso aí. Hoje uma serraria tem um monte de máquina. Aquele tempo não tinha⁷⁷.

⁷³ Entrevista concedida por BRESSAN, Nelson. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁷⁴ Entrevista concedida por BRESSAN, Nelson. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁷⁵ Entrevista concedida por BRESSAN, Nelson. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁷⁶ Entrevista concedida por BRESSAN, Nelson. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁷⁷ Entrevista concedida por BRESSAN, Nelson. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

Quanto ao destino das madeiras serradas, 90% eram vendidos para uma empresa de Xaxim, que depois levava para o Goio-Ên. Nelson lembra que:

[...] quando dava enchente alta, eles faziam as barca daquela madeira e mandavam lá pra Argentina. Ia tudo pra lá. Daí ficava, dasvez, seis meses lá. Até vim aquelas enchentes que o Rio-Uruguaí levantava, daí faziam as barcas de madeira, aquelas pilhas e coisa e descia água abaixo. Inclusive, na época, o pessoal comentava que o brasileiro tava derrubando toda a madeira e a Argentina tava preservando o deles e comprando os nossos⁷⁸.

O senhor Nelson chegou a trabalhar carregando as toras no mato e também empilhando madeira na serraria. Porém, de todo o tempo da atividade madeireira da família, não ficou nenhuma foto ou registro da atividade.

Quando questionado sobre a importância da atividade das serrarias para a formação do município de São Domingos, o senhor Nelson relata:

[...] se fosse pra começar hoje, eu acho que ia ser um pouco diferente. Eu acho que a gente ia até preservar mais, né. Porque, na verdade, a serraria na época não dava dinheiro. Nós, por exemplo, trabalhamos 25 anos com serraria e o meu pai, quando parou de serrar, na verdade, estava pobre. Serrou tudo os pinheiros que tinha em cima da terra e não ganhou nada⁷⁹.

Para fazer as roças, precisavam derrubar os pinheiros e outras espécies nativas, mas, como a madeira era abundante, o preço era baixo e não tinha mercado consumidor nas proximidades, Nelson assim relata:

Inclusive, essas madeiras que hoje estão serrando, madeiras assim, canela, imbuia essas outras. Hoje já aproveita. Naquele tempo, lá, ninguém mais não serrava, porque ninguém comprava, né. Então, derrubava, fazia a roça e ficava lá pra adubo⁸⁰.

Naquele período, o proprietário da terra tinha plenos direitos sobre os recursos naturais que nela estavam e as pessoas não tinham a consciência de preservar a mata. Sobre isso Nelson nos diz o seguinte:

Eu, às vezes, conto pros meus filhos e coisa, né. Eles ficam assim, né. Bá, mas vocês acabaram com tudo. Foi uma época de muito sofrimento. Um trabalho bastante manual e pesado, pois não se tinham equipamentos que pudessem facilitar a vida. O que se tinha era o serrote, o machado, o carroção e os bois. Foi um mal necessário⁸¹.

⁷⁸ Entrevista concedida por BRESSAN, Nelson. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁷⁹ Entrevista concedida por BRESSAN, Nelson. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁸⁰ Entrevista concedida por BRESSAN, Nelson. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁸¹ Entrevista concedida por BRESSAN, Nelson. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

4.1.5 Serraria Berthiér

A serraria Berthiér, pertencia ao senhor Jorge Berthiér de Almeida e começou a funcionar em fevereiro de 1981. Juarez Camera trabalhou na serraria desde sua instalação até o término de suas atividades relata: “A gente veio pra São Domingos porque o pinhal que o meu pai tava serrando em Mangueirinha que era do seu Jorge terminou. E daí a última gleba de madeira que tava sobrando era São Domingos. Daí a gente veio colocar a serraria aí”⁸². A serraria localizava-se na Linha Manfrói onde hoje é o Parque Estadual das Araucárias. Era uma verdadeira vila onde todos moravam próximos. Juarez descreve o espaço da serraria:

Aí variava muito conforme a época. Chegou a ter 30 famílias, reduzia, às vezes parava de cortar, vinha pra 15, voltava, dependia muito da época né. Às vezes 2, 3, cada família. Às vezes tinha 20 famílias, mas tinha 4 funcionários da mesma família. Todos ao redor da serraria. Tinha 27, 28 casas, todos eles ali⁸³.

A imagem abaixo é um dos únicos registros da antiga serraria que funcionou no local. Percebe-se a grande quantidade de araucárias nas áreas próximas.

Figura 27 — Foto aérea da antiga serraria Berthiér em 1980.



Fonte: Galeria de fotos do Parque Estadual das Araucárias. Consulta local.

⁸² Entrevista concedida por CAMERA, Juarez. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁸³ Entrevista concedida por CAMERA, Luci. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

A serraria usava como fonte de energia uma locomóvel tocada a fogo. Era uma locomóvel de marca inglesa de 1912 que segundo Juarez, encalhou no Porto de Santos aí o senhor Jorge Berthiér comprou para usar na serraria. Entre as espécies que mais interessavam a que predominava era a araucária. Segundo relatos do Senhor Balduino Camera, antigo administrador da Madeireira, permitia-se a derrubada de apenas uma fração de árvores com preferência a exemplares maiores, mais velhos e que apresentassem imperfeições como rachaduras, ocos e podridão. “Nós tiramos um Pinheiro que deu seis toras de 5,40 metros de comprimento. deu 56 dúzias de tábuas. Esse foi o maior Pinheiro que eu já conheci”⁸⁴. Juarez também lembra que “Era retirada alguma outra árvore, se uma araucária caísse em cima e machucasse daí era abatida, senão só mexia com araucária, só tirava araucária, não tinha interesse em madeira branca”⁸⁵.

O processo da retirada de madeira ocorria em dias de sol. Ia-se para o mato com caminhão, trator e motosserra. Juarez nos explica como eram as permissões para o corte das árvores no início da década de 80:

Até a transição de IBDF pra IBAMA era corte raso. Só ficava de 40 cm pra cima, que eram as remanescentes que tinham que ficar né. O resto era corte e raso. Aí, com a troca de IBDF pra IBAMA, foi dividido tudo em talhões, aí nomeada todas as árvores de cada talhão, enumeradas. E quando queria que liberasse um talhão, o IBDF, o IBAMA vinha pra escolher as araucárias pra ser abatidas né. Então eram as mais velhas, as que tinham defeito, ou ocos, ou que estavam no estágio final de vida. E as demais ficavam. Aí a gente abatia, descascava lá no mato, arrastava até um estaleiro com trator, carregava no caminhão e trazia pra serraria. Era sofrido. Era de fazer calos de sangue na mão⁸⁶.

A madeira que saía da serraria tinha como principal destino as cidades de Carazinho e Passo Fundo, no Rio Grande do Sul. O senhor Juarez comenta que trabalhou em quase todos os setores da madeireira:

A não ser foguista e serrador e afiador, o resto eu fiz tudo. Pé de fita, bitoleiro, circuleiro, destopador no mato, descascar pinheiro, o que aparecesse, né. Não tinha. Não era um serviço fixo. Podia mudar, né. Mas eu trabalhei um bom tempo. Até guarda fui, né mãe. Até guarda noturno. Quando o guarda, a gente tinha guardião à noite, né, entrava de férias, daí eu fazia o turno do guarda⁸⁷.

Podemos dizer que as serrarias foram as primeiras indústrias do município, sendo responsáveis por atrair muitas pessoas para o local. Juarez assim comenta:

⁸⁴ Relato concedido por CAMERA, Balduino. Fonte: Parque Estadual das Araucárias. Acesso em 14 de junho de 2024.

⁸⁵ Entrevista concedida por CAMERA, Juarez. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁸⁶ Entrevista concedida por CAMERA, Juarez. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁸⁷ Entrevista concedida por CAMERA, Juarez. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

Todo local que teve madeireira tem uma cidade. Isso você pode ver. Vamos aqui, a cidade mais velha aqui da nossa região é Clevelândia do Paraná com quase 120 anos. Surgiu pela madeira. Todas as cidades aqui que envolveram madeira são as cidades que existem até hoje⁸⁸.

O volume da Madeira era declarado após o corte ao então IBDF, que controlava a exploração pela expedição de guias florestais na regional de Chapecó. Milhões de metros cúbicos da melhor madeira deixaram o país restando ao mercado local a madeira de menor qualidade, os chamados refugos. Com a fundação do IBAMA em 22 de fevereiro de 1989 ampliaram-se as restrições ambientais, dificultando a continuidade das operações na serraria.

A família Camera sempre se dedicou às atividades de extração de madeiras e Juarez nos conta sobre as Balsas do Rio Uruguai:

Meu avô foi madeireiro. Desceu com balsa no rio Uruguai. Meu pai também foi madeireiro, mas já estava na terceira geração. Mas daí acabou. O pai desceu acho que umas três balsas, né. Desceu com balsa no rio Uruguai, derrubava a madeira no rio Uruguai, formava as balsas e quando dava enchente levava para a Argentina. As vezes dava uma metade do caminho parava de chover. Tinha que ficar parado até voltar, chover, encher o rio para poder descer⁸⁹.

Na família Camera, todos exerciam atividades na serraria. Dificilmente as mulheres participavam diretamente dos trabalhos, mas, a senhora Luci foi uma das poucas exceções, pois realizava uma importante atividade que exigia bastante responsabilidade. Luci descreve sua função na serraria Berthiér:

Eu era escriturária, cuidava do escritório. Eu fazia movimento de todos os empregados, imposto, tudo que pertencesse pra firma. Eu fazia, fichava no fim do mês tudo, daí mandava pedir o dinheiro, me mandava pelo banco, e eu prestava conta no fim do mês. Pega meu caderno ali pra mostrar pra ela. Eu achei um caderno⁹⁰.

Na imagem abaixo fornecida pela senhora Luci, que ainda guarda com carinho essa recordação do seu trabalho, está registrado o movimento do caixa da serraria em julho de 1992. Entre os gastos então a salário de empregados, conta de luz das moradias dos funcionários e gastos efetuados nos locais de comércio do município.

Figura 28 — Movimento de caixa da Serraria Berthiér em julho de 1992.

⁸⁸ Entrevista concedida por CAMERA, Juarez. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁸⁹ Entrevista concedida por CAMERA, Juarez. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁹⁰ Entrevista concedida por CAMERA, Luci. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

Naquela época, tinha dado um vendaval e tinha derrubado bastante pinheiro do outro lado do rio. E daí, esse pessoal que, se não me engano, era o doutor Hernani Coutinho, eles pediram, vieram lá e fizeram uma proposta para eles tirarem os pinheiros do outro lado do rio. E daí, o pai, o avô e o tio, que eram os três sócios da serraria, resolveram transferir a serraria para o outro lado do rio, ali para o quebra-queixo. Então, naqueles anos lá, nos anos 60, eles trabalharam ali no quebra-queixo, cortando aquele pinheiro que estava caído pela tormenta. E daí, depois, eles continuaram tirando o restante do pinheiro ⁹¹.

Na época já haviam outras serrarias instaladas no atual município e Neodir nos diz:

Eles usavam a água do rio para tocar a serraria. E nós, lá no quebra-queixo, nós tínhamos uma máquina que fazia o vapor e tocava a serraria. A gente usava, na época, que eu me recordo, essa serraria era tocada a fogo, né. Então tinha caldeira, eles faziam fogo, faziam o vapor e tocava a serraria. Daí a serraria tinha na parte de cima, era dois andares, né. A parte de cima, onde serrava, tinha a serra, né. Que eles chamavam de pica-pau, né. Que era uma serra que ela subia e descia. Não era como, depois de muitos anos, a gente viu que tinha as fitas, né. Que arroteava a serra. E essa ela subia e descia. E ela se chamava de pica-pau. Ela subia e descia, subia e descia, cortando a madeira. Era lento o trabalho dela, não era de grande produção, né. Que a gente sabe, mas trabalhava muito bem. E a parte de baixo, então, tinha a parte onde tinha todas as correias, né. Onde tinha as transmissões, que eles diziam, né. Que vinha da máquina a vapor e transmitia o movimento pra cima. Na parte de baixo, eu me recordo que tinha onde caía a serragem. E na serragem eles puxavam com o carrinho pra fora da serraria, que encostavam na beira do rio, né⁹².

De acordo com as notas, o senhor Neodir lembra que a serraria levava o nome de Antônio Francisco Mulinari Ltda. Os estoques eram exclusivamente de madeira de pinheiro.

Depois, quando foi terminando aquele pinheiro, aí eles começaram a serrar outras madeiras, que daí começaram a serrar, principalmente o cedro, que era valorizado. Daí tinha louro, tinha grábia, tinha canela. Então, isso já foi mais depois que terminou aquele pinheiro⁹³.

Segundo Neodir, a serraria funcionou até o início da década de 70, quando a quantidade de pinheiros diminuiu, mas seu pai continuou no ramo madeireiro.

[...] como terminou os pinheiros, ele começou a lidar com tirar madeira pros outros, né. Então, ele prestava serviço, trocava o serviço da serraria por madeira. Então, as pessoas iam lá e diziam, ó Sr. Mulinari, eu quero construir uma casa. E o senhor vai lá tirar os pinheiros e serrar a madeira. E ele pegava, e na época tinha depois já os trator, né. Então, puxava a madeira, trazia pra serraria, e depois, daí ele ficava com uma parte da madeira e o restante, a pessoa que ia construir a casa, levava. Daí, numa outra época, eles começaram a tirar, principalmente o louro, pra levar lá pra Ipumirim, pra uma fábrica de móveis. Então, eles tinham isso acertado com uma pessoa lá de Ipumirim, uma empresa, eu não lembro quem, como é que era o nome,

⁹¹ Entrevista concedida por MULINARI, Neodir Remualdo. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁹² Entrevista concedida por MULINARI, Neodir Remualdo. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁹³ Entrevista concedida por MULINARI, Neodir Remualdo. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

mas essa empresa, ela fazia móveis, daí eles levavam pra lá, principalmente o louro, que era mais valorizado na época⁹⁴.

A serraria empregava até vinte funcionários e todos moravam próximos. “Tinha as casas, cada um tinha, o meu avô, que era construtor, ele construiu as casas, tudo, então os operários ficavam, cada um na sua casinha ali perto da serraria mesmo”⁹⁵. Quando precisavam tirar as árvores que estavam ainda em pé, o trabalho era com uso de instrumentos simples conforme relata Neodir:

Na época era mais manual, eu me lembro que tinha, eles falavam a serra, serra americana, que usavam bastante essa serra, então derrubavam o pinheiro lá, depois eles faziam as toras no tamanho, e daí depois descascavam. Então no mato, na época eu acredito que tinha umas 6, 7 pessoas que trabalhavam direto. Daí tinha uma feira de boi, que puxava aquela madeira pros estaleiros. Daí depois, até numa época eles tinham um carroção que puxava. Depois que passaram os anos, eu me lembro que daí veio então o caminhão, aquilo lá agilizou que tá louco o trabalho deles⁹⁶.

A madeira que saía da serraria seguia para o Rio Grande do Sul, e Neodir lembra que:

O pai sempre comentava, né, que eles pegavam o caminhão, o caminhãozinho pequeno, levavam até Sertão, aquela madeira, porque tinha que pagar, por exemplo, o dono da terra, né. Então o dono dos pinheiros, a maioria era levado lá pra sertão, essa madeira depositada lá na estrada de ferro, aí vinha o trem pra levar lá pra Porto Alegre, porque me parece que essas madeiras iam tudo pra Porto Alegre⁹⁷.

Infelizmente, nem a serragem sobrou. “Já fazem, desde os anos 70, por aí, que foi desativada a serraria, mas não, vestígio assim, a gente mais ou menos sabe onde é, daí depois veio a barragem, alagou uma parte né, onde tinha os estoques e o próprio depósito de serragem”⁹⁸.

Podemos dizer que as serrarias foram as primeiras indústrias no município e elas foram fundamentais para atrair populações para o local. Neodir concorda com essa afirmação:

Se não fosse a serraria, ainda hoje nós estávamos vivendo no meio do mato, né, porque a serraria, além de ser um, vamos dizer, um ativo econômico, uma empresa que funcionava, tinha bastante funcionário, ia abrindo o local para nós transformar o nosso município em um município agrícola, porque, na época, o grande empecilho,

⁹⁴ Entrevista concedida por MULINARI, Neodir Remualdo. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁹⁵ Entrevista concedida por MULINARI, Neodir Remualdo. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁹⁶ Entrevista concedida por MULINARI, Neodir Remualdo. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁹⁷ Entrevista concedida por MULINARI, Neodir Remualdo. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

⁹⁸ Entrevista concedida por MULINARI, Neodir Remualdo. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

por exemplo, para a produção de alimentos e coisas, era a própria mata, e a mata deu lugar para a nossa agricultura que nós temos hoje⁹⁹.

Hoje, a economia do município tem sua base na agricultura e a memória da atividade das serrarias precisa ser preservada e levada ao conhecimento das gerações futuras. Elas foram o alicerce para a expansão do comércio e do município como um todo. Neodir com sábias palavras fala:

Muita gente acha que, do jeito que está hoje a agricultura, isso já estava assim quando nós chegamos aqui. Quando os nossos pais chegaram aqui, era bem diferente, né. Eram as estradas ruins, difíceis os acessos, quando chovia era difícil sair lá das serrarias de onde o pessoal morava. Então eu vejo que foi um momento que eles passaram e que isso tem que preservar. Eu até, na época que eu era presidente da associação dos atingidos ali da barragem do quebra-queixo, que foi comprada essa área ali do Berthiér para fazer o Parque Estadual das Araucárias. A gente batalhou bastante para que ficasse aqui em São Domingos esse Parque, e junto com o ex-prefeito Deonilo Pretto, nós batalhamos muito para que acontecesse, para que ficasse esse Parque aqui. Outra batalha grande que nós tivemos foi a questão da serraria que tinha lá. Era um museu, assim, impressionante aquilo. Infelizmente, nós não conseguimos que ficasse ali o museu. Até a empresa que comprou essa área, ela aceitava, mas algumas pessoas não queriam que ficasse isso, porque disseram que isso era um monumento para as pessoas que derrubaram o mato. Então, a gente ficou, na época, até muito triste, porque não ter conseguido que ficasse a serraria lá, com a máquina, tudo, que o seu Jorge Berthiér ele tinha um carinho muito grande por aquela serraria. Então, a gente queria que ficasse. E era para o município, para a história, mas algumas pessoas, infelizmente, não aceitaram isso e não quiseram que ficasse aquela serraria¹⁰⁰.

Neodir ainda fala com muita emoção sobre os tempos passados:

Era uma dificuldade grande, era muito grande a dificuldade. E, olha, temos que agradecer a essas pessoas que fizeram esse sacrifício para, hoje, nós estarmos numa situação que a gente está, que o município está, e que é a própria região. Eu tenho uma recordação muito boa da época. Eu, até hoje, quando passo em algum lugar que tem a madeira, vamos dizer, secando, a gente sente aquele cheirinho de madeira verde secando e isso traz recordações da gente, da infância, que a gente viveu lá no Quebra-Queixo, que a gente brincava muito no meio das pilhas de madeira. A gente tinha uma turma lá de piazada que eram os coleguinhas da idade da gente e a gente guarda essa recordação. Toda vez que passo em um lugar que sinto o cheiro de madeira me lembro daquela serraria¹⁰¹.

⁹⁹ Entrevista concedida por MULINARI, Neodir Remualdo. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

¹⁰⁰ Entrevista concedida por MULINARI, Neodir Remualdo. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti, 2024.

¹⁰¹ Entrevista concedida por MULINARI, Neodir Remualdo. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti, 2024.

4.1.7 Serraria Famílias Senger e Simon

As famílias Simon e Senguer são descendentes de alemães. Vindos da Alemanha, fizeram morada em Tapera, Rio Grande do Sul. Renato conta que:

Tudo começou com meu avô, Albert Max Senger, que veio da Alemanha, nasceu na Alemanha, veio morar no Brasil, veio depois da Primeira Guerra Mundial. Tinha uma crise muito grande na Alemanha e eles vieram, na realidade ele veio para ir para a Argentina, porque a Argentina parece-me que era mais desenvolvida que o Brasil naquela época, mas desceu em Santos e foi morar em São Leopoldo e acabou morando em Tapera, né. Só para colocar assim até daí ele casou com a minha avó, no caso, que já era filha de um outro alemão que trabalhava com a exploração de madeira na região de Passo Fundo ali, né¹⁰².

Lá em Tapera, as famílias possuíam uma serraria e, em 1958 mudaram-se para São Domingos, continuando com a extração de madeiras. Aqui, existia muita terra com mato “[...] quando estava terminando os pinheiros lá, tinha bastantes pinheiros para serem extraídos aqui em São Domingos”¹⁰³. A serraria foi instalada na Linha Polvarinho e era uma sociedade entre as famílias Senguer e Simon. A área foi adquirida da família Lammel que também trabalhava no ramo madeireiro. A serra fita era a máquina principal na serraria que operava através da energia gerada pela roda d’água. Para o transporte das toras de madeira até a serraria era utilizado uma espécie de trilho conforme explica Renato:

Tinha um trilho, tipo de trilho, que eles transportavam a madeira para chegar até nela, para facilitar, porque não tinha máquina para carregar aqueles pinheiros pesados, né. Então, eles colocavam em cima dos tratores que eram utilizados, era CBT, também me lembro que era um trator forte, e eles colocavam em cima daqueles, tipo um vagão de trem pequeno, que empurrava até chegar no ponto lá onde é que estava a serra-fita, daí eles faziam o corte, né¹⁰⁴.

Os empregados eram cerca de seis famílias que moravam próximos a serraria. Eles vieram da região de Tapera junto com o pai de Renato. Lá eles já eram conhecidos e alguns já trabalhavam na serraria da família. Renato acrescenta que:

Porque ninguém gosta de sair, eu penso que ninguém gostaria de sair do habitat dele. Ele vai sair porque ele tenta procurar um lugar melhor para ele. Porque nós não somos obrigados a ficar morando em São Domingos, nós moramos aqui também porque nós gostamos daqui, nós amamos ficar aqui¹⁰⁵.

¹⁰² Entrevista concedida por SIMON, Renato. Entrevista [12.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

¹⁰³ Entrevista concedida por SIMON, Renato. Entrevista [12.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

¹⁰⁴ Entrevista concedida por SIMON, Renato. Entrevista [12.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

¹⁰⁵ Entrevista concedida por SIMON, Renato. Entrevista [12.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

O destino da madeira bruta ou serrada da serraria seguia principalmente para São Paulo e Rio de Janeiro. O entrevistado comenta que a economia de São Domingos dependia totalmente das madeiras. Renato não chegou a trabalhar na antiga serraria, pois ainda era criança e depois foi estudar em Passo Fundo. Percebe-se também neste caso o cuidado em oportunizar estudo aos filhos. Também foi notável sua participação como vereador no município entre 1988 e 1992. Assim como outros proprietários de serrarias ou descendentes deles, percebemos a forte presença nas gestões municipais, assumindo cargos como vereadores e prefeitos. Isso, sem dúvida nos daria um novo projeto de pesquisa.

As serrarias foram as primeiras indústrias do município e tiveram importância na formação e crescimento do local. Renato com sábias palavras destaca a importância da madeira naquele período:

Eu vejo nesse sentido porque na época era o que era utilizado na construção civil. Era madeira, né. Hoje é o concreto, hoje é ferro, hoje tem muitas alternativas. Agora começou muito o gesso também. Hoje não tem muita necessidade da madeira, né. Mas sempre tem alguma coisa. Mas na época necessitava madeira. Até para aquecimento das casas, porque não tinha como no inverno, o inverno era muito rigoroso também aqui. Então, tudo girava em torno da madeira. Literalmente em todo o sentido. Daí começou a vir muitas pessoas e gerava muito emprego e eles começaram a se estabelecer em São Domingos. E depois, quando começou a diminuir a madeira, automaticamente foi surgindo a agricultura, né. Que eu até penso que eles sofreram um bocado para tornar hoje essa realidade que nós estamos vivendo. Porque hoje as máquinas fazem tudo. Então, até eu vejo, até eles foram, no meu ponto de vista, foram uns heróis. Agora, é claro que hoje a situação é totalmente diferente. Não existe mais essa necessidade da extração da madeira como era antigamente. Hoje você planta pinus e eucaliptos que ela vai te dar o resultado que tu quer. Ela vai ser transformada, ela vai ser transformada em outro tipo de material, né. E com resultado sem, vamos dizer agredir o meio ambiente como hoje. Nós temos que respeitar, com certeza absoluta, mas na época, às vezes a gente pensa na nossa cabeça, eles não destruíram. Era a vida naquela época¹⁰⁶.

A serraria funcionou até 1972 e, hoje, é o local da sede da Granja Simon. Trabalham exclusivamente na agricultura sendo uma propriedade de referência regional, com uma infraestrutura e maquinários modernos e um silo para armazenamento da produção local. Renato nos fala do cuidado com a preservação da área hoje:

Eu tenho uma área lá na granja que antes era internada, era grama, e como nós paramos de lidar com o gado, ela hoje é um mato. Se tornou um mato espetacular, que é muito difícil de entrar, porque eu não explorei, é um mato natural. A natureza recompôs aquilo que provavelmente já existia, né. Então, mas a gente sempre tem que respeitar, porque aumenta os animais. Que é uma proteção para eles, um mato, né¹⁰⁷.

¹⁰⁶ Entrevista concedida por SIMON, Renato. Entrevista [12.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

¹⁰⁷ Entrevista concedida por SIMON, Renato. Entrevista [12.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

Quanto aos registros, maquinários ou documentos da antiga serraria, nada restou. Apenas as memórias originadas pelas serrarias e que merecem ser partilhadas para que as pessoas possam conhecer um pouco dessa história do nosso município. Renato nos diz:

Hoje eu tenho uma visão diferente com a serraria, não vou condenar eles. Não, nada disso. Na época, era esse meio que tinha para a sobrevivência. Era essa a nossa indústria, a indústria dos nossos antepassados, né. E eu acho muito importante cultivar essa memória, para que essa nova geração, ela possa ter um pouco de conhecimento, realmente, o que foi que aconteceu, como é que foi que aconteceu. Porque se fosse fazer um trabalho que nem você está fazendo sobre uma serraria, podia ser totalmente não é mal feito, mal direcionado, né. Porque cada serraria teve o seu momento, teve a sua dificuldade, teve a sua virtude. Mas ela, você tem que analisar várias. O todo. Cada uma com as suas peculiaridades diferentes. Porque tinha umas, mesmo na época, já mais modernas, porque tinha mais condição. Outras eram familiares, que trabalhavam a família. Outras não tinham a família, eram tudo funcionários. Então, eram essas coisas, assim, que é bom ter esse material para que você possa amanhã, depois, quem tem interesse de cultivar isso aí. Eu acho que eu sou plenamente favorável a cultivar todas as coisas que viveram nos anos passados. Porque é uma história, né. Então, por isso que é importante expor. Não que a gente queira voltar àquele tempo. Mas hoje é muito fácil. Porque hoje você tem a máquina que pode fazer tudo. Hoje, se eu, por exemplo, quero tirar esse coqueiro, quero tirar o coqueiro e transportar ele para outro lugar, eu consigo tirar com vida. Com vida, porque tem a máquina que faz, extrai ele, tira do lugar ali e consegue, conforme a posição solar, que é uma coisa importante para deixar ele na mesma, ele reconhecer que ele não saiu do lugar. Caso o sol bata e de manhã. Essas coisas, assim, que as pessoas, assim, hoje, elas nem imaginam, né. E, na época, os antigos já tinham esse tipo de conhecimento. Eles já tinham, porque eles sabiam. Agora, aqueles que têm interesse, realmente, de aprender, seja trabalhar na área do meio ambiente, que seja, assim, agricultura. É uma área que trabalha com o meio ambiente¹⁰⁸.

Renato considera importante a preservação ambiental porque a indústria do agricultor é o solo. “O clima faz a parte dele e tu faz a tua parte, sem agredir a ele. Então, a gente está fazendo a nossa parte hoje. E eles fizeram a parte deles naquele momento lá, né. Mas foi muito importante para o desenvolvimento da cidade”¹⁰⁹.

Renato lembra-se das histórias que o pai contava e viveu apenas o final da época de extração de madeira no município. Viveu o final do ciclo da madeira e o início da agricultura. “Isso eu posso te dizer, que eu vivi o início da agricultura. No caso, amanhã depois, sobre a agricultura, eu acredito que seja bem preparado para mostrar como foi, realmente, no caso, da nossa família”¹¹⁰.

¹⁰⁸ Entrevista concedida por SIMON, Renato. Entrevista [12.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

¹⁰⁹ Entrevista concedida por SIMON, Renato. Entrevista [12.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

¹¹⁰ Entrevista concedida por SIMON, Renato. Entrevista [12.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

4.1.8 Serraria Família Lammel

A família Lammel se estabeleceu no local que viria a ser o município de São Domingos em 1950. Vindos de Pontão no Rio Grande do Sul com o objetivo de continuar com a prática da agricultura. De acordo com Volnei, “[...] para que fosse beneficiada a terra, fosse possível o início dessa agricultura, havia a necessidade da retirada da madeira”¹¹¹. A família montou a serraria que tinha como fonte de energia a água. Localizava-se nas margens do Rio Emigra que faz divisa com o município de Abelardo Luz. Mais tarde, em 1958, ampliaram a serraria que passou a ser alimentada pela energia da locomotiva a vapor, tocada a fogo tornando possível o beneficiamento de grande parte da madeira com mais agilidade. Volnei acrescenta que a família veio pra cá “[...] para expandir os negócios, com lavoura. A serraria foi uma consequência de retirar a madeira para o mercado para beneficiar a terra”¹¹².

Quando a família Lammel chegou já havia a serraria da família Bigolin instalada no local que mais tarde seria a sede do município. A serraria denominava-se Irmãos Lammel e funcionou até meados da década de oitenta. Volnei acrescenta que: “Eu não vou te precisar bem certo, mas ela trabalhou até que tinha madeira”¹¹³.

Dentro da serraria ficava a serra-fita que serrava as toras e também as máquinas para o beneficiamento da madeira como a serra circular e a plaina que transformavam as tábuas em vigas, caibros e peças de madeira em geral que eram usadas para a construção civil. Segundo Volnei, “Para tábuas internas de casas, para mata junta. E do resto que sobrava a gente fazia papel. A gente tinha uma fábrica de papel também aqui. Aproveitava, a gente aproveitava até a casca do pinheiro. Era feito fogo também”¹¹⁴.

Na imagem que segue, pode-se observar a serraria. Do lado direito, atrás da mata ficava o Rio Emigra que abastecia a serraria e também a comunidade. Na foto aparece um dos trabalhadores que era muito conhecido por todos no município, o senhor Minduca, como era chamado carinhosamente. Este, após o fim dos trabalhos na serraria, mudou-se para a cidade para trabalhar na Indústria de Papel Dallastra.

Figura 29 — Serraria da Família Lammel em 1960.

¹¹¹ Entrevista concedida por LAMMEL, Volnei Marcos. Entrevista [12.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti, 2024.

¹¹² Entrevista concedida por LAMMEL, Volnei Marcos. Entrevista [12.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti, 2024.

¹¹³ Entrevista concedida por LAMMEL, Volnei Marcos. Entrevista [12.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti, 2024.

¹¹⁴ Entrevista concedida por LAMMEL, Volnei Marcos. Entrevista [12.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti, 2024.



Fonte: Arquivo pessoal de Volnei Marcos Lammel.

Na mata o trabalho de corte das árvores já era com motosserras. A família Também possuía dois tratores de esteira, um trator guincho, e com os caminhões trazia as toras até a serraria para fazer o corte da madeira.

O senhor Alfredo Lammel, um dos proprietários, era, segundo seu neto Volnei, um visionário. Desejava que o local prosperasse auxiliando em obras na comunidade como a construção da Igreja e da escola.

Figura 30 — Igreja na Linha Imigra no ano de 1960.



Fonte: PRETTO, 2022, p. 32.

Figura 31 — Igreja na Linha Imigra no ano de 1961.



Fonte: Arquivo pessoal de Volnei Marcos Lammel.

Na imagem da Igreja que foi construída pela família e com a madeira da serraria, é possível observar que apesar de pequena, era de uma beleza encantadora. Na imagem da esquerda para a direita a igreja ainda estava por ser concluída.

Quanto aos registros da serraria, restaram poucas fotografias bastante apagadas pelo tempo. Da estrutura e do maquinário também não sobraram nada. Segundo Volnei: “Foi tudo, acabou”¹¹⁵.

A araucária estava entre as espécies de árvores que mais eram utilizadas na serraria. Volnei lembra que:

O que interessava mesmo era o pinheiro, a araucária. Mas a nossa serraria serrava também madeira de lei. Por exemplo, o pessoal cortava madeira de lei para expandir as lavouras e vendia madeira, as toras, para nós. Então nós serrávamos angico, serrava toda espécie de madeira¹¹⁶.

A maioria dos empregados da serraria veio do Rio Grande do Sul e entre funcionários diretos e indiretos, chegava a ter mais de 50 pessoas trabalhando. Os empregados da serraria moravam próximos a ela. Eram todas casas fornecidas pela própria empresa. Além das casas, a empresa fornecia água e luz. “A luz a gente gerava, nós já tínhamos gerador de energia. Então para a casa dos funcionários e para ali na Imigra, que era o chefe da serraria, que comandava, para a família, era um gerador próprio que gerava com a água da própria serraria”¹¹⁷. Volnei nos conta que o cotidiano na serraria, assim como a vida na comunidade era baseado numa rotina determinada pelo funcionamento da serraria.

Ela se iniciava às 5 horas da manhã, tinha um maquinista, esse ia às 4 horas da manhã para fazer o fogo, para a máquina fazer pressão, e aí às 5 horas começavam a trabalhar, paravam às 12, e isso tinha um sinal de uma apito, que a serraria fazia assim. Então a gente se baseava também na comunidade da imigra, ela sabia o horário de almoçar, o horário que começava, e o horário de parar, 6 horas. Então ela parava às 12, iniciava às 13 e parava às 18 horas. Cada parada, cada início tinha um sinal, e a serraria apitava. Então o povo sabia mais ou menos o horário que eram pelos apitos¹¹⁸.

Os produtos que saíam da serraria, além de abastecer a demanda local, também seguiam para Cidades do Rio Grande do Sul, para a Argentina e Paraguai e Volnei fala que

¹¹⁵ Entrevista concedida por LAMMEL, Volnei Marcos. Entrevista [12.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti, 2024.

¹¹⁶ Entrevista concedida por LAMMEL, Volnei Marcos. Entrevista [12.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti, 2024.

¹¹⁷ Entrevista concedida por LAMMEL, Volnei Marcos. Entrevista [12.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti, 2024.

¹¹⁸ Entrevista concedida por LAMMEL, Volnei Marcos. Entrevista [12.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti, 2024.

“Provavelmente passaram por cima das balsas, porque não tinha ponte, né. Acho que até aqui no Chapecó era por balsa, pelos caminhões”¹¹⁹. Volnei, mesmo muito jovem, também executou tarefas na serraria:

Eu juntava o lixo para gradear, para fazer [...] Nós aproveitávamos o lixo que sobrava da madeira para usar na locomóvel, então a gente tinha que gradear para secar aquilo, né? Fazia a secagem do lixo para fazer lenha para tocar a locomóvel. Se aproveitava 100%¹²⁰.

Volnei também comenta sobre a importância das serrarias para o crescimento do município:

Foi essencial, né. Foi o que gerou, que gerava dinheiro ligeiro, né. Que movimentava o comércio, né. Porque tinha muitos funcionários. Então, os mercados, tudo dependia da serraria. Porque a agricultura demorava um ano pra você ter dinheiro, né. Pra você fazer girar dinheiro e a serraria era tudo mesmo. Os funcionários recebiam tudo mesmo. Então, a fábrica de papel, a serraria, a plaina, né. Tudo isso aí usava mão de obra. E era o que girava. O comércio que se baseava por aquilo ali¹²¹.

Sobre a importância de regatar e preservar essas memórias, Volnei responde: “Com certeza, né. Pra você ver como é que nasceram os municípios, né. Como que começou, né. Muitas pessoas viveram. Estão vivas ainda, né. Muita gente, né. Muito dono de serraria antigo ainda vive né. Os filhos, os netos ainda estão aí”¹²².

Existe uma afirmação antiga que é comum ouvirmos das pessoas que moram no município a mais tempo de que a Linha Imigra era maior que a sede do município. Volnei confirma essa informação dizendo que:

Era maior. São Domingos, na verdade, era pra ser estabelecida. O município era pra ser na Imigra, né. Não foi por uma questão política, acredito eu, na época. Mas era maior do que São Domingos. Lá tinha clube. Tu vê que a madeireira movimentava né. Fazia crescer as coisas, né. No caso, lá o local da Imigra era uma cidade. Tinha o clube do Genésio, já tinha a venda de secos e molhados lá na Imigra. Tinha um local pra corrida de cavalo, pra raia. Tinha campo de aviação. Então, a madeireira

¹¹⁹ Entrevista concedida por LAMMEL, Volnei Marcos. Entrevista [12.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti, 2024.

¹²⁰ Entrevista concedida por LAMMEL, Volnei Marcos. Entrevista [12.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti, 2024.

¹²¹ Entrevista concedida por LAMMEL, Volnei Marcos. Entrevista [12.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti, 2024.

¹²² Entrevista concedida por LAMMEL, Volnei Marcos. Entrevista [12.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti, 2024.

movimentou muito aquilo lá, né. E era o que tinha. E depois as lavouras. Agricultura¹²³.

Os proprietários da serraria também tinham um pequeno descascador de arroz e um moinho para moer o milho. Embaixo da serraria funcionava uma “tafona”¹²⁴ e uma moenda de cana para fazer a cachaça. Essas últimas, movidas pela roda d’água. Sem dúvida, a serraria dos irmãos Lammel foi uma das maiores serrarias do município, com uma infraestrutura completa para atender as necessidades das mais de quarenta famílias que viviam lá. Hoje, no lugar da antiga serraria, existem dois ou três moradores. Volnei fala que: “Como terminou, tudo terminou. Ficaram os proprietários de terra lá na Imigra. Não existe mais. Só agricultura mesmo”¹²⁵.

4.2 O CRESCIMENTO DO LOCAL: MEMÓRIAS E LEMBRANÇAS DO MUNICÍPIO

As atividades econômicas do município de São Domingos estiveram até a década de 80, relacionadas com a agricultura e com a extração de madeiras. A partir daí, a instalação de novos comércios começam a absorver um número maior de trabalhadores que antes só tinham a agricultura e as serrarias como fonte de trabalho. Os proprietários das serrarias se dedicaram a atividades variadas que iam além das serrarias. Possuidores de grandes extensões de terra foram responsáveis pela instalação dos primeiros estabelecimentos comerciais que visavam suprir as necessidades da população naquele período. Os proprietários das serrarias também eram pessoas bastante influentes e respeitadas e destacaram-se na vida política no município sendo que a maioria desses proprietários e também seus filhos participaram do poder executivo e legislativo municipal. Como exemplo, destacam-se as famílias de Germano Griss e Alcides Bigolin sendo que sobre este último não foram encontradas ou disponibilizadas muitas informações. O filho de Alcides, o senhor Leoclides Bigolin foi prefeito municipal de duas gestões: de fevereiro de 1977 a janeiro de 1983 e de janeiro de 1989 a dezembro de 1992. Priorizavam a educação dos filhos e a maioria deles formou-se em universidades.

Germano Griss foi um homem, como relata sua filha, “à frente do seu tempo”¹²⁶. Não era comum que as famílias possuíssem bibliotecas em suas casas, mas Germano Griss

¹²³ Entrevista concedida por LAMMEL, Volnei Marcos. Entrevista [12.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti, 2024.

¹²⁴ Atafona é um tipo de mecanismo manual ou movido por força animal como, burros, cavalos e bois onde o animal faz movimento rotativo para mover moinhos, engenhos de açúcar, e outros equipamentos.

¹²⁵ Entrevista concedida por LAMMEL, Volnei Marcos. Entrevista [12.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti, 2024.

¹²⁶ Entrevista concedida por PEDRASSANI, Naldira Griss. Entrevista [08. 2023]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti

possuía uma com muitos livros e também a coleção da Barsa¹²⁷. Isso demonstra a preocupação com a instrução dos filhos sendo que dos sete filhos, cinco deles fizeram curso superior.

Germano favoreceu a vinda e o estabelecimento de muitas famílias no município dando condições facilitadas para pagarem o terreno e a casa. Era influente com autoridades e políticos regionais e também do Estado. Antes de ser prefeito, com a ajuda dos empregados da serraria, abriu a estrada que liga São Domingos à Ipuçu à foice e picareta. Depois, a Secretaria do Oeste emprestou um trator. A estrada encurtaria a viagem para Xanxerê. Antes dessa estrada, ia-se pela comunidade da Imigra, passando por Abelardo Luz até Xanxerê. Essa viagem demorava em torno de um dia. Naldina conta que muitas vezes o café era adoçado com mel, pois os mantimentos vinham de Xanxerê. Mais tarde, a família colocou um armazém para facilitar a compra pelos empregados e moradores locais.

Uma nova Igreja desponta no município em 1954, substituindo a antiga capela. O terreno foi doado pelo senhor Germano Griss. Foi construída com a madeira doada pela serraria dos irmãos Griss. No lado esquerdo da imagem abaixo está Germano Griss na Celebração de Domingo de Ramos.

Figura 32 — Primeira igreja da cidade construída em madeira no ano de 1956.



Fonte: Arquivo pessoal de Naldina Griss.

¹²⁷ Foi a primeira enciclopédia brasileira idealizada em 1959, por Dorita Barrett, empresária e editora. Foi publicada em 1964 desenvolvida por um corpo editorial brasileiro formado pelo enciclopedista e tradutor Antonio Houaiss, o escritor Jorge Amado, o arquiteto Oscar Niemeyer e o jornalista e escritor Antônio Callado como o redator-chefe da primeira edição. Tinha um caráter híbrido, pois era informativa e também pretendia difundir ideias de grandes pensadores que estavam na vanguarda do conhecimento.

O local estava configurando-se para tornar-se município com novos comércios se instalando para atender as diversas necessidades da população que estava em ascensão. No ano de 1963, São Domingos passou a categoria de município sendo Germano Griss o primeiro prefeito nomeado pelo então governador Celso Ramos. Sua gestão foi de abril de 1963 a novembro de 1963 até a eleição para prefeito. Assumiu a prefeitura novamente em fevereiro de 1973 até janeiro de 1977, agora eleito pelo povo. Na primeira gestão, para dar início a abertura de estradas, o Senhor Germano foi até São Valentim no RS para buscar o primeiro patroleiro, o Senhor Bertolino Marcante.

Figura 33 — Primeiro patroleiro do município em 1963.



Fonte: Arquivo pessoal de Naldina Griss.

Germano Griss incentivou a vinda do senhor Bertolino oferecendo-lhe casa e terreno. Naldina conta que o pai havia pedido para o senhor Bertolino vir bem “ajeitado” para registrar o momento da entrega da patrola.

A casa da senhora Assunta Moscon, mencionada na entrevista com a senhora Naldira, é um importante registro do período de atuação das serrarias. Assim como outras famílias, dona Assunta e o marido Cândido vieram morar no local motivados pelas oportunidades de trabalho das serrarias e também pela facilidade que encontraram em poder se instalar. A serraria vendia o terreno e a madeira para construir a casa com condições facilitadas, com anos para pagar o negócio. Junto da casa funcionou um salão de beleza, que abriu suas atividades em 1964 e dona Assunta foi a primeira cabeleireira do município. Sem dúvida, não

há quem não tenha passado pelas mãos e pela tesoura da dona Assunta. Viúva deixou de trabalhar nos anos 2010, mas ainda mora na mesma casa que sofreu poucas alterações na sua estrutura.

Na foto abaixo, estão as casas de Assunta Moscon e Marcelina Griss (em memória). A Avenida ainda em estrada de terra e sem o canteiro. As construções de alvenaria foram substituindo as antigas moradias, mas as duas residências ainda permanecem na paisagem e muito representam a história do lugar.

Figura 34 — Av Irineu Bornhausen 1957.



Fonte: Arquivo pessoal de Naldina Griss.

Figura 35 — Avenida em 2024.



Fonte: Fotografia da autora em 18 de dez. 2024.

Um vendaval que atingiu o município em 1962 derrubou muitas araucárias e outras árvores nativas e Arlindo Borges que morava em Coronel Martins, veio para ajudar na serraria Griss com a retirada das toras e aproveitamento da madeira. Dois anos mais tarde, a família vem para o município para instalar seu comércio e em 1964 é inaugurado o salão de Arlindo Borges. Localizava-se na Rua Benjamim Constant aos fundos da serraria de Germano Griss.

O mais novo ponto de encontro da comunidade era conhecido como bar, salão ou clube. Ali eram vendidos bebidas além de sorvete, picolé e bolo que eram feitos pela senhora Vacilda Borges.

Figura 36— Salão de Arlindo Borges no ano de 1965.



Fonte: Arquivo pessoal de Vacilda Borges. Destaque elaborado pela autora.

Os operários da serraria vinham diariamente comer os “galletos” que ela fazia. Era um local utilizado para diversos fins como reuniões políticas, bailes, festas de aniversário, casamento e concursos de beleza. A elegância e a participação de famílias inteiras nos bailes agitavam a vida social que pode ser percebida na imagem abaixo.

Figura 37 — Baile realizado no salão em 1966.



Fonte: Arquivo pessoal de Vacilda Borges.

Numa época em que ainda não havia a televisão, o cinema era um atrativo na comunidade. Os filmes eram trazidos de Pato Branco - PR, e eram exibidos ainda em preto e branco. O cinema funcionava nos domingos em até três sessões que iniciavam às dezenove horas. Entre os filmes exibidos estava Teixerinha, Mazzaroppe e José Mendes. O bar ou salão

de Arlindo Borges funcionou até 1994, quando de seu falecimento. A estrutura que era feita em madeira já não existe na paisagem do município, restando apenas recordações de uma época que fez parte do cotidiano das pessoas com mais idade.

Figura 38— Cotidiano do bar em 1968.



Fonte: Arquivo pessoal de Naldina Griss.

Figura 39— Reunião política em 1969.



Fonte: Arquivo pessoal de Vacilda Borges.

Na mesma rua onde se localizava o salão de Arlindo Borges, foi registrado pelo fotógrafo Lauro Lima o momento do primeiro desfile cívico que aconteceu no município.

Figura 40 — Desfile cívico registrado em 1954.



Fonte: Arquivo pessoal de Vacilda Borges.

Percebe-se na imagem acima uma população pouco numerosa e a estrada ainda de terra, a única que passava pelo centro da cidade. Ao fundo a vegetação característica com extensos pinheirais que eram a matéria prima das serrarias instaladas no município.

No ano de 1964, Germano Griss também iniciou as obras do primeiro hospital do município. Foi feito com a madeira da serraria da família Griss e funcionou até 1978 quando foi construído um prédio novo de alvenaria.

Assim como a maioria das construções em madeira que faziam parte da paisagem do município de São Domingos, o hotel de Vitório Bortolini construído 1959 atendia as demandas como pousos, restaurante, festas de casamento e aniversários. O mesmo localizava na Rua Bejamim Contant, mantendo sua estrutura toda em madeira até 1972, quando o mesmo foi destruído pelo fogo. No mesmo local, foi construído um hotel novo em alvenaria de propriedade de Celino Marmentini.

Figura 41 — Primeiro hotel do município.



Fonte: Arquivo pessoal de Vacilda Borges.

A ferraria de Augusto Lodi instalada na Avenida Coronel Passos Maia veio a suprir as necessidades da população que antes precisavam trazer ferramentas principalmente de Clevelândia - PR. No local eram fabricadas carroças, enxadas e foices, além de fazer reparos nos equipamentos das serrarias. No local hoje funciona uma academia.

E as serrarias, assim, elas abriram caminho para que fossem surgindo outros tipos de comércio, pela demanda, né. Desde ter um mercado, um bar, uma ferraria. Eu até posso dizer que é uma corrente, é uma corrente, são cheios de elos, né. Ali onde é que puxa, depende de tudo. Então, até quando eu vim morar para cá, nós chamávamos de bodega, muitas bodegas, que era uma maneira até deles terem o trabalho deles. E alguns que pararam de trabalhar, ou foram diminuindo as serrarias, foram terminando, e daí eles partiram para outra coisa, botaram um mercadinho, outros mercados maiores, a chamada bodega, os bares, né. Porque também era um meio de divertimento para o final de semana do pessoal daquela época, porque eles não tinham televisão, não tinha internet, e nem todos gostam de esporte, então iam jogar um baralho, né. Então era a vida, e em muitos lugares ainda continua esse tipo

de tradição. Mas com ela veio um monte de coisa atrás, porque na ferraria também, para arrumar os equipamentos, eram os ferreiros que arrumavam a parte de ferro, tudo que mexia com ferro se dizia ferreiro, né. Então, bá, é assim, é tanta coisa que dependia. É que nem hoje na agricultura tem um monte de oficinas, porque a máquina estraga, o trator estraga, a plantadeira estraga, tem que ter alguém que vai arrumar. E na época, no tempo das ferrarias, se ela estragasse alguma coisa, elas não podiam parar. Então tinha que ter um outro profissional que fosse executar esse tipo de serviço.¹²⁸.

Figura 42 — Ferraria de Augusto Lodi em 1965.



Fonte: Arquivo pessoal de Vacilda Borges.

Muitas foram as pessoas que chegavam ao local desejando trabalho ou prosperar com algum comércio. A família Bertozzo foi motivada por esse desejo. Tinham uma serraria em Lageado Grande, SC e quando acabou a madeira tiveram notícia que em São Domingos havia uma grande demanda para moer o trigo que era produzido. Procuraram então o senhor Germano Griss, proprietário da serraria Indústrias de Pinho Ltda, e o mesmo doou o terreno para a construção do moinho. De acordo com Aldir Bertozzo, Germano queria que o local prosperasse oportunizando o estabelecimento de muitas famílias no município.

As obras do moinho começaram em setembro de 1966 e ficou pronto em maio de 1967. Nos dois primeiros anos de funcionamento, produzia apenas farinha de trigo. Dois anos mais tarde, começaram a moer o milho e descascar o arroz. Os produtos vinham também de Santiago do Sul, Coronel Martins, Galvão e Ipuçu. Geralmente, as sacas eram trazidas até o moinho por meio de carroças e jipes ou rural. Aldir nos conta que o pagamento era baseado na

¹²⁸ Entrevista concedida por SIMON, Renato. Entrevista [12.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

troca. A cada 60 kg de trigo, era dado 46 kg de farinha. Conta também que eram recebidas até dez carroças por dia e em uma única safra chegou a moer dezoito mil sacas de trigo.

Figura 43 — Vista do moinho nos anos 1970.



Fonte: Arquivo pessoal de Aldir Bertozzo.

Por muito tempo, o moinho foi a construção mais alta que havia no município. A estrutura conta com cinco andares, todo em madeira. O senhor Aldir Bertozzo, um dos filhos que ficou como proprietário, por anos já vem batalhando para que o local se torne um patrimônio público. O moinho chama atenção de quem passa pela Avenida Getúlio Vargas. Já foi cenário de fotografias de casamentos e é constantemente procurado para visitação de escolas, escoteiros e universidades. Sem dúvida o moinho faz parte da história e da paisagem do município.

Na visita ao local, no dia 19 de novembro de 2024, o senhor Aldir Bertozzo abriu as portas do moinho para que pudessem ser feitos os registros do espaço interno. Maquinários que fizeram parte da história do lugar, além da bela estrutura de madeira, sem dúvida, é um local que merece ter seu reconhecimento no patrimônio histórico do município. Claro que

depende do empenho das autoridades locais em garantir seu tombamento. Sabemos que é um processo burocrático longo, mas pelo desejo do proprietário que não cansa de insistir, ainda tem esperanças de ver isso acontecer.

Figura 44 — Moedor de milho.



Fonte: Fotografia da autora em 19 de novembro de 2024.

Figura 45 — Descascador de arroz.



Fonte: Fotografia da autora em 19 de novembro de 2024.

Figura 46 — Fechador de embalagens.



Fonte: Fotografia da autora em 19 de novembro de 2024.

Figura 47 — Canjiqueira.



Fonte: Fotografia da autora em 19 de novembro de 2024.

Figura 48 — Cano onde descia a farinha.



Fonte Fotografia da autora em 19 de novembro de 2024.

Figura 49 — Elevador.



Fonte Fotografia da autora em 19 de novembro de 2024.

Figura 50 — Caixa de armazenamento.



Fonte: Fotografia da autora em 19 de novembro de 2024.

Figura 51 — Vista interna do moinho.



Fonte: Fotografia da autora em 19 de novembro de 2024.

No porão do moinho, eram depositados os resíduos, o farelo. No primeiro andar, ficavam as máquinas como o cilindro de trigo, o descascador de arroz e o moinho martelo para a produção da farinha de trigo, canjica e quirera. No segundo andar, ficavam a caixa de farinha, os tubos e o elevador para descer a farinha que seria entregue ou vendida. No terceiro andar, ficava a pranchita ou peneira. No quarto andar, ficava o caracol, onde era dado banho

no trigo para depois moer. Na imagem abaixo se percebe que a construção é realmente um local que faz parte da história do município e certamente deveria ser preservado e integrado ao patrimônio cultural do município. A construção é notada por quem passa no local.

Figura 52 — Foto atual do moinho.



Fonte: <https://turismo.saodomingos.sc.gov.br/post-15083/>.

Outro registro importante encontrado em Bortoli e Cabral (1996) é sobre a primeira casa comercial. Era um armazém de secos e molhados de propriedade de Leopoldo Scheffer que foi instalado ainda na década de 1930. Apesar de não ter fotografias da casa comercial, sabe-se que o estabelecimento vendia para os colonos e caboclos desde cachaça, foices e enxadas, carne de porco, banha, sal, pregos, pólvora, querosene, panelas, louças e velas. Localizava-se onde hoje é o campo de futebol Independente. A mercadoria vinha principalmente de Joaçaba trazida pelos tropeiros em lombos de mulas e cavalos, atravessando o rio Chapecó.

O primeiro time de futebol fundado em 1958 representando o município foi o São Domingos Futebol Clube. Em 1962 seu nome é alterado para Sociedade Esportiva Independente. Os jogadores eram em sua maioria pessoas que trabalhavam nas serrarias do município. O campo localizava-se (e ainda permanece) na parte alta do município, ao lado do Cemitério Municipal. A paixão nacional pelo futebol fez nascer nas comunidades essa forma de socialização. Nos dias atuais, o campo e o time ainda levam o mesmo nome e com grande destaque nos campeonatos regionais.

Na imagem abaixo, da esquerda para a direita em pé, estão: Pedro Fachini, Carlito Marafon, Agostinho Griss, Romildo Bocchi, Eulídio Bortolini, Nene Câmara. Agachados, da esquerda para a direita estão: Félix Pertussatti, Ninho Marchetti, Luís Farmacêutico, Fiorelo Baccin, Nene Bortolini.¹²⁹

Figura 53 — Sociedade Esportiva Independente em 1960.



Fonte: Arquivo pessoal de Naldina Griss.

Em 1969, o Senhor Germano deu início à construção da casa de alvenaria, que foi a primeira no município. O material vinha de Chapecó e o engenheiro contratado para fazer o projeto da moradia era de Erechim.

Figura 54 — Primeira casa de alvenaria do município.



Fonte: Arquivo pessoal de Naldina Griss.

¹²⁹ Os integrantes do time de futebol foram registrados conforme o nome ou apelido que possuíam.

A casa é toda em tijolo deitado (duplo), com vários cômodos, sendo quatro quartos, um banheiro, uma sala e uma cozinha. Havia ainda o porão que servia como depósito de mantimentos como o açúcar e a farinha para distribuir aos empregados da serraria. Também se guardava ali as ferramentas de trabalho manual. Mais tarde, dividiu a sala e fez uma biblioteca. Possuíam uma vasta coleção de livros e enciclopédias, explicando assim, a instrução de todos os membros da família.

Depois de construída a casa, a planta foi emprestada para o senhor Alcides Bigolin que também era proprietário de uma serraria no município. Era comum usarem a mesma planta já que não se dispunha facilmente do trabalho de engenheiros naquele período. Recentemente, a casa de Germano passou por uma reforma e não foi fácil os pedreiros trabalharem. Não foi possível modificar quase nada na estrutura, pois as paredes grossas feitas de tijolos deitados impediam de quebrar ou perfurar.

Em 1974, Germano Griss inaugura a primeira prefeitura do município localizada na Rua Getúlio Vargas, no centro da cidade. A sede da primeira prefeitura foi construída em madeira, que pode ser verificada na imagem a seguir. Essa antiga construção já não existe na paisagem do local. Vale lembrar que antes de ter um prédio próprio, ela funcionava no porão de uma casa alugada na Rua Benjamim Constant.

Figura 55 — Fotografia do primeiro prédio da prefeitura do município de São Domingos em 1974.



Fonte: Arquivo público municipal. Consulta local.

No ano de 1982, o prefeito Abílio Vlademir Debortoli inaugura o novo centro administrativo.

Figura 56 — Atual Centro Administrativo.



Fonte: Fotografia da autora.

No ano de 1974, o Senhor Germano mandou vir 10 aparelhos de TV comprados dos irmãos Lunardi de Xaxim e doou para os empregados da serraria. Naldira conta que neste ano todos puderam assistir a copa do mundo. A TV era em preto e branco e pegava muito mal, mas foi uma alegria geral ter essa novidade nos lares das famílias que trabalhavam na serraria. Na foto o registro da filha de Naldina.

Figura 57 — Chegada dos aparelhos de TV no município em 1974.



Fonte: Arquivo pessoal de Naldina Griss.

Em abril de 1988, em comemoração ao Jubileu de Prata, a gestão de Abílio Vlademir Debortoli inaugura obras e faz homenagem ao senhor Domingos Baldissera, um migrante que segundo dados da prefeitura municipal se estabeleceu no local ainda na década de 1950 e que teria dado origem ao nome do município. Domingos Baldissera instalou no período uma olaria que foi mantida pelos filhos até o início da década de 1990.

Figura 58 — Entrega do troféu de desbravador a Domingos Baldissera.



Fonte: Arquivo público municipal. Consulta local.

As imagens iconográficas que registraram alguns dos momentos do cotidiano de pessoas ou famílias e também de algumas estruturas físicas presentes na paisagem foram feitas em sua maioria pelo fotógrafo Lauro Lima. No princípio, com revelações em preto e branco, o laboratório fotográfico começou a funcionar em meados da década de sessenta. Em 1970, o fotógrafo contratou um táxi aéreo de Chapecó para fazer a primeira tomada aérea da cidade¹³⁰. Acompanhado do delegado de polícia, Alberto Baldissera, o avião pousou na praça municipal Germano Griss, sendo um dia marcado na memória das pessoas que puderam prestigiar aquele período, pois muitos nunca tinham visto um avião de perto.

As imagens deste subcapítulo nos permite apreciar o desenrolar da vida nos tempos mais antigos do município de São Domingos. São memórias que a grande maioria da população que mora no local hoje, não tem ideia de como era. O seu crescimento teve como base as serrarias. Muitos moradores se fixaram no local, atraídos seja pela oportunidade de progresso com a aquisição de grandes áreas de terra para a instalação de suas serrarias ou em busca de emprego ou até mesmo instação dos primeiros comércios a fim de suprir as necessidades da população crescente.

¹³⁰ Figura 20.

4.3 PRIMEIRA INDÚSTRIA DE ERVA-MATE NO MUNICÍPIO

A família Pretto se instalou na comunidade da Linha Imigra em 1951. Saíram de Ilópolis, Rio Grande do Sul para avaliar as terras e segundo Deonilo Pretto, seu bisavô, Antônio, recomendou que os filhos procurassem por terras planas e com grande quantidade de Pinheiros afirmando que após o período de extrativismo chegariam as máquinas para o cultivo das terras e criação de gado. Após dias de viagem no lombo de cavalos, chegaram a Chapecó passando logo após por Xaxim e Xanxerê com destino à comunidade da Imigra, adquirindo uma área de terra das famílias Scheffer e Hennerich.

Iniciaram suas atividades econômicas instalando uma pequena serraria utilizando o maquinário que a família possuía no vizinho Rio Grande do Sul, mas esta não prosperou por muito tempo¹³¹.

Figura 59 — Serraria da família Pretto na Linha Imigra em 1951.



Fonte: PRETTO, 2022, p. 17.

Na Linha Imigra, começaram a surgir os primeiros indícios da evolução. O surgimento da energia elétrica gerada por uma pequena hidrelétrica no Rio Emigra era fornecida pela família Lammel a comunidade que era composta por cerca de 50 famílias. Em 1957, Abramo Miguel Pretto voltou ao Rio Grande do Sul para buscar o antigo moinho da família. Devido à demanda por moagens, Abramo montou um depósito em sua residência. Com uma carroça, ia buscar os grãos de milho, trigo e arroz e depois entregava as famílias o pagamento, sendo este, feito por porcentagens. Com o passar do tempo, outros moinhos foram instalados e a clientela diminuiu sendo encerradas as atividades por volta de 1971.

¹³¹ A serraria da família Pretto não foi mencionada nas entrevistas e identificada no mapa das serrarias do município devido a pouca referência encontrada sobre a mesma que, pelas informações teve pouca duração.

Com o fim da serraria, iniciam um novo ciclo: trabalhar com a erva-mate. Representava a ampliação da atividade industrial no município.

Figura 60 — Carregamento de erva na década de 1960.



Fonte: PRETTO, 2022, p. 17.

No princípio, a erva era vendida para indústrias de chimarrão no Rio Grande do Sul. Era erva cacheada como diziam que consistia em colher as folhas e pequenos galhos do pé nativo, secar e comercializar.

Chegava a hora de ampliar os negócios. Deonilo vai até Joaçaba no IBDF, órgão responsável por autorizar o corte e a industrialização da erva-mate. Elaborada a planta da empresa e registrada, o órgão liberou a construção da fábrica e a comercialização da erva. Foi necessário um ano para que o empreendimento pudesse funcionar. Entre as etapas estava o financiamento, a compra de maquinários, terreno e caminhão.

Figura 61 — Construção da ervateira -1975.



Fonte: PRETTO, 2022, p. 48.

Figura 62 — Ervateira em 1978.



Fonte: PRETTO, 2022.

O caminhão apelidado de “espeto”, um Mercedes Benz L-1111 foi adquirido de Germano Griss, um dos proprietários de serraria da Família Griss. A ervateira denominada Irmãos Pretto e Cia Ltda era uma sociedade formada por Deonilo, seus irmãos Antônio e Iloir e pelo cunhado Alberi. Deonilo foi quem desenhou a embalagem para comercialização da erva e a responsável pelas primeiras vendas foi a marca Tradicional e mais tarde a marca Alvorada.

Figura 63 — Primeira embalagem em 1976. Figura 64 — Segunda Embalagem em 1978.



Fonte: PRETTO, 2022, p. 48.



Fonte: PRETTO, 2022, p. 48.

Deonilo percorreu cidades como Anchieta, São José do Cedro, Guarujá do Sul e São Miguel do para vender e divulgar a marca. O caminhão “espeto” carregado com 8.000 kg de erva seguia transportando. Se não vendesse o produto, deixava exemplares no mercado de forma condicional que só seria paga se o produto fosse vendido. Após inserir o produto no mercado catarinense, foi levada para o Paraná e o Rio Grande do Sul.

A colheita da erva era feita duas vezes por ano, sendo a partir da segunda quinzena de maio até o final de agosto as maiores colheitas e a menor, com a safrinha de janeiro. Antônio e Eloir eram responsáveis pelo comando da colheita da erva, o cunhado pela industrialização e Deonilo chefiava tudo e ainda dirigia o velho caminhão. A empresa chegou a ter 142 tafeiros na extração da erva-mate. Com filiais em Abelardo Luz e Palma Sola - SC e Vitorino, no Paraná, as fábricas chegaram a produzir 100 mil quilos de erva por mês sendo seu auge em 1978 com recordes na produção. Na figura abaixo, temos uma nota fiscal com a venda de 600 kg de erva para um minimercado na cidade de Novo Hamburgo - RS.

Figura 65 — Nota de venda da erva-mate em 1984.

Irmãos Pretto & Cia Ltda
 Extração e Industrialização
 de ERVA MATE
 Ca. Postal 45 - Fone (0485) 43-243
 Estrada Geral p/ Vila Ingá
 SÃO DOMINGOS - Santa Catarina
 Destinatário das Mercadorias

NOTA FISCAL Mod. 1 Série C-1
 1ª VIA Nº 00825
 16a Domingos - Sta Catarina
 CUCMF ESTFNL001-06 - Fone: 541.2994790
 Natureza da Operação Venda
 Via de Transporte 2000000000
 Data de Emissão da Nota 01 / 02 / 84

Nome do Fornecedor: Irmãos Pretto & Cia Ltda
 Endereço: Estrada Geral p/ Vila Ingá, nº 45
 Município de: SÃO DOMINGOS Estado: SC
 Inscrição Estadual: 086/0064354

A	B	C	D	E	F	G	H
Quantidade	Descrição	Valor Unit	Valor Total	Costo de Produção	Valor de Entrada	Valor de Precatário	Valor Total FFG
600	Erva mate ind. tipo 250-2	100,00	600,00				240,000,00
Descrição da mercadoria: Mercadoria Encargada IZF Nº 000127 Data: 02 de 12, 01, 84							
TOTAL C/8							240,000,00

DEBITOS ATRIBUÍDOS (Por valor de Descontos):
 PIS: 00
 COFINS: 00
 IPI: 00
 Total: 00

VALOR TOTAL DA NOTA C/8: 240,000,00
 Imposto de circulação de Mercadorias (Deduzido do preço) 18%
 Retornado para o cliente de 12%: 28,800,00

Nome do Transportador: Irmãos Pretto & Cia Ltda
 Endereço: Estrada Geral p/ Vila Ingá, nº 45
 Município de: SÃO DOMINGOS Estado: SC

SAÍDA DO PRODUTO:
 Tipo: 1
 Quantidade: 600 kg

ESPECIES:
 Marca: 400000
 Quantidade: 600 kg
 Descrição: Erva mate ind. tipo 250-2

Assinatura: Irmãos Pretto & Cia Ltda
 Nota Fiscal Mod. 1 Série C-1 Nº 00825

Fonte: PRETTO, 2022, p. 59.

Na década de 1980, a crise no comércio da erva, sinistros como a destruição pelo fogo e vendavais, as dívidas, os altos e baixos na produção, o aumento da inflação com a chegada do Plano Cruzado durante o governo de José Sarney e o congelamento de preços e salários, as coisas ficaram mais difíceis e a empresa chegava ao fim no final da década de 80. A família vendeu toda a matéria-prima que tinha no estoque e passou a se dedicar somente a atividade agrícola. Iniciaram um processo de dissolução da sociedade irmãos Pretto, sendo as terras e todo o patrimônio dividido entre os sócios.

Deonilo foi em busca de um novo sonho: cursar Direito. Já casado e com dois filhos, ele e sua esposa fizeram vestibular para o curso de Direito em São Carlos, SP. Há mais de 1000 km de São Domingos, se dividiram entre estudos, trabalho e família. Depois de formado, retorna ao município onde exerceu funções de advogado, vereador, prefeito e delegado regional. Teve grande destaque na vida política, onde exerceu mandato de vereador entre 1976 a 1981 e prefeito nos mandatos de janeiro de 1993 a dezembro de 1996 e entre janeiro de 2001 a dezembro de 2004.

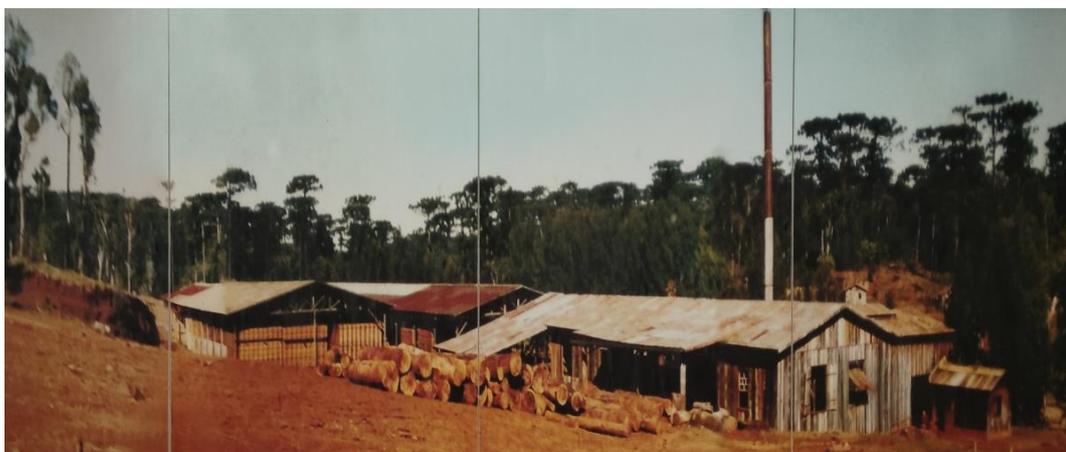
É possível perceber que os primeiros empreendedores tiveram ligações diretas com as serrarias e muitos deles se destacaram na política do município. Vereadores, prefeitos, comerciantes e industriais que deram impulso a economia do lugar gerando oportunidades de emprego, moradia e renda. Na década de 80 o município apresentou seu maior crescimento populacional chegando aos 14.093 habitantes conforme os dados do censo demonstrados na tabela número dois. Esse aumento populacional coincide com o período de maior atuação das serrarias no município de São Domingos.

4.4 A SERRARIA SE TRANSFORMA EM LOCAL DE PRESERVAÇÃO: O PARQUE ESTADUAL DAS ARAUCÁRIAS.

As Áreas ou Unidades de Conservação (UCs) foram criadas para minimizar a perda da biodiversidade, bem como sua conservação. As populações do entorno desempenham um grande compromisso para que essas áreas sejam protegidas, sendo fundamental o engajamento das comunidades locais. “Entretanto, somente a criação das unidades não atinge a conservação dos ecossistemas se não houver uma boa relação ser humano-natureza”. (LUCENA, 2010, *apud* PRADEICZUK; RENK; DANIELI, 2015, p. 14).

A atual área do Parque Estadual das Araucárias foi sede de uma antiga serraria do município de São Domingos, a serraria Berthiér.

Figura 66 — Serraria Berthiér em 1987.



Fonte: Galeria de fotos do Parque Estadual das Araucárias. Consulta local.

O Rio Jacutinga que corta o Parque é um afluente do Rio Bonito, passando pelo distrito de Vila Milani e serve para o abastecimento, além de comunidades do interior e da

cidade de São Domingos. A criação do Parque tem como objetivo a preservação de ecossistemas naturais e promover o potencial turístico do município, bem como realizar atividades de educação ambiental, além de ser um local para pesquisas científicas e de extensão, contribuindo para a proteção da bacia do Rio Jacutinga que corta a maior área do Parque.

A abertura de áreas na região para a agricultura no Oeste Catarinense causou muitas consequências e o que restou da vegetação foram pequenos fragmentos isolados que sofrem com alguns problemas como a caça, a presença de animais domésticos e a retirada de madeira, prejudicando a conservação da flora e fauna. A caça era considerada uma atividade tradicional de sobrevivência de muitas famílias da região, uma das formas de obter a proteína animal. Porém, por outro lado, boa parte da diminuição da fauna está associada ao processo extrativista madeireiro, visto que a população da região era empregada diretamente para trabalhar nesse tipo de atividade. (PRADEICZUK; RENK; DANIELI, 2015, p.19).

Figura 67 — Vista aérea do Parque Estadual das Araucárias.



Fonte: <https://www.ima.sc.gov.br/index.php/biodiversidade/unidades-de-conservacao/parque-estadual-das-araucarias>. Acesso em 15 de outubro de 2022.

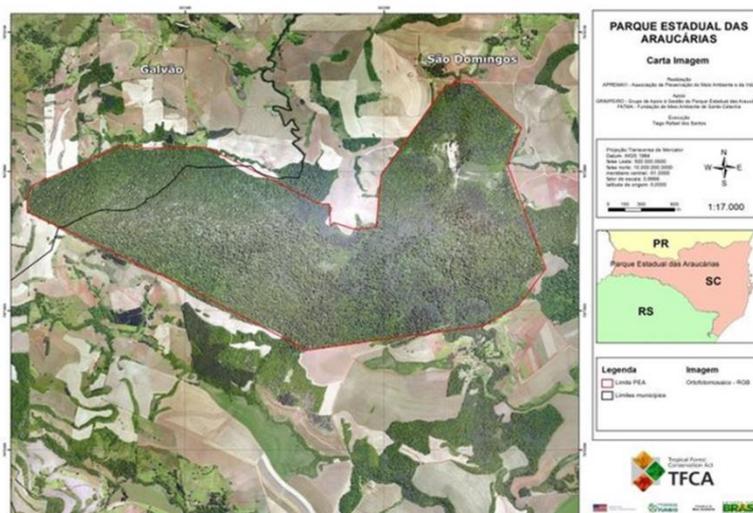
Jorge Berthier de Almeida comprou a área onde hoje é o Parque, no ano de 1966. Os antigos proprietários da terra pertenciam às famílias Hauer e Meyer e residiam em Curitiba, mas não tiveram interesse em aproveitar as riquezas da região. Cerca de dez famílias trabalhavam e moravam no local. Em alguns períodos, a serraria chegou a ter 20 famílias trabalhando no local. Jorge Berthier já possuía experiência com a exploração de madeira, pois tinha uma serraria no município de Mangueirinha, no estado do Paraná. Essa serraria foi desmontada e trazida para São Domingos, em 1979. Junto vieram alguns funcionários como o senhor Balduino Camera. Ele passou a residir no local junto da sua família. Atualmente, a

antiga casa da família serve como base operacional do Parque Estadual das Araucárias, aonde pesquisadores e estudantes de várias regiões do Brasil vêm fazer suas pesquisas e também podem se abrigar. Segundo as entrevistas, quando foi criado o Parque, o restante do material e dos equipamentos da antiga serraria não foram deixados no local apesar das inúmeras tentativas de sua preservação.

Dentro da sede do Parque estão reunidas muitas fotos que foram cedidas por membros da comunidade, antigos proprietários e funcionários das serrarias e que ajudam a contar a história da atividade madeireira no município. A maior parte do acervo fotográfico é sobre registros da atividade das serrarias com fotografias e com depoimentos de antigos proprietários e operários que atuaram na atividade madeireira no município. Por ser o local onde funcionou uma serraria, a maioria dos registros fotográficos expostos, são de atividades relacionadas com a exploração madeireira.

O Parque Estadual das Araucárias abrange uma área 625,11 hectares e está localizado nos municípios de São Domingos e Galvão. Foi criado pelo Decreto nº 293 de 30 de maio de 2003, como uma compensação aos impactos da construção da Usina Hidrelétrica Quebra Queixo. Foi aberto à visitação pública no dia 07 de Abril de 2016. Recebe de quarta a domingo, visitantes que podem observar a variedade das espécies tanto da fauna como da flora que ainda é bastante diversificada.

Figura 68 — Localização e área do Parque Estadual das Araucárias.



Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Localizacao-do-Parque-Estadual-das-Araucarias-nos-municipios-de-Sao-Domingos-e_fig6_303520722. Acesso em 18 de janeiro de 2025.

O Parque é administrado pelo IMA e foi criado com o objetivo de conservar uma amostra de Floresta Ombrófila Mista, onde a principal espécie é a araucária extremamente

ameaçada pelas ações humanas. De acordo com a FATMA, (2007), foram registradas cerca de 11.000 unidades do pinheiro, porém destas, atualmente, restaram apenas 4.500. “As Unidades de Conservação que proporcionam o uso público facilitam às pessoas o acesso individual e coletivo à natureza por meio de programas de Educação Ambiental, o que representa um direito de todos e é onde todos são educadores e aprendizes”. (PRADEICZUK; RENK; DANIELI, 2015, p.25).

A criação do Parque Estadual das Araucárias é uma iniciativa que contribuiu para a conservação da Floresta Ombrófila Mista, caracterizada pela espécie Araucária angustifolia, além do retorno de espécies de animais e protegendo nascentes de rios como o Jacutinga. O parque mantém câmeras de monitoramento espalhadas pela área de preservação com o objetivo de capturar imagens da biodiversidade de espécies de animais que transitam pela área e também entender seus hábitos e comportamentos.

O Bioma da área é caracterizado pela Mata Atlântica, um dos biomas mais ameaçados e com uma rica biodiversidade que se encontra em diversos estágios de regeneração. A vegetação do Parque é composta principalmente pela Floresta com Araucárias, além de espécies vegetais como o cedro, angico-vermelho, cabriúva, canela-amarela, canela-branca, erva-mate, jerivá, camboatá-branco, açoita-cavalo e o pessegueiro-do-mato. A área também protege uma pequena porção de vegetação que é típica de banhado, com espécies como a cavalinha que representa um dos grupos de plantas mais antigos do planeta.

Além de conservar essa amostra da floresta, o Parque também tem a finalidade de preservar espécies de animais que estão ameaçados de extinção, como o gambá, a gralha azul a jacutinga, o papagaio-de-peito-roxo, a jaguatirica, o gato-do-mato-pequeno, o gato-maracajá, o puma, o veado-poca e inúmeras outras espécies que estão espalhadas pelo Parque.

A sede do Parque mantém algumas estruturas da antiga serraria que ali funcionou. Entre elas está o lago das Capivaras que servia para reservatório de água para os moradores da serraria, os fornos que eram usados para a produção de carvão usando o refugo da madeira da serraria e a estrutura de concreto que era a base da serra-fita.

Figura 69 — Base de concreto da antiga serra-fita da serraria Berthiér.



Fonte: Fotografia da autora em 14 de junho de 2024.

Juarez fala que:

Hoje, no lugar da antiga serraria do Sr. Jorge Bertier, é a sede do Parque. Onde que ainda conta parte da história da madeira. Lá ainda dá para ver os resquícios da madeira. Tem os antigos fornos de carvão da madeira que estão lá ainda, de pé. O antigo lago que era usado porque tinha que ser água limpa para locomóvel tá lá. Tem, tem bastante história lá ainda¹³².

Percorrendo as trilhas do Parque estão distribuídas placas com a identificação de estruturas e de espécies vegetais que estão presentes no local.

Figura 70 — Identificação dos antigos fornos de carvão da serria Berthiér.



Fonte: Fotografia da autora em 14 de junho de 2024.

“Desde a iniciação dos programas ambientais na área de implantação da UHE Quebra Queixo, a população do entorno já demonstrou expectativas de uso e de visitação, um

¹³² Entrevista concedida por CAMERA,, Juarez . Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti, 2024.

exemplo são as trilhas que os próprios moradores auxiliaram na construção”. (FATMA, 2007, *apud* PRADEICZUK; RENK; DANIELI. 2015, p. 21). As fotos abaixo foram registradas no percurso de uma das trilhas do Parque. Um antigo forno de carvão usado na serraria entre o período de 1979 a 1981 e a informação sobre a bacia hidrográfica do Rio Jacutinga que abrange uma área de 4.760 hectares.

Figura 71 — Antigo forno de carvão utilizado pela serraria.



Fonte: Fotografia da autora em 14 de junho de 2024.

Figura 72 — Placa da Bacia Hidrográfica.



Fonte: Fotografia da autora em 14 de junho de 2024.

A diminuição da cobertura vegetal e da fauna na área do Parque está diretamente associada ao processo extrativista madeireiro que ocorreu durante o período de existência da serraria Berthiér. A ONG Grimpeiro apoia e auxilia a gestão do Parque, além de representar uma peça importante no planejamento ambiental. Juarez Camera, participante do grupo dos grimpeiros e antigo madeireiro da serraria Berthiér, mudou sua percepção quanto o ambiente em que vive e acrescenta:

É uma faca de dois gumes. Antes, retirando a madeira e agora ajudando a preservar. Eu brinco com a molecada mais nova que. Tudo que eu fiz de errado antes eu tô me redimindo agora. Mas não é, não foi errado. Era um ciclo. Houve o ciclo do ouro, o ciclo do café, o ciclo da madeira. Hoje, o nosso ciclo atual é a agricultura. Então, se não tivesse sido tirado toda essa quantidade de madeira, não existiriam as cidades, não existiria toda essa população, porque onde foi retirada a madeira, virou a agricultura. E é a agricultura que nos sustenta hoje. Se não fosse a agricultura, eu acredito que nem a metade da população do estado não teria. Então, foi um ciclo, como tudo na nossa vida são ciclos. E, claro, tem que preservar, com certeza que tem. Mas o nosso estado é um estado muito bem preservado em matas¹³³.

¹³³ Entrevista concedida por CAMERA, Juarez. Entrevista [06.2024]. Entrevistador: Tatiane Lazzarotti.

Embora o ciclo da madeira do último século tenha durado poucas décadas, foi suficiente para colocar em risco a extinção de diversas espécies da flora e da fauna. A araucária está em perigo de extinção, mas atualmente, a proibição de sua exploração e as iniciativas de conscientização e fiscalização, tornou possível minimizar a perda da biodiversidade onde se encontra em diversos estágios de regeneração.

A criação do Parque representa uma boa iniciativa para o desenvolvimento sustentável no município e um exemplo de transformação de um lugar que antes retirava a madeira pela serraria e hoje preserva os resquícios dessa área de floresta. O Parque, além de representar a preocupação com a preservação da fauna e da flora do município de São Domingos, também se constitui em espaço de memória com um acervo fotográfico que é capaz de evidenciar a história da atividade das serrarias no município de São Domingos. “A história é a testemunha dos tempos, a luz da verdade, a vida da memória, a mensageira da velhice, por cuja voz nada é recomendado senão a imortalidade do orador”. (KOSELLECK, 2006, p. 43)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com temáticas ligadas ao campo da História Local requer um compromisso e uma certeza de que a história nunca estará completa. Uma modalidade contemporânea na historiografia brasileira que valoriza a história popular, que é a história mais próxima dos homens comuns e não mais apenas das elites. Analisa um espaço delimitado, mas articulado com o contexto regional e global. As experiências e as expectativas entrelaçam o passado com o futuro. A memória enquanto fonte histórica com infinitas possibilidades de pesquisa, não é apenas um depósito de informações e lembranças, mas um caminho para ampliar as discussões. Visto que a memória não permite uma precisão sobre o objeto de estudo, pois está sujeita a esquecimentos e distorções.

Nas pesquisas que trabalham com as memórias, a fonte oral passa a ganhar credibilidade, embora enfrentassem muita resistência e desconfiança na historiografia, pois eram vistas como fontes subjetivas. Com a expansão dos cursos de ensino superior, começam um número significativo de produções voltadas para este campo. O uso de entrevistas norteou a pesquisa e foram fundamentais para colher informações sobre o período de atuação das serrarias no município de São Domingos. Aliado às entrevistas, e somado aos documentos escritos, as fontes iconográficas serviram de fonte de pesquisa muito utilizada nesta dissertação. A partir de uma imagem fixa é possível analisar os fragmentos da sociedade e conhecer o período de estudo sobre a atividade desempenhada pelas serrarias no município de São Domingos. As imagens são um ponto de análise que permitem que sejam decifrados os seus significados.

O recorte temporal adotado foi o período entre 1950 a 1986 compreendido como a fase de instalação e funcionamento das serrarias em São Domingos – SC e que proporcionaram a configuração atual do município, ou seja, o seu maior crescimento.

Buscou-se compreender as formas de ocupação que se estabeleceram na região do Oeste Catarinense bem como o povoamento do município de São Domingos. As fases de ocupação foram a indígena e cabocla seguida pelos colonos. Apesar de termos encontrados poucos registros da presença indígena no município, foi com as pesquisas arqueológicas feitas função do licenciamento ambiental para a construção da Usina Hidrelétrica Quebra-Queixo que revelaram a existência de sítios arqueológicos. São sítios muito superficiais que não permitiram seus registros estando suas estruturas originais bastante alteradas em decorrência

das atividades agrícolas sucessivas na região. Embora muito superficiais, comprovam a primeira fase de ocupação.

A fase seguinte é marcada pelo surgimento do homem caboclo. Foi o contingente populacional predominante no Oeste catarinense. Este, sim, foi o verdadeiro desbravador que abriu caminhos nas matas tropeando o gado e extraindo a erva-mate. Fruto de uma raiz histórica que o considerava inferior ao elemento branco, visto como atrasado, inculto, caipira e matuto, foi marginalizado e destituído de suas terras, sendo por muito tempo omitido da história oficial. Atualmente, as pesquisas tem dado um novo olhar para estes que foram subjulgados e condenados a uma invisibilidade social. Pos dados encontrados na pesquisa, o caboclo foi pioneiro na ocupação, explorando primeiramente os ervais e depois trabalhando como operário nas serrarias do município.

Na terceira fase a região Oeste é ocupada pelo colonizador de origens europeias. Vindos principalmente das colônias do Rio Grande do Sul no início do século XX, incentivados pelas empresas colonizadoras que ofertavam terras baratas e abundantes para extração dos recursos naturais. O novo território representava esperança e oportunidade. Uma ação que trouxe prejuízos aos nativos e caboclos na medida em que as madeiras e serrarias foram se instalando.

Quando esses novos desbravadores chegam, encontram um território com densa floresta que precisava ser abatida para a implantação de áreas agrícolas. A abundância de araucárias e outras madeiras nobres incentivou a instalação de inúmeras serrarias por toda a região. Em São Domingos, foram oito serrarias que tiveram atuação. Em 1952, é instalada a primeira serraria, a de Germano Griss e os registros dessa atividade vai até 1986. Famílias inteiras se estabeleceram no local em busca de trabalho e moradia fixa. Os proprietários das serrarias ofereciam casas para os operários ou davam condições facilitadas para que adquirissem um terreno e construíssem suas moradas.

Os pinheirais representavam um empecilho para a prática da agricultura, mas também o beneficiamento da madeira serrada serviu para abastecer tanto o mercado interno como o comércio internacional com as demandas da construção civil. A Argentina foi um grande parceiro comercial, tendo o Rio Uruguai como meio de escoar a madeira. O Balseiro foi um personagem importante dessa etapa. Ele aguardava as cheias para a descida das balsas pelo rio, enfrentando situações de perigo e instabilidade.

A empresa estadunidense conhecida como Lumber, teve um papel de destaque na exploração madeireira catarinense. Com tecnologia avançada, foi responsável por abastecer os grandes centros do país com os derivados de madeira. Junto com outras centenas de serrarias,

fez uso dos recursos florestais e apesar de terem contribuído para o seu esgotamento ou quase sua extinção, elas determinaram o surgimento e o crescimento de vilas e cidades por todo o Oeste e Meio Oeste catarinense. A Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande e seus ramais tornaram possíveis o escoamento da madeira. Numa época em que não havia estradas e caminhões, a ferrovia proporcionou o avanço da atividade madeireira.

Em São Domingos, os donos das serrarias foram os que primeiro adquiriram as extensas áreas de terras das companhias colonizadoras. No estudo realizado percebe-se a grande influência junto às autoridades do Estado e da região para efetuar obras que viessem a melhorar principalmente a circulação das pessoas e da produção. Esses proprietários se destacaram na política municipal e, como comerciantes e industriais, deram os primeiros impulsos para o crescimento do local. Favoreceram a abertura de estradas, construção de escola, hospital e igreja. Os proprietários das serrarias, os comerciantes e colonos migrantes poderiam ser os mesmos personagens da história onde se dedicaram a atividades variadas que iam além das serrarias. O local vai crescendo e ganhando novas configurações, com novos comércios que agora supriam as necessidades da população, como mercearias, clube, ferraria e ervateira.

A antiga serraria Berthiér, hoje, faz parte de uma área de preservação ambiental. Antes desmatando e agora preservando com a criação do Parque Estadual das Araucárias. Sua criação foi uma compensação da implantação da Usina Hidrelétrica Quebra Queixo abrigando um acervo fotográfico não apenas da antiga serraria, mas de outras que existiram no município. A criação do Parque demonstra a preocupação atual com intensa devastação das florestas que perdurou até fins da década de 1980 seja por razões como lucro ou até mesmo o desconhecimento sobre as consequências da prática exercida pelas serrarias. O Parque surge então pela necessidade de preservar uma amostra da Floresta Ombrófila Mista no município.

Os registros iconográficos possibilitaram a compreensão do início da formação do município. Fotografias que merecem ser compartilhadas para que mais pessoas conheçam a história desse lugar. Embora a maioria das serrarias pesquisadas não possuam registros da sua atividade, as que conseguimos resgatar permitem conhecer e ilustrar esse período da nossa história. As recordações vivas partilhadas com muito entusiasmo e emoção através das entrevistas com pessoas que vivenciaram a época das serrarias sejam pelo contato direto ou indireto, conseguiu-se aproximar os relatos com a base teórica e assim realizar a proposta da pesquisa.

Diante das fontes analisadas, das entrevistas e dos registros iconográficos, a pesquisa revelou dados que permitem algumas conclusões: as serrarias do município eram empresas

familiares; usavam a água como principal fonte de energia e em três delas a fonte energética para mover a serraria foi com o tempo, substituída e melhorada pelas locomóveis; suas técnicas de trabalho eram bastante manual sendo a serra-fita o principal equipamento do interior das serrarias; os proprietários das serrarias vieram das colônias do Rio Grande do Sul; foram fundamentais para o surgimento do município; geraram oportunidades de trabalho.

Constatou-se que o maquinário e o espaço das serrarias não estão mais presentes no lugar. Ficaram as lembranças na memória das pessoas e algumas fotografias e documentos que permitem voltar aquele passado, mesmo que de maneira fragmentada. O maior crescimento populacional foi entre as décadas de 1960 a 1990, período em que houve a forte atuação das serrarias no município. Essas pequenas indústrias trouxeram mudanças nos aspectos ambientais, políticos, sociais, econômicos e culturais do local estudado. Trouxeram claro, impactos negativos, mas também foram a base para o surgimento e crescimento do município. A extração das araucárias foi diminuindo e as serrarias encerraram suas funções e hoje, a presença de uma UC demonstra a preocupação em preservar uma amostra da floresta e também promoverem sua regeneração minimizando assim, a perda da biodiversidade. Portanto, em cada momento histórico os modos de fazer e de se apropriar da natureza foram diferentes.

É importante salientar que os resultados obtidos fruto desta pesquisa não devem ser considerados uma verdade absoluta. Aqui está representada uma amostra das experiências vividas no início da configuração do município que esteve intimamente ligada às serrarias. Ao analisar as experiências compartilhadas pelas entrevistas esta pesquisa contribui para ampliar o conhecimento sobre o período de atuação das serrarias e ademais, percebemos que os resultados obtidos podem lançar base para novas abordagens sendo esta pesquisa um ponto de partida em que ainda podem seguir novas perspectivas buscando compreender nosso passado, presente e futuro.

6 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. **Fronteiras**, [S. l.], v. 10, n. 17, p. 55–67, 2008. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/FRONTEIRAS/article/view/62>. Acesso em: 22 jan. 2025.

ALVES, Maria Cristina Santos de Oliveira. **A importância da história oral como metodologia de pesquisa**. Anais eletrônicos da IV Semana de História do Pontal/III Encontro de Ensino de História. ISSN: 2179-5665. Universidade Federal de Uberlândia: Ituiutaba, MG, 2016.

ARARIPE, F. M. A. (2022). **Do patrimônio cultural e seus significados**. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/6371>. Acesso em 28 de setembro de 2023.

BARROS, José Costa D.'Assunção. História, região e espacialidade. **Revista de História Regional**, 2005.

BARROS, José D.'Assunção. **História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço**. *Mouseion*, v. 3, n. 5, p. 35-67, 2009.

BARROS, José D.'Assunção. **O lugar da História Local**. São Paulo: Intervezes, 2013.

BARROS, José D.'Assunção. **Rupturas entre o Presente e o Passado**: leituras sobre as concepções de tempo de Koselleck e Hannah Arendt. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, v. 21, p. 195-213, 2011.

BATTISTEL, Arlindo. **Colônia italiana**: religião e costumes. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia. São Lourenço de Brindes, 1981.

BELLANI, Eli Maria. Balsas e balseiros no Rio Uruguai (1930-1950). **Cadernos do CEOM**, Chapecó, v. 19, n. 23. p. 73-97, 2006.

BITTENCOURT, Circe Maria F. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2009.

BONI, Luiz A. de (Org.) **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre, Est. 1987.

BORGES, Vavy P. **O que é história**. São Paulo. Brasiliense, 1988.

BORTOLI, Idelma; CABRAL, Edmir. **Todos os dias São Domingos**. Editora Divina Letra, 1996.

BRANDT, Marlon. Criação de porcos “à solta” na Floresta Ombrófila Mista de Santa Catarina: paisagem e uso comum da terra. **História** (São Paulo. Online), v. 34, p. 303-322, 2015. Link <https://www.scielo.br/j/his/a/bM66tZLZsQ8hQv6xgq3bf6k/?format=html>.

BREVES, Wenceslau de Souza. O Chapecó que eu conheci. **Revista do Instituto histórico e geográfico de Santa Catarina**, n. 6, p. 7-73, 1985.

BURKE, Peter. (Org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed da UNESP, 1992.

CABRAL, Diogo De Carvalho; CESCO, Susana. **Notas para uma história da exploração madeireira na Mata Atlântica do Sul-Sudeste**. *Ambiente & Sociedade*, 2008, 11: 33-48.

CALDARELLI, Solange Bezzer. Projeto de resgate arqueológico na área diretamente afetada da UHE Quebra-Queixo, SC. **Relatório Final**. Florianópolis: Scientia Ambiental. (2002).

CAVALCANTI, Leonardo. **A década de 2010 (2011-2020): Dinamismo e mudanças significativas no panorama migratório e de refúgio no Brasil**, p. 8-23.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história/Michel de Certeau**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica [de] Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 01-104, 1982.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 6. ed. São Paulo: Estação Liberdade/Ed. UNESP, 2017.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs) **Paisagens textos e identidade**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2004.

COMISSOLI, Adriano. SCHMITT, Anderson Marcelo Schmitt; WINTER, Murillo Dias (Org.). **Fronteiras na História: atores sociais e historicidade na formação do Brasil Meridional (Séculos XVIII-XX)**. 1ªed. Chapecó: Editora da UFFS, 2021, v. 1. p. 11 a 36.

CONSTANTINO, Núncio Santoro. **O que a micro-história tem a nos dizer sobre o regional e o local**. São Leopoldo, *Revista Unisinos* nº 10, 2004.

COSTA, Sandro da Silveira. **Santa Catarina: história, geografia, meio ambiente, turismo e atualidades**. Florianópolis: Postmix, 2011.

CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. **O desmatamento das florestas de araucária e o Médio Vale do Iguaçu: uma história de riqueza madeireira e colonizações**. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

DE CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier; NODARI, Eunice Sueli. As origens da indústria madeireira e do desmatamento da floresta de araucária no Médio Vale do Iguaçu (1884-1920). **Revista Cadernos do Ceom**, v. 21, n. 29, p. 63-82, 2008.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. 6. ed. São Paulo: Hucitec/Nupaub, 2008.

FATMA (Fundação do Meio Ambiente de Santa Catarina). **Plano de Manejo do Parque Estadual das Araucárias**. Florianópolis: FATMA, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. 5ª. edição rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, Rosa Maria. Palavras, Palavras: as fontes orais em discussão. **Caderno de história**. Uberlândia. Vol. 7. 1997.

FERRI, Gil Karlos. A micro-história do imigrante Giuseppe Luigi Ferri e a sua interação com o meio ambiente italiano e brasileiro (1881–1969). **Anais do 4º Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações**.

FOLADOR, João Davi. **História de Campo Erê**. Campo Erê SC, Ed. Cruzeiro-P. M. 1991.

FREITAG, Liliane da Costa. **Extremo-Oeste paranaense: história territorial, região, identidade e (re) ocupação**. 2007.

FRITZEN, Maycon; BRANDT, Marlon. **Dinâmica da paisagem no município de Modelo - SC: rupturas e continuidades**. GeoTextos, 2016.

Fundação do Meio Ambiente - FATMA. **Plano de Manejo - Fase II: Parque Estadual das Araucárias**. 2016. Disponível em <<http://www.fatma.sc.gov.br/conteudo/parque-estadual-das-araucarias>>. Acesso em 18/02/2024.

GERHARDT, Marcos. A erva-mate que crescia à sombra das araucárias. In: NODARI, Eunice Sueli; CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de; ZARTH, Paulo Afonso Zarth. (orgs). **Fronteiras fluidas: florestas com araucárias na América Meridional**. São Leopoldo: Oikos, 2018. p. 152-170.

GERHARDT, Marcos. Imagens, natureza e colonização no Sul do Brasil. In ARRUDA, Gilmar (org.). **Natureza, fronteiras e territórios: imagens e narrativas**. Londrina: Eduel, 2005. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <https://gerhardt.pro.br/index.php?i=1>. Acesso em 31/08/2023.

GIARETA, Jéssica A. LINO, Jaisson. Lugares de memória e ressignificação cultural na Terra Indígena Toldo Pinhal. **Revista Catarinense de História**. Dossiê História Indígena e estudos decoloniais, N. 31, 2018.

HASS, Monica. **O linchamento que muitos querem esquecer**. Editora Argos, 2003.

IMA. Instituto do Meio Ambiente. **Parque Estadual das Araucárias**. Disponível em <<https://www.ima.sc.gov.br/index.php/biodiversidade/unidades-de-conservacao/91-parque-estadual-das-araucarias>>. Acesso em 15 de outubro de 2022.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Cartas Patrimoniais**. 3ª. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004. _____. Coletânea de leis sobre Preservação do Patrimônio. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **O patrimônio cultural da imigração em Santa Catarina**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ; organização, Maria Regina Weissheimer ; texto, Dalmo Vieira Filho. – Brasília, DF : Iphan, 2011. 225 p. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/o_patrimonio_cultural_da_imigracao_santa_catarina.pdf. Acesso em 12/08/20024.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado** – contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006 [original: 1979].

KOSSOY, B. **A imagem fotográfica**: sua trama, suas realidades. In: Realidades e ficções na trama fotográfica. 3ª ed. São Paulo: Ateliê, 2002.

LE GOFF, Jacques. Centro/Periferia. In: _____; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do ocidente medieval**. Bauru: EDUSC, 2006.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 2010.

LINO, Jaisson Teixeira. O povoamento indígena no Sul do Brasil: as contribuições da arqueologia e da história. In: RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir José; ZARTH, Paulo (Org). **História da Fronteira Sul**. Porto Alegre: Letra & Vida – Universidade Federal da Fronteira Sul. 2015, p. 92-108.

LINO, Jaisson Teixeira. **Revista Tempos Acadêmicos**. Dossiê Arqueologia Pré-Histórica, nº 11, 2013, Criciúma, Santa Catarina.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. **História oral como fonte**: problemas e métodos. *Historiæ*, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011. < Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2395> >.

MAYA, Eduardo Ewald. **Nos passos da história**: o surgimento da fotografia na civilização da imagem. *Discursos fotográficos*, v. 4, n. 5, p. 103-129, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NASCIMENTO, Flávia B.; SCIFONI, Simone. A paisagem cultural como novo paradigma para a proteção do patrimônio cultural: a experiência do Vale do Ribeira-SP. **Revista CPC**, São Paulo, n. 10, p. 29-48, maio/out 2010.

NEVES, Joana. História Local e Construção da Identidade Social. *Saeculum – Revista de História*. João Pessoa: Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba, n. 3, jan./dez. 1997.

NODARI, Eunice Sueli. Persuadir para ocupar; atuação das companhias colonizadoras. Esboços: **Revista do Programa de Pós-Graduação em História**. Florianópolis: UFSC, 2002, p. 29-51.

NODARI, Eunice. Fronteiras fluídas: florestas, Rio Uruguai e a ocupação da região. In: ZARTH, Paulo (org.). **História do camponato na fronteira Sul**. Porto Alegre: Editora Letras & Vida; Chapecó: UFFS, 2012. p. 224-239.

PELUSO JÚNIOR, Victor Antonio. **Aspectos geográficos de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 1991

PIAZZA, Walter F. e HUBENER, Laura Machado. **Santa Catarina: História da Gente**. Editora Funadelli, Florianópolis, SC, 1983.

PIAZZA, Walter. **Santa Catarina: sua história**. Lunardelli: Florianópolis, 1983.

POLI, Jaci. **Caboclo: pioneirismo e marginalização**. **Revista Cadernos do Ceom**, v. 19, n. 23, p. 149-188, 2006.

POLI, Jaci. Revolta dos posseiros no Sud do Paraná. In: RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir José; ZARTH, Paulo (Org). **História da Fronteira Sul**. Porto Alegre: Letra & Vida – Universidade Federal da Fronteira Sul. 2015, p. 249-270.

VALENTINI, Delmir. A Guerra do Contestado (1912-1916). In: RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir José; ZARTH, Paulo (Org). **História da Fronteira Sul**. Porto Alegre: Letra & Vida – Universidade Federal da Fronteira Sul. 2015, p. 222-248.

PORTELLI, Alessandro et al. **O que faz a história oral diferente**. Projeto História: Revista do Programa de estudos pós-graduados de História, v. 14, 1997.

PORTELLI, Alessandro. **História oral e poder**. Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH, Fortaleza, 2009. In: Mnemosine, Vol.6, nº2, 2010, p. 2-13.

PRADEICZUK, Aline; RENK, Arlene; DANIELI, Marcos Alexandre. **Percepção ambiental no entorno da unidade de conservação Parque Estadual das Araucárias**. **Grifos**, v. 24, n. 38/39, p. 13-32, 2015.

Prefeitura de São Domingos. **Aspectos históricos e geográficos**. Disponível em <https://saodomingos.sc.gov.br>. Acesso em 19 de outubro de 2022.

PRETTO, Donilo Agostinho. **Chão Batido: biografia**. 1ª edição. Pinhalzinho-SC: Pula-Pula. 2022.

RADIN, J. C.; VALENTINI, D. J. (Org.); ZARTH, P. A. (Org.). **História da Fronteira Sul**. 1ª. ed. Porto Alegre: Letra e Vida, 2016. v. 500. 352p.

RADIN, José Carlos. **A propaganda das companhias de colonização para a venda dos lotes rurais no Meio-Oeste catarinense**. Esboços: histórias em contextos globais, v. 11, n. 11, p. 145-156, 2004.

RADIN, José Carlos. **Imigração Italiana em Santa Catarina e no Paraná: fontes diplomáticas italianas (1875-1927)**. 658. ed. Chapecó: Ed. UFFS, 2020.

RADIN, José Carlos. **Italianos e Ítalo-Brasileiros na colonização do Oeste Catarinense**. Ed. UNOESC. Joaçaba. SC, 1997.

RADIN, José Carlos. **Questão agrária na fronteira catarinense**. *Tempos Históricos*, v. 18, n. 2, p. 143-163, 2014.

RADIN, José Carlos; CORAZZA, Gentil. **Dicionário histórico-social do Oeste catarinense**. Editora UFFS, 2018.

RADIN, Jose Carlos; SALINI, Ademir Miguel. **O Instituto Nacional do Pinho e a indústria madeireira no Oeste catarinense**. *Professare*, p. 21-46, 2015.

RADIN, José Carlos; SILVA, Claiton Marcio da. 'Um vasto celeiro': representações da natureza no processo de colonização do Oeste catarinense (1916-1950). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 13, p. 681-697, 2018.

RENK, Arlene Anélia. **A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no Oeste catarinense**. 2. ed. Chapecó: Argos, 2006.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio; POZENATO, José Clemente. **Fronteiras sem Divisas: aspectos históricos e culturais da UHE Barra Grande**. Caxias do Sul: EducS, 2005.

RIBEIRO, Rafael Winter. Revisão Técnica. **Paisagem cultural e patrimônio** – Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC. 2007 p. 152.

ROCHA, MP da. **Técnicas e planejamento em serrarias**. Curitiba: Fupef, p. 121, 2002.

RÖPER, Janaina Godoy. **Desempenho operacional de uma serraria de pequeno porte no município de Curitiba-SC**, 2018.

ROSSI, Esther Mayara Zamboni. **Subindo a serra: migrações, indústria madeireira e as transformações da paisagem nos campos de altitude no Rio Grande do Sul (1890-1970)**. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/136313>. Acesso em 05 de junho de 2024.

SAINT-HILLAIRE, Auguste. **Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina**. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. Fundamentos Teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo 1988.

SANTOS, Sílvia Coelho dos. **Nova História de Santa Catarina**. 4 ed. Florianópolis: Terceiro Milênio, 1998.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **História local e o ensino da História.** Ensinar a História, p. 111-123, 2004.

SONEGO, Márcio Jesus Ferreira. **A fotografia como fonte histórica.** *Historiæ*, v. 1, n. 2, p. 113-120, 2010.

SPERANÇA, Alceu; SPERANÇA, C. **Pequena História de Cascavel e do .** Cascavel: J.S. Impressora Ltda. 1980.

THOMÉ, Nilson. **Sangue, Suor e Lágrimas no Chão Contestado.** Caçador, Edições Incon, UnC, 1992.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado.** Tradução de Lólio Lorenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado:** história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1992.

VALENTINI, D. J.; MURARO, V. F. **Os Balseiros do Rio Uruguai.** In: Octavas Jornadas de Investigadores en Economías Regionales. “Desigualdades sociales y regionales : políticas más allá de las fronteras. - 1a ed. - Posadas: EdUNAM - Editorial Universitaria de la Universidad Nacional de Misiones, 2014.

VALENTINI, Delmir José. **Tropeiros, ervateiros e balseiros:** memoráveis personagens da história do sertão catarinense. In: *Ágora. Revista de divulgação científica*, UnC, v. 6, n. 1, 1999, p. 79-89.

VITAL, B. R. **Planejamento e operação de serrarias.** Viçosa, MG: Editora UFV, 2008.

WEISSHEIMER, Maria Regina; VIEIRA, Dalmo (orgs.). **O patrimônio Cultural da Imigração em Santa Catarina.** In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Brasília, DF: Iphan, 2011.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 04, n. 08, p. 198-215, 1991.

WORSTER, Donald. **Transformações da terra:** para uma perspectiva agroecológica na História. *Ambiente & Sociedade*. Campinas, V, n. 2, ago-dez. 2002. v. VI, n. 1, jan-jul. 2003.

ZARTH, Paulo A. **Fronteira Sul: história e historiografia.** **História da fronteira sul.** Chapecó: Ed. UFFS, p. 9-24, 2016.

Outras fontes utilizadas:

AGÊNCIA SENADO. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/ha-170-anos-lei-de-terras-desprezou-camponeses-e-oficializou-apoio-do-brasil-aos-latifundios>. Acesso em 02 de setembro de 2023.

Área do Parque Estadual das Araucárias. Disponível em: <https://earth.google.com/web/@-26.47748852,52.53410467,724.68675365a,38253.16440239d,35y,6.53574987h,0t,0r/data=OgMKATA>. Acesso em 17 de junho de 2024.

Biomias do Brasil. Disponível em: <http://brasilbiomasbrasil.blogspot.com/2011/06/mata-das-araucarias.html>. Acesso em 12 de novembro de 2023.

Catálogo do arquivo digital de mapas catarinenses: mapas estaduais e municipais/ – Florianópolis: IDCH, 2024. 141p. Disponível em <https://www.ihgsc.org/mapoteca>. Acesso em 16 de novembro de 2024.

Google maps. Disponível em <https://maps.app.goo.gl/iqXt5W77g3CJjtr89>. Acesso em 17 e junho de 2024.

Mapa da localização do município de São Domingos. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:SantaCatarina_MesoMicroMunicip.svg. Acesso em 17 de junho de 2024.

Retalhamento das terras do Oeste catarinense pelas companhias colonizadoras.

Disponível em:

https://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434423276_ARQUIVO_ColoniasecolonizadorasnaeregiaoSantaCatarina.pdf. Acesso em 17 de junho de 2024.

Sebrae/SC. **Caderno de Desenvolvimento de Santa Catarina** – São Domingos 1. Estudos e Pesquisas. 2. Sebrae. I. Ferreira, Cláudio. II. Tonelli, Soraya, III. Pereira, Paulo Teixeira do Vale. IV Título. Disponível em

<https://datasebrae.com.br/municipios/sc/m/Sao%20Domingos%20-%20Cadernos%20de%20Desenvolvimento.pdf>. Acesso em 30 de outubro de 2023

Serraria de Três Barras. Disponível em:

https://lumbertresbarras.blogspot.com/2010/01/lembrancas-DA-lumber_20.html. Acesso em 14 de junho de 2023.

Staffetta Riograndense. Companhia Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande: Departamento de Terras e Colonização (propaganda). Caxias do Sul, 5 de janeiro de 1921.

Staffetta Riograndense. Propaganda. Companhia de Terras Norte do Paraná. Caxias do Sul, 9 de setembro de 1936. (14cm x 12 cm).

Staffetta Riograndense. Propaganda. Empresa Colonizadora Nardi, Rizzo & Simon. Caxias do Sul, 13 de abril de 1927. (22cm x 12 cm).

UNESCO: Organização das Nações Unidas.

https://ich.unesco.org/doc/src/2003_Convention-Basic_texts_version_2012-PT.pdf. Acesso em 13 de setembro de 2023.

Vista aérea do município de São Domingos. Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Domingos_\(Santa_Catarina\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Domingos_(Santa_Catarina)). Acesso em 17 de junho de 2024.

Entrevistas

BIGOLIM, Arcílio. **Arcílio Bigolim**. Entrevista concedida a Tatiane Lazzarotti. São Domingos/SC, 24 de abril de 2024.

BORTOLI, Cladi Citron. Cladi Citron Bortoli. Entrevista concedida a Tatiane Lazzarotti. São Domingos/SC, 20 de junho de 2024.

BRESSAN, Nelson. **Nelson Bressan**. Entrevista concedida a Tatiane Lazzarotti. São Domingos/SC, 11 de junho de 2024.

CAMERA, Juarez. **Juarez Camera**. Entrevista concedida a Tatiane Lazzarotti. São Domingos/SC, 12 de junho de 2024.

CAMERA, Luci. **Luci Camera**. Entrevista concedida a Tatiane Lazzarotti. São Domingos/SC, 12 de junho de 2024.

GRISS, Naldina. Naldina Griss. Entrevista concedida a Tatiane Lazzarotti. São Domingos/SC, 28 de maio de 2023.

LAMMEL, Volnei Marcos. Volnei Marcos Lammel. Entrevista concedida a Tatiane Lazzarotti. São Domingos/SC, 03 de dezembro de 2024.

MULINARI, Neodir Remualdo. **Neodir Remualdo Mulinari**. Entrevista concedida a Tatiane Lazzarotti. São Domingos/SC, 15 de junho de 2024.

OLIVEIRA, Clodomiro de. **Clodomiro de Oliveira**. Entrevista concedida a Tatiane Lazzarotti. São Domingos/SC, 19 de junho de 2024.

PEDRASSANI, Naldira Griss. **Naldira Griss Pedrassani**. Entrevista concedida a Tatiane Lazzarotti. São Domingos/SC, 20 de agosto de 2023.

PRADO, Gelson do. **Gelson do Prado**. Entrevista concedida a Tatiane Lazzarotti. São Domingos/SC, 13 de junho de 2024.

SIMON, Renato. Renato Simon. Entrevista concedida a Tatiane Lazzarotti. São Domingos/SC, 12 de dezembro de 2024.

APÊNDICE A

Roteiro das entrevistas¹³⁴

- 1- Qual a razão que o fez vir morar nas terras do atual município de São Domingos?
- 2- Como foram adquiridas as terras aqui? De quem compraram?
- 3- De qual local sua família veio?
- 4- Qual a experiência que já tinham com a atividade madeireira?
- 5- Quando a serraria foi montada?
- 5- Quando chegou aqui, havia outras serrarias nas proximidades? Quem eram os proprietários?
- 6- Qual o nome da Serraria da família e/ ou que trabalhava?
- 7- Onde se localizava a serraria?
- 8- Quando começou a instalação da serraria?
- 9- As serrarias foram as primeiras indústrias do município. Como considera elas importantes para a formação / crescimento do local?
- 10- Quem eram os trabalhadores das serrarias? Eles vieram de outros municípios ou estados?
- 9- Como era o processo de ir para a mata retirar a madeira?
- 11- Quais eram as técnicas de corte da madeira?
- 12- Como era realizado o transporte da madeira da mata até a serraria?
- 13- Quais eram os trabalhos feitos com a madeira na serraria?
- 14- Poderia descrever qual era o destino dos produtos que saíam da serraria? Como era transportado?
- 15- Qual era sua tarefa na serraria?
- 16- A serraria chegou a empregar quantos operários?
- 16- Até quando a serraria esteve em funcionamento?
- 17- Porque a atividade da serraria terminou?
- 17- Quais registros você possui sobre a atividade madeireira no município?
- 18- Você considera importante preservar a memória da atividade madeireira feita pelas serrarias? O que você pensa sobre essa atividade fazer parte da história e da memória da história do município?

¹³⁴ O roteiro utilizado não era fixo. Foi alterado conforme as especificidades de cada entrevistado que podem ser observados nas transcrições.

ANEXO A

Link de acesso das entrevistas na íntegra.

<https://docs.google.com/document/d/1S-zH8HJyhf1SoFBiQCf1fd5qSUQkK9Dmj9nVB2cPW8E/edit?usp=sharing>